

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Maristela Barenco Corrêa de Mello

**Da morte do *General* à busca *rizomática*:
o ato de escrever como possibilidade de emancipação**

- *Agenciamentos* entre Cora Coralina,
Gilles Deleuze e Félix Guattari -

Rio de Janeiro, R.J.

2005

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Maristela Barenco Corrêa de Mello

**Da morte do *General*¹ à busca *rizomática*:
o ato de escrever como possibilidade
de emancipação**

- *Agenciamentos* entre Cora Coralina,
Gilles Deleuze e Félix Guattari -

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Estadual
do Rio de Janeiro, como requisito
parcial para obtenção do grau de
Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Cavalieri Bazílio

Rio de Janeiro, R.J.
2005

1 Deleuze e Guattari utilizam a categoria *General* para evidenciar o sistema hierarquizado, considerado *arborescente*, *centrado* e *ditatorial* do inconsciente, fundado sobre o poder também ditatorial da Psicanálise, que sempre encontra um *chefe* e um *general*, o *pai*, enfim, o *uno*. Cfr. DELEUZE, G.; GUATTARI, F., Introdução: Rizoma. In: IDEM, *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995, p. 28 (Coleção Trans).

Maristela Barenco Corrêa de Mello

**Da morte do General à busca rizomática:
o ato de escrever como possibilidade
de emancipação**

- Agenciamentos entre Cora Coralina,
Gilles Deleuze e Félix Guattari –

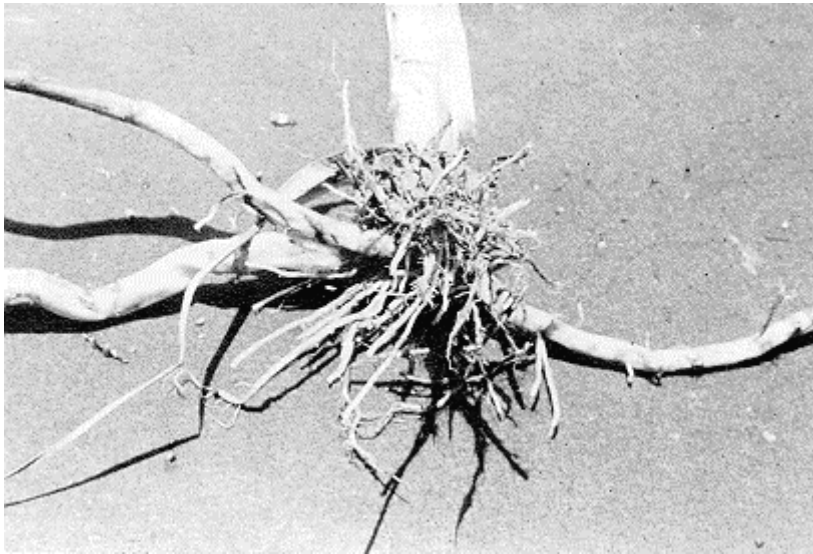
Banca examinadora:

Luiz Cavalieri Bazílio
Orientador

Walter Omar Kohan

Leonardo Boff

Em busca da *velocidade que se adquire no meio...*



*Um rizoma não começa nem conclui,
ele se encontra sempre no meio,
entre as coisas, inter-ser, **intermezzo** .*

*A árvore é filiação,
mas o rizoma é aliança, unicamente aliança.*

*A árvore impõe o verbo “ser,
mas o rizoma tem como t
ecido a conjunção “e...e...e...”*

*Há nesta conjunção força suficiente
para sacudir e desenraizar o verbo ser².*

2 DELEUZE, G.; GUATTARI, F., Introdução: Rizoma. In: IDEM, *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*, v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995, p. 37 (Coleção Trans).

Eu não conseguiria falar de ciência, filosofia e poesia, se não estendesse tal reflexão ao processo cotidiano da vida e de suas inter-relações. Não consigo pensar em uma ciência ou teoria que não esteja a serviço de um projeto político de ser humano, de relações e de humanidade. Nada de positivismo! Mas não posso abrir mão da teologia e da psicologia como ótica e como olhar, herdados na minha formação. Sem pensar o cotidiano da vida e de suas múltiplas inter-relações não consigo pensar a ciência. E assumo isso tranquilamente.

Pois bem... fico pensando... Se é tão difícil entender, teoricamente, a lógica do rizoma, por outro lado, o que há de mais rizomático do que a vida de cada pessoa? Bastávamos reconhecer esse dado. E talvez a humanidade sofresse menos, porque se conhecesse mais... no exato sentido de um desconhecimento diante das inúmeras possibilidades de uma multiplicidade.

A árvore que existe em nossa 'cabeça', como lógica, e que determinou e ainda determina a forma como devemos conceber o conhecimento e a realidade, ilude-nos em relação à dinâmica estática da vida que nos apresenta. A partir dela, aprendemos que a vida é linearidade; que os encontros preexistem; que a realidade é previsível; que dispomos de modelos prontos e categorizados à nossa disposição; que há relações de origem que determinam o que virá e será; que há rupturas incontornáveis; que crises se 'aprofundam'; que há um dentro, pura interioridade, separado de um fora; que há um ponto de saída e um objetivo a ser alcançado; que o sentido é determinado apenas pelo dentro; que a salvação vem do 'alto' e de fora; que

há salvação; que há um cronos determinando aquilo que somos; que os espaços e lugares não são mutáveis; que não há entradas e nem saídas e que o percurso é inexorável...

A lógica do rizoma está aí para evidenciar que há crises extremamente promissoras. Desterritorializar-se, a partir dessa lógica, é muito desconfortável. Mas talvez se aproxime do desconforto mais confortante pelo qual poderíamos ter a oportunidade de passar.

A lógica do rizoma não é oposta à da árvore. É apenas um antimodelo. O rizoma nos lembra que a vida não é estrutura, totalidade determinada, não é linear e preexistente, mas fluxo de agenciamentos com um fora. Pensemos na imobilidade e realidade estática de uma estrutura, com seus pontos. Agora, coloquemos muita velocidade nesse quadro imaginado. A estrutura se desfaz. Os pontos convertem-se em linhas: de articulação, segmentaridade, estratificação, fuga, desterritorialização... Um rizoma é atravessado por essas múltiplas linhas e agenciamentos. Por eles, as realidades se ampliam e mudam de natureza por se conectarem a outras. Existem territórios, como momentos de apropriação e subjetivação, mas que são sobretudo mapas, conectáveis de todas as maneiras, com múltiplas entradas e saídas. Um território se define por um fora. E há os devires, fluxos de desejos, que nos movimentam em um intempestivo...

Não somos árvores. Somos rizomas, tubérculos. Pura potência! Espírito nômade. Podemos, pois, relaxar: não há modelos a serem imitados, não há percursos predeterminados, não estamos presos em nenhum ponto de saída e não há ponto de chegada. Há sempre muitas possibilidades acontecendo... exatamente no meio! O meio é a gênese e é o 'lugar' onde a realidade adquire velocidade.

E aqui, nessa constatação, uma ironia. Na velocidade, os aparentes opostos se conectam. Embora a lógica rizomática caminhe na contramão de um 'Uno' e de 'transcendência', a lógica do rizoma aproxima-se de um viés de espiritualidade, ainda que de forma imanente. E diríamos até de um viés de religiosidade, no sentido de um 'religare' (ainda que hajam rupturas a-significantes em um rizoma, uma ruptura reconhece uma ligação). Sobretudo a lógica da espiritualidade oriental, budista e hindu, trabalha bastante a idéia de um aqui e agora que, mais do que cronológico, aponta para um intempestivo, a-temporal. O místico é aquele que se liberta da nostalgia do passado e da ansiedade em relação ao futuro e está desperto, aqui, para as múltiplas relações da vida, literais. Presente como iluminação, como sinapse, como religação, como rizoma... Sem modelos, sem objetivos. Apenas permissão, para desterritorializar-se e reterritorializar-se permanentemente. E há uma abertura para se experimentar uma infinidade de devires meditativos. O desejo é questionado, cada vez que ele se transforma na ilusão da árvore...

O rizoma também é muito próximo de uma abordagem ecológica. Ecologia não como temática ambiental, mas como paradigma das intro-retro-relações. Como

ciência, a Ecologia está mais próxima da lógica do rizoma do que qualquer outra, exatamente por constituir-se a partir de novos paradigmas. Guattari parece ter reconhecido isso quando se aproximou dos movimentos ecológicos.

A esperança imanente que uma lógica rizomática possibilita é mais vibrante e intensa do que a desesperança, a insegurança e o medo que sentimos a cada vez que ousamos deixar o território e o sedentarismo da árvore... Sem a referência de uma totalidade e linearidade históricas sentimo-nos um tanto perdidos. É fato. Mas o rizoma não é labirinto. É potência, possibilidade. E a proposta não é eliminar as árvores. Mas perceber que a mesma terra - que abriga a raiz que desponta, visível, na verticalidade de uma árvore - também abriga o rizoma, tubérculo radiforme, que se conecta com a diversidade que o cerca, na horizontalidade subterrânea, que não se vê. Precisamos deixar de enxergar a vida a partir da árvore. É preciso devir-terra!

Na perspectiva da árvore, uma mudança de lógica exige esforço e trabalho. Mas talvez a mudança tenha outro significado na lógica do rizoma. Há uma história, de inspiração oriental, que nos possibilita nos aproximar do que vem a ser um intempestivo. Que ela fale por si mesma!

Vou contar a você uma antiga parábola hindu.

Um grande santo, Narada, estava indo ao Paraíso. Ele costumava viajar entre o Paraíso e a Terra. Funcionava como uma espécie de mensageiro entre o outro mundo e este mundo, ele fazia a ponte entre os dois.

Encontrou um velho sábio, muito velho, sentado sob uma árvore repetindo seu mantra. Ele estivera repetindo aquele mantra durante muitos anos, muitas vidas. Narada perguntou a ele: “Você gostaria de fazer alguma pergunta? Gostaria de enviar alguma mensagem ao Senhor?” O velho abriu seus olhos e disse: “Apenas uma pergunta: quanto tempo mais eu tenho que esperar? Quanto tempo? Diga a ele que já estou cansado. Durante muitas vidas estive repetindo esse mantra, por quanto tempo ele espera que eu continue fazendo isso? Estou cansado disso, estou cheio disso.”

Ao lado do velho sábio havia um jovem com uma *ektara*, um instrumento de uma só corda, e ele estava cantando e dançando. Narada perguntou a ele, brincando: “Você também quer perguntar quanto tempo irá demorar até que você seja iluminado?” Mas o jovem nem mesmo respondeu, apenas continuou a dançar. Narada perguntou de novo: “Estou indo falar com o Senhor. Você não tem nada a dizer?” Mas o jovem apenas sorriu e continuou a dançar.

Quando Narada voltou, alguns dias depois, ele disse ao velho: “Deus disse que você terá que esperar pelo menos mais três vidas.” O velho ficou tão furioso que jogou no chão seu colar de oração. Estava prestes a bater em Narada. Disse: “Isso não faz o menor sentido! Tenho esperado durante muito tempo e tenho sido absolutamente austero, tenho recitado os mantras, jejuado, cumprido todos os rituais. Já cumpri todos os requisitos. Três vidas! Isso é injusto!”

O jovem continuava a dançar alegremente sob a outra árvore. Narada ficou receoso, mas ainda assim foi até lá e disse a ele: “Apesar de você não ter perguntado nada, fiquei curioso e fiz eu mesmo a pergunta. Quando o Senhor disse que esse velho homem teria que esperar mais três vidas, perguntei sobre o jovem que dançava ao seu lado, tocando a *ektara*. E ele disse: ‘Esse jovem terá que esperar tantas vidas quanto forem as folhas da árvore sob a qual ele está dançando.’”

E o jovem começou a dançar ainda mais rápido e respondeu: “Tantas folhas quanto houver nesta árvore? Então está próximo, então eu já estou lá. Pense

em quantas árvores há na terra e compare! Então está muito próximo. Muito obrigado, senhor, por ter perguntado.” E continuou a dançar. E a história diz que o jovem atingiu a iluminação imediatamente, naquele instante.³

3 OSHO, Uma Parábola sobre a Ambição e a Pressa. In: IDEM, *O Livro da Transformação: Histórias e parábolas das grandes tradições espirituais para iluminar sua vida*. Rio de Janeiro: Sextante, 1999, p. 24.

Dedico esta dissertação

*À Clara, minha filha,
luz nas minhas travessias.*

*E à Cora Coralina,
pela afinidade de territórios e almas,
pelo grande encontro.*

*Cora passou em meu território
com a intensidade devastadora
do Rio Vermelho,
em época de cheia:
não provocou apenas desterritorializações.*

*Destruiu um território
e tem me reterritorializado nômade.*

Agradecimentos

Numa perspectiva rizomática, são incontáveis os encontros, as conexões, os agenciamentos, as linhas de fuga, os graus de desterritorialização e reterritorialização – movimento da Vida - que atravessaram o território-mapa de minha vida até aqui... Sendo inumeráveis, são todos axiais, inclusive aqueles que me aproximaram de uma heterogeneidade e que provocaram rupturas. Não são hierarquizáveis. E sou grata a todos. Mas gostaria de agradecer especialmente a algumas pessoas.

Ao meu rizoma-família, sobretudo as mulheres, pela criatividade e a potência nômade, cuja herança persiste para além da mundança de territórios.

Aos meus companheiros e companheiras do CDDH – Petrópolis, pelos agenciamentos cotidianos e duradouros, pela convivência amiga e alegre, pela partilha de territórios e busca das novas reterritorializações, pelo sonho em comum de territórios mais incluídos e justos. Em especial, agradeço à Eliete, parceira de coordenação, que assumiu as minhas ausências sem pesar, e ao Fernando Barenco, que me ajudou a criar as imagens rizomáticas deste trabalho.

*A todos os parceiros-beneficiários do CDDH que se inserem em nossos Projetos: constituem o 'fora' que alimenta e reanima o meu mapa. Em especial, agradeço ao André, jovem que nos chega diariamente ao Projeto Pão & Beleza, por ser **incansável mestre** a nos alertar que a lógica da árvore não é a lógica da vida. Sem essa relação-desafio, teria sido mais difícil compreender o rizoma...*

Às pessoas que promoveram agenciamentos cognitivos e intelectuais importantes em minha vida: Leonardo Boff, Márcia Miranda, Celiomar, Juninho, Marisol e Ronaldo. Com eles despertei para o gosto de uma intelectualidade e aprendi que intelectualidade, sensibilidade e justiça fazem rizoma. Com o Leonardo, aprendi a importância dos devires minoritários. Tais agenciamentos me constituem enquanto território.

Aos amigos Pedro Paulo Monteiro e Kênia. Em tempos de desterritorialização absoluta, constituíram-se territórios solidários vitais.

Aos Professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em especial, Luiz Cavalieri Bazílio, meu orientador, e ao Walter O. Kohan, 'mapas' de pura inclusividade. Considero-os "terras novas, virgens de Édipo" no território da Academia. Ainda na Uerj, recordo com carinho dos funcionários do estacionamento –administradores de um 'território sem vagas'–, e da Jorgete, da Secretaria: fazem da Uerj terras de acolhimento, ainda que sem o reconhecimento.

À Ana Paula, minha secretária, estabilidade do meu território, que cuida daquilo que temos e somos, e que me permite tantas desterritorializações e viagens...

Ao Ronaldo Fiuza Lima, amigo há 21 anos, interlocução permanente dessa dissertação, pela presença constante. Tal reencontro inspira-me uma intensa reterritorialização.

À Capes, pelo fundamental financiamento de nosso curso.

Sumário

RESUMO	1
ABSTRACT	3
NOTA	5
PARTE I - Prefácio: 'Chaves de leitura' para uma travessia...	6
1.1. Sobre os Agenciamentos	15
1.2. A perspectiva da Literatura	17
1.3. A perspectiva "rizomática" de Cora Coralina	21
1.4. O encontro com as lógicas <i>arborescente</i> e <i>rizomática</i>	32
1.5. Em busca de uma escrita <i>nômade</i> e <i>rizomorfa</i>	34
1.6. Limites que nos acompanham	37
PARTE II - Platôs: Uma leitura de Cora à luz de Gilles Deleuze e Félix Guattari	40
Gravura	1
Conceito Multiplicidade e Rizoma	2
Gravura	5
A escrita rizomática de Cora Coralina	6
Gravura	1
Conceito Devir	2
Gravura	10
Cora Coralina: Uma explosão de devires	11
Gravura	1
Conceito Literalidade	2
Gravura	6
Literalidade em Cora Coralina: a experiência dos Becos de Goiás como "rizomas" de uma Cidade	7
Gravura	1
Conceito - Linhas de Fuga, Desterritorialização e Reterritorialização	2
Gravura	5
Linhas de Fuga, Desterritorialização e Reterritorialização em Cora Coralina	6
Gravura	1
A Literatura em Gilles Deleuze, Félix Guattari e Cora Coralina: possibilidade de emancipação	2
CONSIDERAÇÕES	1
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	5

Resumo

A presente dissertação, ensaio monográfico de cunho filosófico-literário-poético, insere-se na Linha de Pesquisa Infância, Juventude e Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Tem como proposta promover *agenciamentos* entre os filósofos Gilles Deleuze, Félix Guattari e a escritora Cora Coralina. Empreendemos uma releitura da obra completa de Cora Coralina – que dá ênfase à Infância, à Escola e à Escrita –, inspirados em alguns conceitos filosóficos de Deleuze e Guattari, tais como *multiplicidade*, *rizoma*, *devir*, *platô*, *literalidade*, *linha de fuga*, *desterritorialização* e *reterritorialização* – que postulam a realidade como multiplicidade e uma lógica, denominada *rizomática*, como alternativa à lógica clássica do pensamento e da ciência, considerada *arborescente*.

A partir desses *agenciamentos* – não prévios – procuramos sistematizar essa releitura de Cora Coralina, buscando escrever em forma de platôs, zonas de intensidade contínua, que constituem um método, plano de composição das multiplicidades. A característica fundamental de um platô, que o difere de um capítulo, é que pode ser lido em qualquer posição e relacionado com outro.

Deleuze e Guattari postulam percursos inéditos em relação à atividade literária, permitindo-nos inserir a escrita em um horizonte possível de emancipação, entendida aqui como *desterritorialização e reterritorialização* e não como demarcação e fixação em um *território*. A escrita de Cora Coralina evidencia esse modo de emancipação.

Abstract

The present dissertation, a monographic rehearsal of philosophical-literary-poetic creation, introduces itself into the Line of Infancy, Youth and Education Research of the Postgraduate Program in Education within the Faculty of Education at the State University of Rio de Janeiro.

It has as its proposal the promotion of agencements among the philosophers Gilles Deleuze, Félix Guattari and the writer Cora Coralina. We undertake a rereading of the complete work of Cora Coralina — that gives emphasis to Infancy, to School and to Writing —, inspired upon some of the philosophical concepts of Deleuze and Guattari, such as multiplicity, rhizome, becoming, plateau, literacy, lines of escape, disterritorialization and reterritorialization — that postulate a reality as multiplicity and a logic, denominated rhizomatic, as an alternative to the classical logic of thought and of science, considered *arborescent*.

From these agencements — not prior — we strive to systematize this rereading of Cora Coralina, seeking to write in the form of plateaux, zones of continual intensity, that constitute a method, a plan of composition of the

multiplicities. The fundamental characteristic of a plateau, that makes it different from a chapter, is that it can be read in any position and related to another.

Deleuze and Guattari postulate unprecedented ways to relate to literary activity, allowing us to insert the writing within a possible emancipation horizon, understood here as disterritorialization and reterritorialization and not as demarcation and fixation within a territory. The way Cora Coralina writes makes this mode of emancipation evident.

Nota

A presente dissertação é um ensaio escrito na forma de *platôs*. Com exceção da parte intitulada PARTE I - **Prefácio: 'Chaves de leitura' para uma travessia...**, onde explicaremos melhor a metodologia do trabalho, a outra parte poderá ser lida de forma independente, em cada subtítulo, na ordem desejada pelo leitor. Daí a numeração recomeçar em cada uma dessas partes. Ainda sugerimos que as Considerações sejam lidas apenas no final.

PARTE I

Prefácio:

‘Chaves de leitura’⁴ para uma travessia...

Multiplidades e rizomas suprimem premissas! Logo, não devemos partir de muitas premissas... a não ser desta, que nos legitima e nos libera de qualquer outra...

Importante, contudo, é dizer, não como início, mas em todo o meio da dissertação, que a proposta que ora se apresenta constitui uma *desterritorialização*⁵ em relação ao *território* das dissertações. E uma *reterritorialização*⁶ a partir da perspectiva teórica do filósofo Gilles Deleuze e do Psicanalista Félix Guattari. Ao nos referenciarmos nesses autores, tal perspectiva torna-se fundamental.

4 Entendo pelo termo “chaves de leitura” enunciados que nos permitem “decifrar”, de uma maneira inusitada, algumas questões referentes a uma determinada temática, além de sugerir a possibilidade de se encontrar outras questões, dentro e fora do temática-texto postulada, favorecendo múltiplas leituras de mundo.

5 *Desterritorialização*, neologismo surgido e consolidado a partir da Obra Anti-Édipo, é um conceito-chave do pensamento filosófico de Deleuze e Guattari, que emerge numa concepção cartográfica, que privilegia planos, mapas, estratos, linhas de fuga, segmentos. Território também é compreendido de forma existencial. Tal conceito tem a ver com outros três: *território*, *terra* e *reterritorialização*. O território é sinônimo de apropriação e de subjetivação fechada sobre si mesmo. Desterritorializar-se significa implicar-se em linhas de fuga. O território cria um agenciamento e se define por um fora.

6 É o estado que sucede a toda *desterritorialização*, entendida aqui não como espaço geográfico, mas existencial. Através da *desterritorialização*, deixa-se um *território* e busca-se outro, ainda que este seja o *território* de um permanente nomadismo. Implica na experiência de novos *territórios*, resultado de *agenciamentos* com um “fora”, a partir de traçados de *linhas de fuga*.

Deleuze e Guattari são, sobretudo, pensadores e criadores de conceitos. Repensam e buscam desconstruir o que é instituído, modelo, clichê e reprodução, já que nada pode preexistir ao *múltiplo* e *rizomático*. Por isso, também, evitam glossários. A classificação e a totalização de conceitos sugerem o fechamento em *territórios*, o que equivale caminhar na contramão da proposta em questão. A riqueza de seus conceitos não se esgota e se clarifica em apenas um livro-texto. Muito pelo contrário, para que se apreenda minimamente a riqueza de um desses conceitos, grande parte das vezes é importante que possamos conhecê-los em muitos textos-contextos distintos. François Zourabichvili adverte-nos sobre o risco de tomarmos esses conceitos como familiares e compreensíveis, quando não o são:

Ainda não conhecemos o pensamento de Deleuze. Com muita frequência, hostis ou admiradores, agimos como esses conceitos nos fossem familiares, como se bastasse que eles nos tocassem para que estimássemos compreendê-los por meias palavras, ou como se já tivéssemos percorrido suas promessas (...).⁷

E, em seguida, atribui tal dificuldade à falta de monografias que exponham os conceitos Deleuzianos:

Eis por que não dispomos de um excesso de monografias sobre Deleuze; ao contrário, falta-nos monografias consistentes, isto é, livros que exponham seus conceitos (...).⁸

7 ZOURABICHVILI, F., *O Vocabulário de Deleuze*. Trad. A. Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004, p. 10.

8 IDEM, *Ibidem*, p. 10.

Eis aí o primeiro grande desafio. Como inserir o leitor num horizonte de novos conceitos, sem cair na armadilha de montar um glossário? Buscamos responder esse desafio da seguinte maneira: na primeira parte, todos os conceitos de Gilles Deleuze e Félix Guattari aparecerão, no texto, em modo itálico. E de forma bastante superficial, haverá, no rodapé, uma breve “chave de leitura” para compreensão desse conceito.

Na segunda parte, buscamos experimentar escrever na forma de *platôs*⁹, plano de composição das multiplicidades. Tal decisão implica num método conseqüente: não escrever em forma de capítulos; evitar partir de apenas um ponto; permitir-se repetir textos e idéias, em platôs diferentes, sem a preocupação de uma linearidade irreversível das idéias; e o maior exercício de abstinência para a razão moderna: escapar à lógica de desenvolver pontos culminantes, de elaborar conclusões e enunciar descobertas inéditas... ainda que tenhamos a ilusão de uma aproximação desse porte.

Sendo assim, nesta segunda parte, assumiremos um duplo desafio. Na forma de *platôs*, pretendemos aprofundar os conceitos deleuzo-guattarianos, já que um dos objetivos acadêmicos em questão é promover um diálogo através dos conceitos filosóficos desses autores; e pretendemos também entrar nos textos e na inspiração da

9 Os *platôs* são considerados o *plano de composição das multiplicidades* e entendidos como *zonas de intensidade contínua*, já que numa perspectiva *cartográfica*, as realidades-mapas apenas se ampliam numa perspectiva contínua de horizontalidade. Multiplicidades conectáveis que estendem rizomas são platôs. Para Deleuze [Cfr. DELEUZE, G., Entrevista sobre Mille Plateaux. In: IDEM, *Conversações: 1972-1990*. São Paulo: Editora 34, 2004, 4. reimpr., (Coleção Trans), p. 37], platôs são anéis quebrados, interconectáveis.

escritora e poetisa Cora Coralina, já que outro objetivo é apresentar uma releitura de Cora (a partir de tais conceitos) e pensar sobre a atividade literária. Não queremos instrumentalizar os textos de Cora, como exemplificações dos conceitos deleuzo-guattarianos. Queremos que Cora constitua uma linha *de fuga*¹⁰ e uma desterritorialização em relação ao território conceitual apresentado. Neste momento, faremos uma apropriação dos conceitos deleuzo-guattarianos, de tal forma, que nem mesmo os apresentaremos mais em modo itálico.

Se à primeira vista poderemos ser questionados, no sentido de sermos considerados sem a competência devida em relação ao modelo acadêmico clássico, temos consciência de que o desafio, apresentado aqui, não é menor. Afinal, não abandonamos o modelo. Abrimos mão de um modelo e nos colocamos aprendizes de outro, que nos desafia, sobretudo, em termos de lógica. O rizoma é um “antimétodo”.¹¹

10 O termo aparece em uma perspectiva cartográfica e rizomática, em que a realidade, como multiplicidade, é formada por linhas de articulação ou segmentaridade, estratos e territorialidades, mas também linhas de fuga e graus de desterritorialização e desestratificação. Uma linha de fuga é um vetor que faz abrir um território, através de agenciamentos com um fora, implicando em um movimento de desterritorialização, possibilitando às multiplicidades mudarem de natureza ao se conectarem a outras.

11 ZOURABICHVILI, François. *O Vocabulário de Deleuze*. Trad. A. Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004, p. 98.

Pretendemos dar forma, registrar - em um ensaio-experimentação - a busca e a aproximação do que Gilles Deleuze e Félix Guattari nomearam *velocidade que se adquire no meio*, característica de uma escrita *nômade e rizomórfica*:

(...) Para onde vai você? De onde você vem? Aonde quer chegar? São questões inúteis. Fazer tábula rasa, partir ou repartir de zero, buscar um começo, ou um fundamento, implicam uma falsa concepção da viagem e do movimento (metódico, pedagógico, iniciático, simbólico...). (...) É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. **Entre** as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início e nem fim, que rói suas margens e adquire velocidade no meio.¹²

Propusemo-nos a promover um encontro e a pensar os conceitos de Deleuze e Guattari, através das poesias da escritora goiana Cora Coralina, repletas de inspiração *rizomática*. Buscar a *velocidade que se adquire no meio*, neste sentido, significa fundamentalmente promover *agenciamentos* não prévios entre este três autores, Cora Coralina, Gilles Deleuze e Félix Guattari, promovendo múltiplas *relações-devires*.¹³

12 DELEUZE, G.; GUATTARI, F., Introdução: Rizoma. In: IDEM, *Mil Platôs*, p. 37.

13 *Devir* é um termo relacionado à economia do desejo. É o modo específico de como se dão as *relações* na perspectiva das *multiplicidades*. Não significa deixar um lugar e ou estado para se assumir outros, mas transitar continuamente nas *zonas de intensidade contínua*, nos *entre territórios* da realidade, da existência, do pensamento. Mais especificamente em relação ao tema proposto por essa dissertação, escrever é uma forma de *devir*.

Os platôs são sempre esse meio, que se interage, mas não se mistura. Deleuze e Guattari não olvidam a dificuldade que isso implica e apontam a razão desta dificuldade:

Por que é tão difícil? É desde logo uma questão de semiótica perceptiva. Não é fácil perceber as coisas pelo meio, e não de cima para baixo, da esquerda para a direita ou inversamente: tentem e verão que tudo muda.¹⁴

A presente dissertação, intitulada **DA MORTE DO GENERAL À BUSCA RIZOMÁTICA: a escrita como possibilidade de emancipação – Agenciamentos entre Cora Coralina, Gilles Deleuze e Félix Guattari**, busca refletir a importância e singularidade de uma perspectiva de **produção escrita**, como forma específica de se colocar no mundo: a escrita que não é expressão de uma memória e que não se tece a partir de lembranças pessoais; a escrita que não é expressão e exteriorização da história e subjetividade de uma pessoa; a escrita, que não é propriedade do espaço formal da Escola e da Academia; a escrita, que não é especialidade e habilidade literária de uns poucos. Trazemos aqui a reflexão sobre uma escrita que é *devir*; uma escrita que é *agenciamento coletivo de enunciação*¹⁵; uma escrita que é possibilidade de *reinvenção – de um mundo, de um povo – renegados em suas traições!*¹⁶; enfim,

14 IDEM, *Ibidem*, pp. 34-35.

15 Para Deleuze e Guattari, os sujeitos não preexistem a enunciados. Os enunciados são expressões de significações dominantes. Portanto, ainda que por um agenciamento enunciativo, um indivíduo se constitua em termos de expressão, todo enunciado é coletivo, não sendo produzido “por”, mas “para” uma coletividade. Em um agenciamento coletivo, não há mais a tripartição entre campo de realidade, representação e sujeito (Cfr. *Mil Platôs*, p. 34). Um agenciamento coletivo de enunciação reúne ao mesmo tempo sujeito, objeto e expressão.

16 DELEUZE, G., A literatura e a vida. In: IDEM, *Crítica e Clínica*. São Paulo, Editora 34, 1997, p. 14.

uma escrita que significa *testemunhar em favor da vida*¹⁷. É aqui que essa escrita emerge como possibilidade de produção de um tipo de subjetividade e emancipação.

A presente dissertação, pois, não pretende apresentar um estudo historiográfico, biográfico, cronológico e/ou psicanalítico da escritora goiana Cora Coralina. Tais perspectivas não têm lugar na filosofia de Deleuze e Guattari. Tampouco analisar a sua escrita e o seu processo de subjetivação, mas trazer a **inspiração rizomática** presente nos textos de Cora, como uma forma intuitivamente *deleuzo-guattariana* de fazer literatura; assim como não tem a pretensão de apresentar o pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari; não pretende definir o que vem a ser o ato de escrever; não tem como objetivo ensinar como alguém pode tornar-se um escritor; por fim, não pretende nem mesmo evidenciar a competência acadêmica de alguém que se propõe a *agenciar* essas realidades acima descritas, aqui, relações - *devires*.

O projeto de Deleuze e Guattari, que nos inspira como referencial teórico, apresenta-se no prefácio do Volume I da Obra "**Mil Platôs**": "(...) O projeto é 'construtivista'. É uma teoria das multiplicidades por elas mesmas, no ponto em que o múltiplo passa ao estado de substantivo (...) "¹⁸. Em poucas palavras, a clareza do que se propõe: *uma teoria das multiplicidades por elas mesmas*, cujo modelo de

(Coleção Trans).

17 DELEUZE, G., *L'Abécédair de Gilles Deleuze*. E - Enfance. Paris: Editions Montparnasse, 1997. Vídeo. Editado no Brasil pelo Ministério da Educação. "TV Escola", 2001.

18 IDEM, *Ibidem*, p. 8.

realização é o do *rizoma*, por oposição à *árvore*¹⁹. Pensar o múltiplo em estado *puro*, significa:

deixar de fazer dele o fragmento numérico de uma Unidade ou Totalidade perdidas, ou, ao contrário, o elemento orgânico de uma unidade ou totalidade por vir – e, sobretudo, para distinguir tipos de multiplicidade²⁰.

Trabalhar a partir deste referencial teórico é empreender um desafio, de fato, construtivista. Assumimos esse desafio. Deleuze e Guattari postulam uma filosofia que se ocupa principalmente da criação de conceitos, que muitas vezes poderiam sugerir metáforas, mas que, adiante, veremos que não o são. E o desafio é ainda maior. Implica em um projeto *nômade*, que é mais errância do que andança, um outro tipo de *nomadismo*, o *nomadismo daqueles que nem se mexem, e que não imitam nada*, mas que somente *agenciam*²¹. Um autor é um *agenciador*. Um livro é um *agenciamento*. Falaremos disso.

19 Para Deleuze e Guattari, a árvore-raiz é um decalque do mundo, cuja lógica é sempre binária e biunívoca, sempre partindo de um Uno, referindo-se a um sujeito, a um objeto, a uma totalidade. Já o rizoma, tubérculo e bulbo, é uma multiplicidade, aberta, conectável, a-centrada e a-significante, é um mapa, uma antigenealogia.

20 DELEUZE, G.; GUATTARI, F., 1914 – Um só ou vários lobos? In: IDEM, *Mil Platôs*, p. 46.

21 DELEUZE, G.; GUATTARI, F., Introdução: Rizoma. In: IDEM, *Mil Platôs*, p. 35.

Embora estejamos comprometidos com uma lógica *rizomática*, de *múltiplas entradas e saídas*, *a-centrada* e *a-significante*, que é, sobretudo *antigenealogia*²², que nos coloca em um *nomadismo* imprevisível, ainda assim temos alguns **objetivos**, não hierarquizados, permeados por **limites**, que queremos aprofundar e esclarecer. Faremos isso da seguinte forma: cada um desses objetivos virá expresso em forma de parágrafo, relativamente autônomo a seguir.

22 Podemos dizer que a abordagem de Deleuze e Guattari são *antigenealógicas*, no sentido de uma lógica *arborescente*, da busca de um *Uno*, de fundamentos, princípios, linearidade e pontos. As *multiplicidades* apontam para uma lógica cartográfica, da horizontalidade e dos rizomas.

1.1. Sobre os Agenciamentos

Um objetivo da presente dissertação é pensarmos as características de uma lógica *rizomática*, de uma escrita *nômade* e *rizomórfica*. Tal atividade literária e escrita constituem, pois, *agenciamentos*:

Num livro, como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação. As velocidades comparadas de escoamento, conforme estas linhas, acarretam fenômenos de retardamento relativo, de viscosidade ou, ao contrário, de precipitação e de ruptura. Tudo isto, as linhas e as velocidades mensuráveis, constitui um 'agenciamento'.²³

Um *agenciamento* significa uma relação com um "fora", um crescimento de dimensões em uma *multiplicidade*, uma relação com outros *agenciamentos*, com o heterogêneo, com o *a-significante*, com outros mundos, uma ampliação de *platôs*, que implica na superação da reprodução do mundo, de seu *decalque*. Implica na capacidade de nos colocarmos em uma *velocidade* e *intensidade* dos *fluxos*: *Um agenciamento em sua multiplicidade trabalha forçosamente, ao mesmo tempo, sobre fluxos semióticos, fluxos materiais e fluxos sociais.*²⁴

23 IDEM, *Ibidem*, pp. 11-12.

24 IDEM, *Ibidem*, p. 34.

Colocar-se no fluxo dos *agenciamentos*, perseguir uma *velocidade que se adquire no meio* parece significar um *nomadismo*, a superação do eixo entre polaridades, que evita o lugar do sujeito, do objeto e até mesmo da possibilidade dialética de ambos, mas que busca o *entre as coisas* (que não é lugar), perpendicular e transversal, como característica do que é múltiplo:

Não se tem mais a tripartição entre um campo de realidade, o mundo, um campo de representação, o livro, e um campo de subjetividade, o autor. Mas um agenciamento põe em conexão certas multiplicidades tomadas em cada uma dessas ordens, de tal maneira que um livro não tem sua continuação no livro seguinte, nem seu objeto no mundo, nem seu sujeito em um ou em vários autores. Resumindo, parece-nos que a escrita nunca se fará suficiente em nome de um fora. O fora não tem imagem, nem significação, nem subjetividade. O livro, agenciamento com o fora contra o livro-imagem do mundo. Um livro rizoma, e não mais dicotômico, pivotante ou fasciculado. Nunca fazer raiz, nem plantar (...)²⁵

Dito de outra forma, a presente dissertação quer ser uma sistematização e registro - através de uma 'singularidade-coletiva' - de relações-*devires* entre o ato de escrever, Cora Coralina, Gilles Deleuze, Félix Guattari.

25 IDEM, *Ibidem*, p. 34.

1. 2.

A perspectiva da Literatura

A Psicanálise e a Lingüística têm estudado, ao longo dos anos, a importância da linguagem oral e do discurso nos processos de emancipação, constituição da identidade, autonomia e cidadania, buscando superar uma tendência simplista e ingênua, que compreende a linguagem como veículo e instrumento particular e natural de expressão do ser humano, para compreender a sua determinação nos processos de produção, reprodução e transformação social. Norman Fairclough chama-nos a atenção para o que denomina *“tendência de considerar a linguagem transparente: enquanto dados lingüísticos, como entrevistas, são amplamente usados, há uma tendência em acreditar que o conteúdo social de tais dados pode ser lido sem atenção à própria linguagem”*²⁶.

Mas importante é percebermos, aqui, que a importância da linguagem oral e do discurso têm tido, no decorrer da história, primazia em relação à escrita e aos processos de autoria, enquanto possibilidade de produção e emancipação. Por um lado, a escrita parece ter sido historicamente confinada a uma perspectiva formal de comunicação, talvez por implicar numa forma de materialização e o registro documental de uma produção (pensamento, reflexão), permitindo ao que escreve não apenas fazer e fazer-se história, mas socializar o seu processo, através da perpetuação da produção. Para algo se tornar documental, é preciso que esteja escrito, já que a palavra pronunciada oralmente há muito perdeu o seu lastro. Para algo valer,

26 FAIRCLOUGH, N., *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Editora UNB, 2001, p. 20.

costuma-se dizer que queremos ver a “letra no papel”. E isso se tornou tão legítimo, que não é qualquer palavra que pôde e pode ser escrita. Se as palavras pronunciadas esvaem-se ao vento, o registro da escrita parece perpetuar a “alma” da palavra, resgatável a qualquer momento. Daí a força e o caráter subversivo do ato de escrever. Daí a necessidade de um controle sobre a palavra escrita, desde os processos inquisitórios, passando pela figura dos censores, dos copidesquistas e críticos até as amarras ortográficas e gramaticais.

Por outro lado, a escrita também foi confinada historicamente ao espaço da Escola e da Academia, que se apropriaram dos processos de letramento e de um estatuto de cientificidade. Daí a tendência à excessiva didatização do ato de escrever, de seu aprisionamento nas estreitas amarras gramaticais e ortográficas, da padronização de uma forma, um estilo, um esquema e o mais importante: do seu desenvolvimento a partir de uma lógica. A tendência à instrumentalização tem gerado a morte de muitos processos criativos de produção. A produção literária tem se tornado, cada vez mais, uma especialidade de poucas pessoas hábeis e talentosas, tendência esta reforçada por um novo tipo de escrita que desponta no espaço virtual, que ameaça o modo clássico de produção.

Assim, a paixão pelo processo literário parece sucumbir concomitante ao seu processo de emergência (alfabetização), pela contradição dos princípios opostos que se conjugam: a inspiração que produz o processo literário está subjugada a um aprisionamento gramatical e ortográfico. E mais tarde, tal morte ainda vai sendo

efetivada, simultaneamente, com o desinteresse pela leitura, que sofre o mesmo processo da escrita.

Nesse contexto, Deleuze, sobretudo, resgata a importância e o significado de uma escrita e Literatura, não como expressão de um universo particular e do pronome possessivo “meu” – para ele aspectos insignificantes e de *natureza desagradável*, que evidenciam uma *literatura barata*, dos *best-sellers* -, mas como forma de *mostrar a vida, testemunhar em favor da vida*²⁷, *inventar um povo renegado*, acessar uma dimensão que é comum à uma coletividade, mergulhar na extrema riqueza dos *artigos indefinidos*, expressão das *multiplicidades*, levar a linguagem *até o ponto em que se gagueja – o que não é fácil, pois não basta gaguejar assim (...)*²⁸.

Para Deleuze, a Literatura foi algo muito marcante, juntamente com a Filosofia: *Eu fui transformado, absolutamente transformado*²⁹ diz, referindo-se às suas primeiras descobertas literárias. Mas não é esse o motivo que o faz escrever, pois, para ele, *não se escreve com as próprias lembranças*.

27 DELEUZE, G., *L'Abécédair de Gilles Deleuze*. E - Enfance. Paris: Editions Montparnasse, 1997. Vídeo. Editado no Brasil pelo Ministério da Educação. “TV Escola”, 2001.

28 IDEM, *Ibidem*.

29 IDEM, *Ibidem*.

Os escritores autênticos são visionários e criadores; produzem textos e criam personagens que nos fazem pensar: (...) *os grandes personagens da Literatura são grandes pensadores*³⁰. Deleuze postula que *a grande literatura e a grande filosofia têm em comum o fato de ambas testemunharem em favor da vida: filósofos e literatos estão no mesmo ponto. Há coisas que se conseguem ver e das quais não se consegue voltar. Ambos viram alguma coisa grande demais para eles. Eram visionários. Viram algo grande demais e não foram capazes de suportá-lo. Deixou-os arrasados. Por isso existem literatos com saúde fraca*³¹.

Nessa presente dissertação, é sobre essa perspectiva de escrita literária e inspiração que queremos pensar: aquelas que, como cunhas, abrem brechas preciosas e acessam um 'lugar', grande e intenso demais, quase insuportável, experiência-*devenir*, da qual não se pode mais voltar. Aqui se vislumbra uma emancipação: o *Uno* fez-se Multiplicidades.

30 DELEUZE, G., *L'Abécédairé de Gilles Deleuze*. L - Littérature. Paris: Editions Montparnasse, 1997. Vídeo. Editado no Brasil pelo Ministério da Educação. "TV Escola", 2001.

31 IDEM, *Ibidem*.

1. 3.

A perspectiva “rizomática” de Cora Coralina

Ao falarmos de uma escrita *rizomática* e de emancipação, **um outro objetivo** desta dissertação é trazer a escrita emblemática da escritora e poetisa **Cora Coralina**. Sua escrita, de inspiração *rizomática*, sugere a possibilidade de podemos pensar em uma atividade literária emancipadora.

Como já dissemos, não pretendemos apresentar um estudo historiográfico, biográfico, cronológico e/ou psicanalítico da escritora goiana Cora Coralina, nem promover uma análise da sua escrita e do seu processo de subjetivação. Pretendemos dar vazão à inspiração *rizomática* presente nos textos de Cora, que *agenciam*, em forma de poesia, escrita e literatura, alguns conceitos postulados por Deleuze e Guattari.

Cora Coralina não escreve apenas com as suas lembranças pessoais, mas sua escrita retrata uma coletividade: a infância de um povo; a escola de um povo; a família de um povo; a realidade de um povo; o sentir de um povo, cujo lugar afetivo, familiar e social sugere ser o da negação e marginalidade.

Ao nos depararmos com os seus textos, o seu jeito próprio de escrever, como leitores, sentimo-nos conduzidos a experimentar lugares densos demais, onde vemos e ouvimos coisas que nos fazem retornar, como diria Deleuze, *com os olhos*

vermelhos, com os tímpanos perfurados. (...) ³² Cora também parece ter acessado esse ‘lugar’ sem retorno, onde pôde ver, no pequeno e marginal, coisas *grandes demais*, que a transformaram em *visionária* de um tempo e *testemunha em favor da vida*. Cora parece colocar-se em um ‘lugar’, *intermezzo*, em cujo fluxo parece atravessar toda a humanidade em suas mais diversas dimensões, em seus encontros e conexões mais significativos.

Certamente Cora teve a “sua” infância, marcada – mais por escassez do que por abundância -, em diversos aspectos. Isso é um fato legítimo. Deleuze também o reconhece:

(...) A infância, a infância... Como tudo, é preciso saber separar a infância ruim da boa. O que é interessante? A relação com o pai, com a mãe e as lembranças da infância não me parecem interessantes. É interessante e rico para si próprio, mas não para escrever³³.

Mas o que pode motivar, de forma autêntica, a atividade literária, segundo Deleuze, é exatamente a saída e ruptura de um ‘caso particular’, de uma primeira pessoa do pronome pessoal, de um enunciado considerado individual, de um território próprio... tendo em vista um *devenir*. Não se escreve nem por um apelo pessoal e nem mesmo pelo desejo de se escrever:

32 DELEUZE, G., A literatura e a vida. In: IDEM, *Crítica e Clínica*, p. 14.

33 DELEUZE, G., *L'Abécédair de Gilles Deleuze*. E - Enfance. Paris: Editions Montparnasse, 1997. Vídeo. Editado no Brasil pelo Ministério da Educação. “TV Escola”, 2001.

Acho que a atividade de escrever não tem nada a ver com o que lhe é pessoal. (...) A Literatura e o ato de escrever têm a ver com a vida. Mas a vida é algo mais do que pessoal. Na Literatura, tudo o que traz algo da vida pessoal do escritor é por natureza desagradável. É lamentável, pois o impede de ver, sempre o remete para o seu pequeno caso particular. (...) Acho que escrever é devir alguma coisa. Mas também não se escreve pelo simples ato de escrever. Acho que se escreve porque algo da vida passa em nós. Qualquer coisa. Escreve-se para a vida. É isso. Nós nos tornamos alguma coisa. Escrever é devir. É devir o que bem entender, menos escritor. É fazer tudo o que quiser, menos arquivo.³⁴

Embora a escrita de Cora nasça inspirada em um contexto histórico determinado, ela faz prescindir tal aspecto, sugerindo-nos uma travessia, cujos elos traduzem-se por experiências sensíveis em comum. Alguns autores parecem ‘encharcados’ dessa habilidade, de tocar na alma humana, naquilo que ela tem em comum com toda a humanidade.

Nessa perspectiva, a escrita de Cora é mais *cartografia* do que sentido. Cora não está em busca de sua infância. Muito ao contrário. Na perspectiva *memorialista*, Cora talvez quisesse esquecer a sua infância, que lhe colocou na condição de um ‘não-lugar’. A escrita de Cora sugere ser um *devir-infância*, que não significa tornar-se criança, nem no discurso, nem na memória. Não é a sua infância particular e dramática que a faz ser escritora. Como diz Deleuze,

34 IDEM, *Ibidem*.

(...) Há um devir criança, mas que não é a infância dele. Ele se torna criança, mas não é a infância dele, nem de mais ninguém. É a infância do mundo. (...) A tarefa é outra: tornar-se criança através do ato de escrever, ir em direção à infância do mundo e restaurar esta infância. Eis as tarefas da Literatura³⁵.

Walter Kohan postula que devir-criança

*É uma força que extrai, da idade que se tem, do corpo que se é, os fluxos e as partículas que dão lugar a uma “involução criadora” (...) a uma força que não se espera, que irrompe, sem ser convidada ou antecipada*³⁶.

Assim, entendemos que Cora faz-se *testemunha* de um tempo e *inventora de um povo*. Não um povo qualquer, mas o povo ‘maldito’ de seu tempo, a começar pela realidade da infância, profundamente maldita e maltratada.

Sua escrita *testemunha* um contexto escolar severo, marcado por castigos e humilhações, expresso em dois textos:

(...) Muito me valeu a escola. Um dia, certo dia, a mestra se impacientou. Gaguejava a lição, truncava tudo. Não dava mesmo. A mestra se alterou de todo, perdeu a paciência. E mandou enérgica: estende a mão. Ela se fez gigante no meu medo maior, sem tamanho. Mandou de novo: estende a mão. Eu de medo encolhia o braço. Estende a mão! Mão de Aninha, tão pequena! A meninada, pensando nalguns avulsos para eles, nem respirava, intimidada. Tensa, expectante, repassada. Era sempre assim na hora dos bolos em mãos alheias. Aninha, estende a mão. Mão de Aninha, tão pequena. A palmatória cresceu no meu medo, seu rodela se fez maior, o cabo se fez cabo de machado, a mestra se fez gigante e o bolo estralou na pequena mão

35 IDEM, *ibidem*.

36 KOHAN, W. O., A Infância da Educação: O conceito Devir-Criança. In:___ (org.) *Lugares da Filosofia: Infância*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 9.

obediente. Meu berro! E a mijada incontinente, irreprimida. Só? Não. O coro do banco dos meninos, a vaia impiedosa. – Mijou de medo... Mijou de medo... Mijou de medo... A mestra bateu a régua na mesa, enfiou a palmatória na gaveta, e, receosa de piores conseqüências, me mandou pra casa, toda mijada, sofrida, humilhada, soluçando, a mão em fogo.³⁷

A partir da sua experiência de infância, Cora Coralina denuncia a Infância de seu tempo. A criança ainda não era considerada sujeito de direitos e uma pessoa em condições especiais de desenvolvimento. A criança era um ser preterido, não ouvido, não importante e triste. Seus relatos denunciavam essa Infância sofrida...

Entre os adultos, antigamente, a criança não passava de um pequeno joguete. Não chegava a ser incômoda, porque nem mesmo tinha o valor de incomodar. Mas chegava aos quatro, cinco anos, tinha qualquer servicinho esperando(...)³⁸

Cora testemunha a insensibilidade dos adultos diante das crianças e seus diversos *devires*:

Aquela gente antiga era sábia
E sagaz, dominante.
'Criançada, para dentro',
Quando agente queria era brincar.
Isto no melhor do pique.

37 CORALINA, C., Mestra Silvina. In: DENÓFRIO, D. F. *Cora Coralina*. São Paulo: Global Editora, 2004, pp.117-118. (Coleção 'Melhores Poemas').

38 CORALINA, Cora. Criança. In: IDEM, *Vintém de Cobre. Meias Confissões de Aninha*. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1991, p. 106.

‘Já falei que o sereno da boca da noite faz mal...’

Como sabiam com tanta segurança
e autoridade? (...) ³⁹

(...) Era assim antigamente.

Criança não valia mesmo nada.

Entendia por acaso dessas normas de Educação?

Nada era natural

E os menores não tinham direitos.

E olha lá, que num passado que não foi meu,

Tinha sido pior.

Contavam os antigos (...) ⁴⁰

E testemunha também uma perversidade e hipocrisia, para além da falta de sensibilidade:

Os adultos, todos poderosos, solidários,

Co-autores, corregedores.

Juízes de suas justiças.

Altaneiros em lições altissonantes, humilhantes

Para que todos soubessem se exemplar.

A criança faltosa, inconsciente, apanhada, destruída.

Ré... ré... ré... de crimes sem perdão.

E eles, enormes, gigantescos, poderosos,

Donos de todas as varas, aplaudidos.

Esta senhora, sim, sabe criar família...

Isto quando corria a notícia de uma tunda das boas,
e mais castigos humilhantes.

Ao choro, respondia a casa, os ilesos, saciados,

39 CORALINA, C., *Aquela Gente Antiga* - I. In: DENÓFRIO, D. F., *Cora Coralina*, p. 144.

40 CORALINA, C., *Normas de Educação*. In: DENÓFRIO, D. F., *Cora Coralina*, pp. 151-157.

regozijantes –
'bem feito, perdidas as que foram no chão'.
O sadismo, o masoquismo, o requinte:
a menina errada, agarrada,
sujigada entre pernas adultas,
virando seu traseiro,
levantado seu vestido, saíote,
descida sua calcinha em chineladas cruéis
no traseiro desnudado, na pele sensível.
A reação incontida da criança,
a mijada inconsciente,
a ânsia nervosa, o vômito, o intestino solto.
Acrescido o castigo: sentada no canto,
A carta de ABC na mão, a lição sabida.⁴¹

No texto abaixo, isso se torna mais evidente:

(...) Todo o ranço do passado era presente. A brutalidade, a incompreensão, a ignorância, o carracismo. Os castigos corporais. Nas casas. Nas escolas. Nos quartéis e nas roças. A criança não tinha vez, os adultos eram sádicos, aplicavam castigos humilhantes (...)⁴²

Sua escrita testemunha igualmente a pobreza que assolava a realidade escolar daquela sociedade e o próprio lugar social que a Escola ocupava:

41 CORALINA, C., Ontem. In: DENÓFRIO, D. F., *Cora Coralina*, pp. 161-162.

42 CORALINA, C., Cora Coralina, quem é você? In: IDEM, *Meu Livro de Cordel*. 6. ed. São Paulo: Global Editora, 1986, pp. 73-76.

(...) Ofereço estas páginas à minha escola primária, a única escola da minha vida, minha única mestra, sozinha na sua sala de aula, sozinha no seu ministério, tão pobre que eu quisera exaltar em letras de diamantes. (...) Lugar de honra para a minha mestra e para todas as esquecidas Mestras do passado. Mestra Silvina – beijo suas mãos cansadas, suas vestes remendadas.⁴³

Em outra passagem, ela testemunha, sobretudo, o lugar afetivo e sócio-econômico daquelas que se ocupavam com a Infância:

O bequinho da escola lembra Mestra Lili. Lembra Mestra Inhola. Esquecidas mestras de Goiás. Elas todas – donzelas, sem as emoções da juventude. Passavam a mocidade esquecidas de casamento, atarefadas com crianças. Ensinando o ‘be-a-bá’ às gerações.⁴⁴

Sua escrita testemunha a mentalidade de um tipo de Escola:

(...) Tive uma velha mestra que já havia ensinado uma geração antes da minha. Os métodos de ensino eram antiquados e aprendi as letras em livros superados de que ninguém mais fala.⁴⁵

Em dois diferentes textos, percebemos que a sua escrita testemunha um contexto escolar de dificuldades de aprendizagem:

Foi pela didática paciente da velha mestra que Aninha, a menina boba da casa, obtusa, do banco das mais atrasadas se desencantou em Cora Coralina.⁴⁶

43 CORALINA, C., Cântico Excelso. In: IDEM, *Vintém de Cobre. Meias Confissões de Aninha*, p. 41.

44 CORALINA, C., O Beco da Escola. In: IDEM, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. 18. ed. São Paulo: Global Editora, 1985, p. 118.

45 CORALINA, C., Cora Coralina, quem é você? In: IDEM, *Meu Livro de Cordel*, p. 74.

46 CORALINA, C., Cântico Excelso. In: IDEM, *Vintém de Cobre. Meias Confissões de Aninha*, p. 41.

Eu era menina do banco das mais atrasadas. Minha escola primária... Eu era um casulo feio, informe, inexpressivo. E ela me refez, me desencantou. (...) Queira ou não, vejo-me tão pequena, no banco das atrasadas. E volta a ser Aninha, aquela em que ninguém acreditava.⁴⁷

Sua escrita testemunha ainda um contexto marcado por preconceitos familiares e sociais:

Nunca recebi estímulos familiares para ser literata. Sempre houve na família, senão uma hostilidade, pelo menos uma reserva determinada a essa minha tendência inata. (...) Sobrevivi, me recompondo aos bocados, à dura compreensão dos rígidos preconceitos do passado. Preconceitos de classe. Preconceitos de cor e de família. Preconceitos econômicos. Férreos preconceitos sociais. (...) ⁴⁸.

Enfim, sua escrita testemunha um contexto de busca determinada na superação de todas essas dificuldades:

(...) A escola da vida me suplementou as deficiências da escola primária que outras o destino não me deu. Foi assim que cheguei a este livro, sem referências a mencionar. Nenhum primeiro prêmio. Nenhum segundo lugar. Nem Menção Honrosa. Nenhuma Láurea. Apenas a autenticidade da minha poesia arrancada aos pedaços do fundo da minha sensibilidade. (...) Quem sentirá a Vida destas páginas... Gerações que hão de vir de gerações que vão nascer.⁴⁹

47 CORALINA, C., Mestra Silvina. In: IDEM, *Vintém de Cobre. Meias Confissões de Aninha*, pp. 123-124.

48 CORALINA, C., Cora Coralina, quem é você? In: IDEM, *Meu Livro de Cordel*, pp. 73-76.

49 IDEM, *Ibidem*, pp. 73-76.

Talvez pela sua própria experiência de dificuldade escolar, Cora tenha ficado imune à instrumentalização da escrita, podendo superar, pela vida afora, seus limites, até tornar-se escritora e autora reconhecida, a partir dos 75 anos de idade.

A escrita de Cora não parece ser *rizomórfica*, em um sentido deleuzo-guattariano. Mas o olhar e a inspiração de Cora certamente sugerem uma perspectiva *rizomática*, naquilo que um rizoma tem de mais característico: a capacidade de se *desterritorializar* na conjunção *e...e...e*.

Pretendemos dar direito e espaço para que Cora Coralina possa expressar sua escrita. Seus textos não figuram na dissertação como exemplificações e ilustrações do que se postula, mediação de algo, mas como o meio, por excelência, onde a *velocidade acontece*, e na *literalidade*⁵⁰ postulada pelos autores. Seus escritos não são *territórios* precisos, mas são expressão de um *entre*: não são expressão de Cora-sujeito e nem se referem a um objeto. Não têm nem mesmo uma cronologia. São expressão de relações-*devires*, são trânsito, são vôos-possibilidade:

(...) Um livro não tem objeto nem sujeito; é feito de matérias diferentemente formadas, de datas e velocidades muito diferentes. Desde que se atribui um livro a um sujeito, negligencia-se este trabalho das matérias e a exterioridade de suas correlações. (...) ⁵¹

50 *Literalidade* é um conceito deleuziano que postula a singularidade de uma experiência, não preexistente, por isso não podendo ser compreendida como metáfora (um redobramento do real).

51 IDEM, *Ibidem*, p. 11.

Reconhecemos aqui a constatação de Deleuze e Guattari, ao se referirem à elaboração do texto intitulado 'Anti-Édipo': *Como cada um de nós era vários, já era muita gente. Utilizamos tudo o que nos aproximava, o mais próximo e o mais distante*⁵². Temos consciência de que essas relações-*devires* também promovem o encontro entre *os vários de cada um*. Porém, mais desafiante do que 'coordenar' essas *várias pessoas* que, segundo Deleuze, são a condição de uma *saúde literária* - em função da coletividade que se faz presente -, somos provocados a superarmos o *sedentarismo* paradigmático, de uma *lógica arborescente*, da *árvore como filiação*, cujas raízes nos remontam a uma perspectiva *genealógica*, *geracional*, estrutural, de unidade, totalidade, fixação de pontos, de uma ordem e linearidade da realidade.

Colocamo-nos na busca de uma *nomadologia*, que segundo Deleuze e Guattari, é o contrário da história, e que nos falta. A escrita de Cora parece ser o *testemunho* dos *nômades* e "sem-lugar" de seu tempo. Cora não assume o ponto de vista nem dos *sedentários*, nem dos *incluídos*, mas dos que se *desterritorializam* e *reterritorializam* continuamente no fluxo dos becos malditos de sua cidade. Sua escrita é a experiência de um *devir* permanente.

52 IDEM, *Ibidem*, p. 11.

1. 4.

O encontro com as lógicas *arborescente* e *rizomática*

Ainda um outro objetivo dessa dissertação é permitirmo-nos ser provocados a colocar a *lógica arborescente* em questionamento e sermos sensibilizados a pensar a realidade como *multiplicidade*, cujo modelo de realização é o do *rizoma*, *sistema a-centrado, não hierárquico e não significante*⁵³. Um rizoma - diferentemente de um eixo genealógico, que é repleto de pontos que remetem a uma unidade -, *pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas*.⁵⁴ Segundo os autores, a importância mais marcante de um rizoma seja talvez o fato dele possuir *múltiplas entradas*⁵⁵.

Refletir sobre lógica, sobre a matriz do próprio pensamento, implica refletir sobre o *lugar* epistemológico que se ocupa, o que parece constituir uma contradição básica. Como ocupar dois *lugares* ao mesmo tempo, o da experiência e o da observação? Constitui uma tarefa muito mais desafiante do que refletir sobre tudo o que nos cerca, sobre os saberes que vão se constituindo, sobre novas tendências de pensamento, sobre informações disponíveis. Implica um pensar crítico para dentro de

53 DELEUZE, G.; GUATTARI, F., Introdução: Rizoma. In: IDEM, *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, p. 33.

54 IDEM, *Ibidem*, p. 18.

55 IDEM, *Ibidem*, p. 22.

si mesmo, no sentido de colocar em questão as condições de constituição e realização do próprio pensamento, as premissas e ‘percursos’ filosóficos até então experimentados e buscar conhecer as crenças pessoais e coletivas que determinam aquilo que chamamos de ‘olhar’, ‘modo de ver’, ‘ótica para o real’, e que caracteriza a nossa lógica.

Buscamos nos abrir diante de uma nova lógica, que nos convida a experimentar percursos muitas vezes inusitados. Todo *rizoma* secreta percursos inusitados. Mas não temos a pretensão de superarmos uma *lógica arborescente*, que parece ser a matriz do nosso pensamento. Sem esse reconhecimento-constatação, nossas lógicas chegarão, ao máximo, a *pseudomultiplicidades arborescentes*, denunciadas pelos autores como outra coisa, bem diferente, das autênticas *multiplicidades rizomáticas*⁵⁶.

56 DELEUZE, G.; GUATTARI, F., Introdução: Rizoma. In: IDEM, *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*, p. 16.

1.5.

Em busca de uma escrita *nômade* e *rizomorfa*

Tal lógica *rizomática* expressa-se na forma como Deleuze e Guattari compreendem, trabalham e elaboram seus textos: *Não há diferença entre aquilo de que um livro fala e a maneira como é feito*⁵⁷. A lógica *rizomática* postula um princípio *cartográfico*, do *mapa*,

que é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo e uma formação social.(...)⁵⁸

Este é ainda um objetivo dessa dissertação: possibilitar que a sua forma seja expressão mínima de seu postulado teórico, que possamos ser minimamente deleuzo-guattarianos ao registrarmos tais *agenciamentos*.

Deleuze e Guattari têm uma pretensão ao nos apresentem a lógica do *rizoma*. Admitem que invocam um dualismo entre duas lógicas – a arborescente e a rizomática – para recusar a lógica de um modelo. Mas colocam-se de forma crítica diante desse dualismo ‘necessário’. Reconhecem que *existem nós de arborescência nos rizomas, empuxos rizomáticos nas raízes*⁵⁹, mas não opõem os dois modelos:

57 IDEM, *Ibidem*, p. 12.

58 IDEM, *Ibidem*, p. 22.

59 DELEUZE, G.; GUATTARI, F., Introdução: Rizoma. In: IDEM, *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*, p. 31.

O que conta é que a árvore-raiz e o rizoma-canal não se opõem como dois modelos: um age como modelo e decalque transcendentais, mesmo que engendre suas próprias fugas; o outro age como processo imanente que reverte o modelo e esboça um mapa, mesmo que constitua suas próprias hierarquias, e inclusive ele suscite um canal despótico. (...) ⁶⁰.

E embora postule-se a superação de um modelo, não nos vemos livre de um, ainda que este escape a qualquer estrutura, genealogia e decalque, e desponte como *mapa*. Para os autores há uma escrita *nômade e rizomática* ⁶¹, cujo plano de composição são os *platôs*, zonas de intensidade contínuas, que se encontram *sempre no meio, nem início nem fim* ⁶². *Rizomas e multiplicidades* são feitas de *platôs*:

Todas as multiplicidades são planas, uma vez que elas preenchem, ocupam todas as suas dimensões: falar-se-á então de um 'plano de consistência' das multiplicidades, se bem que este 'plano' seja de dimensões crescentes segundo o número de conexões que se estabelecem nele. ⁶³

A existência de um *platô* implica em um abrir mão da tentação de se estabelecer pontos culminantes de orientação e de referências exteriores e transcendentais. Um *platô* é um *plano de imanência* ⁶⁴, cujo valor reside numa vibração

60 IDEM, *Ibidem*, pp. 31-32.

61 IDEM, *Ibidem*, p. 35.

62 IDEM, *Ibidem*, p. 33.

63 DELEUZE, G.; GUATTARI, F., Introdução: Rizoma. In: IDEM, *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*, p. 17.

64 Denominado plano de consistência e composição, por oposição ao de organização e desenvolvimento, o plano de imanência é imanente em relação a si mesmo, ou seja, Deleuze e Guattari postulam que não se remete a uma unidade superior e nem a um sujeito; que não é um conceito pensável, mas é a imagem do próprio pensamento. Só conhece as longitudes e latitudes e em vão cresce em dimensões (segue os devires), sendo que não comporta nenhuma dimensão suplementar (Cfr. ZOURABICHVILI, F., *O Vocabulário de Deleuze*, pp. 74-75).

sobre si mesmo. Para os autores, *cada platô pode ser lido em qualquer posição e posto em relação com qualquer outro*.⁶⁵

Portanto, falar de *rizoma* parece implicar em ser *rizomorfo e nômade*: *Para o múltiplo, é necessário um método que o faça efetivamente; nenhuma astúcia tipográfica, nenhuma habilidade lexical, mistura ou criação de palavras, nenhuma audácia sintática podem substituí-lo*⁶⁶. Logo no início da obra “**Mil Platôs**”, os autores já postulam:

Na verdade não basta dizer Viva o múltiplo, grito de resto difícil de emitir. Nenhuma habilidade tipográfica, lexical ou mesmo sintática será suficiente para fazê-lo ouvir. É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões que se dispõe, sempre $n - 1$ (é assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele).⁶⁷

Não temos a pretensão de produzirmos uma escrita *nômade e rizomórfica* nesta dissertação, que se propõe a debruçar sobre a própria escrita e a possibilidade de uma escrita *rizomática*, emancipadora. Mas procuraremos escrever em forma de *platôs*, usando ao máximo a conjunção *e...e...e...*

65 DELEUZE, G.; GUATARRI, F., Introdução: Rizoma. In: IDEM, *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*, p. 33.

66 IDEM, *Ibidem*, p. 33.

67 DELEUZE, G.; GUATARRI, F., Introdução: Rizoma. In: IDEM, *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*, p. 14.

1.6.

Limites que nos acompanham

Finalmente, se há **objetivos** a serem alcançados, reconhecemos que estes vêm permeados por **limites**:

Um limite diz respeito a uma despretensão totalizante. Deleuze e Guattari são nômades, são vários, são vastíssimos, são sempre os mesmos e sempre diferentes, e, por vezes, muito difíceis de serem acessados. Por isso, na parte I, priorizamos alguns conceitos de ambos, tendo como referência o Volume I da Obra “**Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia**”, sobretudo porque esta é a obra mais *didática* no sentido conceitual e fala especificamente sobre o *Rizoma*. Iremos nos referir a outras obras, com menor ênfase.

Um outro limite diz respeito à ênfase *cartográfica* de um “entrelugar”, que se quer *velocidade*. Assim temos a clareza que esse trabalho expressa **um** lugar *cartográfico*, **uma** possibilidade-*devir* em relação à temática da Escrita. Há várias outras *cartografias* possíveis em relação à Deleuze e Guattari e à própria questão da escrita.

Ainda outro limite, mais desafiante, tem a ver com uma experiência que, não contextualizada, pode denotar apenas pretensão: a presente dissertação é um ensaio-experimentação de uma *lógica rizomática*, através de uma lógica ainda bastante *arborescente* ou, no máximo, *pseudomúltipla* e *pseudorizomorfa*. Há um anseio de *nomadismo* lógico, insistente e obstinado, mas que se encontra a todo

tempo com o *sedentarismo*, que retorna, que resiste, que repete e muitas vezes nem se dá conta da dualidade, e que não quer se defender em relação aos seus recuos. Os próprios Deleuze e Guattari reconhecem que “*as árvores têm linhas rizomáticas, mas o rizoma tem pontos de arborescência*”⁶⁸. Não se trata, pois, de enfatizar o dualismo entre o Uno e o Múltiplo. Contudo há o desejo e os indícios são de saúde. Segundo Deleuze:

Não se escreve com as próprias neuroses. A neurose, a psicose não são passagens de vida, mas estados em que se cai quando o processo é interrompido, impedido, colmatado. A doença não é processo, mas parada do processo (...) A literatura aparece, então, como empreendimento de saúde (...).⁶⁹

Certamente haverá muita *desterritorialização* e *reterritorialização* acontecendo e por acontecer nesse processo. Haverão *devires*, *pontos de fuga*, *agenciamentos* diversos a serem empreendidos. Mas

ser rizomorfo é produzir hastes e filamentos que parecem raízes, ou, melhor ainda, que se conectam com elas, penetrando no tronco, podendo fazê-las servir a novos e estranhos usos. Estamos cansados da árvore.⁷⁰

68 DELEUZE, G.; GUATTARI, F., 1914 – Um só ou vários lobos? In: IDEM, *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*, p. 48.

69 DELEUZE, G., A literatura e a vida. In: IDEM, *Crítica e Clínica*, p. 14.

70 DELEUZE, G.; GUATTARI, F., Introdução: Rizoma. In: IDEM, *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*, p. 25.

Este cansaço, compartilhado também por nós, é *ponto de fuga* que, num processo de *desterritorialização*, faz emergir uma potência *nômade*. Aqui começam emergir os indícios de uma *velocidade*...

PARTE II

Platôs: Uma leitura de Cora à luz de Gilles Deleuze e Félix Guattari

Nesta segunda parte do texto, buscaremos experimentar o desafio de escrever na forma de *platôs*. Se os *platôs* já são de per si um desafio, mais desafiante ainda é escrever na e para a Academia: a escrita que tem por finalidade ser avaliada por um modelo, representa a crítica do próprio modelo. Assumiremos o duplo desafio de aprofundar alguns conceitos deleuzo-guattarianos (síntese dos muitos constructos idealizados pelos autores em diferentes textos), e trazer os textos e a inspiração da escritora e poetisa Cora Coralina.

Em relação aos conceitos, trazemos ao texto quatro platôs, sendo que o primeiro, que aborda a questão das multiplicidades e rizoma, são mais axiais em relação aos outros: devir, literalidade, ponto de fuga, desterritorialização e território. A lógica rizomática inspira três desconstruções de grande importância em uma lógica arborescente: o devir, como desconstrução da ordem da temporalidade; a literalidade, como desconstrução da ordem da linguagem; e o ponto de fuga, desterritorialização e reterritorialização como desconstrução da ordem de uma espacialidade (ainda que existencial). Através dessas três desconstruções, somos convidados a enxergar novos horizontes e caminhar por novas sendas de pensamento.

Insistimos que os textos de Cora não são introduzidos numa perspectiva instrumentalizadora: eles não são apenas exemplificações. Queremos apresentar Cora Coralina em sua literalidade, conceito que será detalhado em breve.

Os textos de Cora são encantadores e emocionantes por si. São universos desterritorializadores e reterritorializadores, de quem os lê e da própria escrita de Cora.

Na forma de platôs, buscaremos trazer Cora, para dentro do território conceitual de Deleuze e Guattari, como um ponto de fuga, desterritorializante. Neste momento, faremos uma apropriação dos conceitos deleuzo-guattarianos, de tal forma, que nem mesmo os apresentaremos mais em modo *itálico*.

Desejamos que a escrita de Cora goze de um protagonismo nos platôs. Queremos que o caráter poético assuma a direção do texto produzido, como ponto de fuga, desterritorializante. Cada parte inaugurará uma nova paginação, pois não há uma ordem de leitura a ser seguida.

Queremos esclarecer que poderíamos ter ido em busca de muitos outros autores, que pensam Deleuze, Guattari e Cora Coralina, com o objetivo de enriquecer e diversificar a bibliografia em questão. Poderíamos ter elaborado uma dissertação mais clássica do que a que apresentamos. No entanto, queremos ser coerentes com a

afirmação de que o rizoma é um antimétodo⁷¹. Certamente há muitos textos que falam de Cora Coralina e sua escrita. E há outros tantos que falam de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Mas o objetivo da presente dissertação não foi apresentar um estudo dos autores e de seus conceitos. Um importante objetivo foi o de promover agenciamentos (“velocidade que se adquire no meio”), como já dissemos. O meio é a gênese. Mas não há gênese prevista. Por isso, a opção de nos concentrarmos na atualidade deste agenciamento. Queremos promover um agenciamento rizomático, literal, não prévio, preexistente entre esses autores. Esse agenciamento, essa relação-devir entre todos, ainda que seja geral, no sentido de ser um delírio histórico-mundial e não familiar, como preconizaram Deleuze e Guattari⁷², é, por outro lado, de extrema singularidade, porque nunca se deu antes. E se houvesse se dado, em outra pesquisa, ainda assim não deveria constar nesse texto. Da mesma forma que temos a consciência de que os agenciamentos aqui promovidos são apenas alguns, possíveis, no horizonte de outros tantos.

Reconhecer a lógica rizomática, supõe acolher uma metodologia diferente. Significa admitir que entre as muitas bifurcações de uma estrutura rizomática, um encontro-devir nunca deve ser previsto, previsível, planejado.

71 ZOURABICHVILI, F., *O Vocabulário de Deleuze*, p. 98.

72 DELEUZE, G.; GUATTARI, F., Introdução: Rizoma. In: IDEM, *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*, p. 7.

Ainda assim, queremos estar atentos, para não cairmos no risco evidenciado por Zourabichvili, no que se refere a uma perspectiva rizomática:

Não nos iludiremos com o jogo aparentemente gratuito ao qual convida o método do rizoma, como se se tratasse de praticar cegamente qualquer colagem para obter arte ou filosofia, ou como se toda diferença fosse *a priori*, fecunda, segundo uma *doxa* difundida. (...) Mas o rizoma é tão benevolente quanto seletivo: ele tem a crueldade do real, e só cresce onde efeitos determinados têm lugar.⁷³

Queremos promover uma experiência possível. Acreditamos que não nos parece haver relação-*devenir* mais promissora do que pensar o processo da escrita através da vida e da escrita de Cora Coralina. Da mesma forma, não parece haver relação-*devenir* mais promissora e desafiante do que pensar Cora Coralina à luz dos geniais e controvertidos Deleuze e Guattari. Queremos promover esse agenciamento.

O projeto implica numa quase “justiça literária”, se é que isso possa ser dito: é trazer à luz uma Cora e uma escrita inéditas, que existiram e existem, mas ainda não haviam sido paridas. E não nos referimos aqui a um parto, na forma idealizada e romântica como é descrito por aqueles que os assiste. Falamos de um parto, na perspectiva agonizante, asfixiante e mesmo dolorosa, daqueles que estão nascendo para a vida.

Há nesses autores, como em Cora, o processo da metamorfose. Cora Coralina fala da experiência de alfabetização como *metamorfose*: a escola a retirou do

73 IDEM, *Ibidem*, p. 100.

casulo informe. Deleuze e Guattari falam que todo livro *metamorfoseia* em tantos outros agenciamentos... Ora, não há passagem no casulo e não há metamorfose sem crise e ousadia.

Assim são Deleuze e Guattari em sua filosofia: postulam muito mais do que o inverso da trama, mas a trama em sua *multiplicidade*; postulam a metamorfose do olhar condicionado linearmente na direção de um Uno, para a multiplicidade, que é a realidade.

Deleuze e Guattari têm em comum com Cora o jeito próprio e irreverente que os fez, todos, extravasar as concepções de um tempo. Cora, que foi reconhecida como escritora no entardecer da vida, após a publicação de seu primeiro livro, diz que sua escrita *é um jeito diferente de contar velhas histórias*. Poderíamos atribuir, a Deleuze e Guattari, *um jeito diferente de pensar a filosofia, a psicanálise e o conceito*. Eles são inspiradores, como referencial teórico, sobretudo porque possibilitam pensar, em forma de agenciamentos, algumas intuições bastante interessantes acerca do ato de escrever, e seguir percursos e promover encontros rizomáticos sobre essa temática, pouco pensados até então. Daí assumirmos, com alegria e prazer, esse desafio.



Conceito Multiplicidade e Rizoma

Em *Mil Platôs*, já no Prefácio, a questão da **Multiplicidade** está colocada, quando Deleuze e Guattari a postulam em estado substantivo, como a própria realidade, liberta de três 'jugos': a unidade, a totalidade e o sujeito que, quando aparecem, são expressões de processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades¹.

Numa **multiplicidade** há princípios específicos: 'singularidades' equivalem a elementos; 'devires' equivalem a relações; 'hecceidades' (individuações sem sujeito) equivalem a acontecimentos; 'espaços e tempos livres' equivalem a espaços-tempos; a 'rizoma', enquanto modelo de composição, equivale à 'árvore'; seu plano de composição são 'platôs', atravessados por vetores que territorializam e reterritorializam².

Uma multiplicidade implica numa diferença de dois aspectos básicos: abrir mão de uma dimensão superior e a subtração do uno, de tal forma que significa escrever sempre $n - 1$ ³. Uma **multiplicidade** se aproxima de um **rizoma**, tubérculo, bulbo, diferentemente de raiz e radícula⁴, que tem características⁵ claras, segundo

1 DELEUZE, G.; GUATTARI, F., Introdução: Rizoma. In: IDEM, *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*, p. 8.

2 IDEM, *Ibidem*, p. 8.

3 IDEM, *Ibidem*, p. 9.

4 IDEM, *Ibidem*, p. 9.

5 IDEM, *Ibidem*, pp. 15-32.

Deleuze e Guattari, como: **princípios de conexão e heterogeneidade** – *qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo*; **princípio de multiplicidade** – como estado substantivo, a multiplicidade perde a sua relação com o *uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo*. Uma multiplicidade é plana, formada por linhas e tem somente *determinações, grandezas, dimensões que não pode crescer sem que mude de natureza*; perde-se a visão da estrutura, com seus pontos e posições. Um rizoma *não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda*⁶, seguindo a forma de platôs. Uma multiplicidade se define por um fora, por seu universo de conexões; **princípio de ruptura a-significante** – rompendo com a significâncias das estruturas, um rizoma *pode ser rompido, quebrado em qualquer lugar*, cada vez que um segmento explode numa linha de fuga que, ao mesmo tempo que faz fugir, pode reestratificar o conjunto. Nesse sentido, um rizoma é uma *antigenealogia*; **princípio de cartografia e decalcomania** – há uma distinção básica entre o decalque-reprodução e o mapa-construção. O decalque refere-se a um *modelo estrutural ou gerativo, eixo genético como unidade pivotante objetiva sobre a qual se organizam estados sucessivos*, que supõe um retorno ao mesmo. Um rizoma é um mapa, aberto, com múltiplas entradas, reversível, mutável, em permanente construção. Não é objeto de reprodução. *É uma memória curta ou uma antimemória*⁷. Podemos projetar o decalque sobre o mapa, mas o inverso gera engessamento, já que o rizoma é o percurso do desejo e ‘arborificá-lo’ significa fechá-lo, bloqueando esse percurso. O

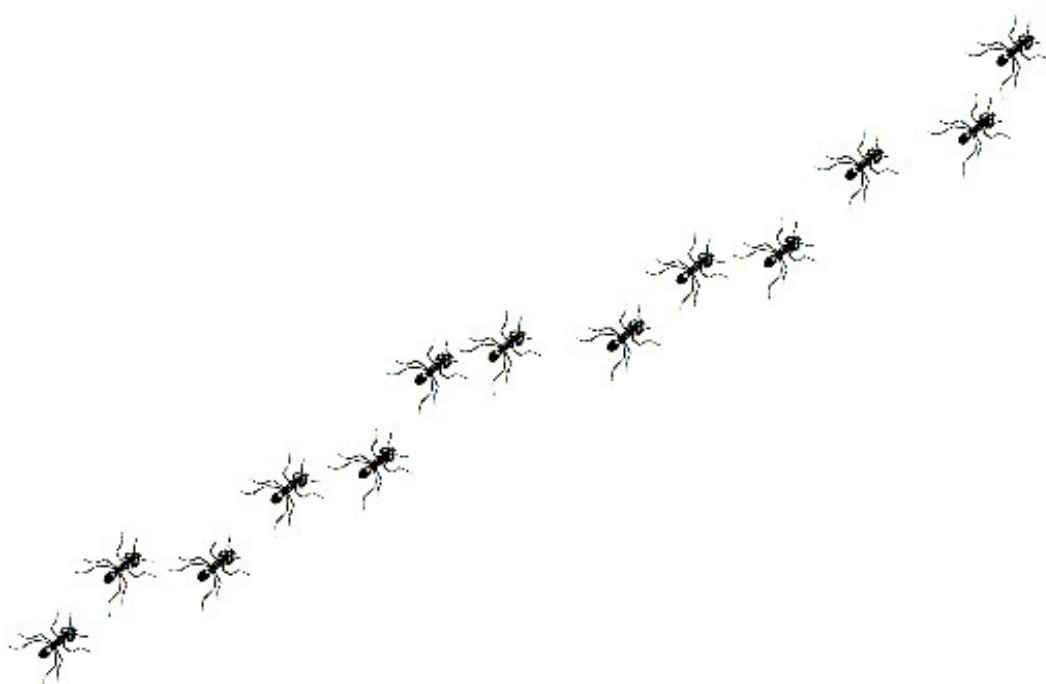
6 IDEM, *Ibidem*, p. 32.

7 IDEM, *Ibidem*, p. 32.

rizoma é a *produção do inconsciente* ⁸. O rizoma é um *sistema a-centrado não hierárquico e não significante, sem General (...) unicamente definido por uma circulação de estados (...), todo tipo de devires*⁹.

8 IDEM, *Ibidem*, p. 28.

9 IDEM, *Ibidem*, p. 33.



A escrita rizomática de Cora Coralina

*Eu sou o caule
dessas trepadeiras sem classe,
nascidas na frincha das pedras:
Bravias. Renitentes. Indomáveis.
Cortadas. Maltratadas. Pisadas.
E renascendo.¹⁰*

Cora Coralina, em seus escritos, dá forma à realidade rizomática. Sua escrita inaugura percursos e encontros (devires minoritários) inusitados, que geram vida, a partir de um modo singular de “acasalar” palavra, realidade e sentimento, permitindo que o leitor/co-autor experimente um universo de multiplicidade.

Sua escrita, ainda que não se constitua rizomórfica (no sentido deleuzo-guattariano) é expressão de um olhar rizomático e de uma realidade que se encontra na forma de platôs. Assim, sua palavra encontra, na Cidade de Goiás, um percurso diferente e muitas possibilidades que vão sempre se ampliando: velhos muros, sem prumo e aprumos, mas que nunca estão sós; avencas que nascem nas frinchas das pedras desses muros, que por sua vez estão ali porque foram plantadas pelo tempo; os jasmineiros que se derramam sobre esses muros, perfumando e ornamentando, de forma contrastante, tal paisagem feia e suja; casebres que também se debruçam; dirá Cora que, cansados pelo tempo, eles vivem a cochichar; uma colcha de retalhos,

10 CORALINA, C., Minha Cidade. In: IDEM, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. 18. ed. São Paulo: Global Editora, 1985, p. 48.

furada, descansando sobre um lajedo e o pedido sincero de remendos para ela; becos tristes, úmidos, andrajosos e sombrios, enlaxados e pobres de sua Cidade, mas que são tocados, ao meio-dia, por um pincel dourado da luz solar; o Rio Vermelho que corre embaixo de suas janelas, juntamente com as lavadeiras pobres e sofredoras que nele batem suas roupas e não entoam cantigas; os filhos abandonados dessas lavadeiras que nem mesmo no Rio Vermelho estão; essa infância, sofrida, mal-amada, não compreendida, seja dos lenheiros, que não são crianças e nem adultos, seja das crianças que vagam, famintas, às ruas, sonhando com uma fruta ou um bife bem grande, seja de todas que são castigadas e que morreram por castigos cruéis; as ramadas das árvores abandonadas, sem nome e sem valia, sem flores e sem frutos, onde descansam os pássaros vadios e a gente cansada; o sol que, descendo sobre os monturos de lixo, “calça” de ouro a sandália velha, depositada nos becos, onde passam ‘gentinhas’ descalças; todas as mulheres, a operária, a lavadeira, a cabocla velha, a cozinheira, a mulher do povo, a mulher roceira, a mulher da vida; um tanto de objetos e coisas: relógio, berços, flores, muletas, velho sobrado, milho, enxada, vizinhos, cidades por onde passou.

Em tudo há encontro, há devir, há contato, há conexão, há a conjunção “e”, há agenciamento em função de um fora, um crescimento de dimensões que se ampliam em conexões. Mesmo as dificuldades advindas de sua realidade (pobreza, abandono, muletas) transformam-se nessas zonas de intensidade contínua, possibilitando uma escrita-devir que arrasta e é arrastada por pontos de fuga para outros territórios.

Cora escreve sobre sua pobreza, seu sentimento de feiúra, seu complexo de inferioridade, seu desejo vago de analfabetismo, sua pobreza vestida de cabelos brancos, suas mãos laboriosas, sua solidão, suas muletas, as traves de seu velho casario que despencam diante da indiferença dos passantes, as tábuas remontadas do chão de seu quarto, a sua cama pobre. Mas a cada vez que fala de si, fala de um povo inteiro, de experiências coletivas, de individuações inatribuíveis. Por isso sua escrita encontra tantas realidades marginais e segue percursos dos desejos de tantas pessoas.

Cora, em sua escrita, desenterra infâncias, escolas, famílias, paisagens, pessoas e o que há de mais renegado em Goiás de um tempo. Sua escrita é rizomática, porque expressão da conjunção ‘e...e...e’. Poderíamos dizer que Cora **são**, simultaneamente, tantas coisas.

Cora **são** a Aninha feia da Lapa...

Goiás, minha cidade...

Eu sou aquela amorosa de tuas ruas estreitas,
curtas, indecisas, entrando, saindo uma das outras.

Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa.

Eu sou Aninha.

Eu sou aquela mulher que ficou velha, esquecida,
nos teus larguinhos e nos teus becos tristes,
contando estórias, fazendo adivinhação.
Cantando teu passado. Cantando teu futuro.

Eu vivo nas tuas igrejas
e sobrados e telhados e paredes.

Eu sou aquele teu velho muro verde de avencas
onde se debruça um antigo jasmineiro, cheiroso
na ruinha pobre e suja.

Eu sou estas casas encostadas
cochichando umas com as outras.
Eu sou a ramada dessas árvores,
sem nome e sem valia,
sem flores e sem frutos,
de que gostam a gente cansada e os pássaros vadios.

Eu sou o caule dessas trepadeiras sem classe,
nascidas na frincha das pedras:
Bravias. Renitentes. Indomáveis. Cortadas. Maltratadas. Pisadas. E renascendo.

Eu sou a dureza desses morros,
revestidos, enflorados, lascados a machado,
lenhados, lacerados.
Queimados pelo fogo.
Pastados. Calcinados e renascidos.
Minha vida, meus sentidos, minha estética,
Todas as vibrações de minha sensibilidade de mulher,
Têm, aqui, suas raízes.

Eu sou a menina feia
da ponte da Lapa.
Eu sou Aninha.¹¹

Mas juntamente com a ‘Aninha feia da Lapa’, que são tantas coisas, coexiste
a ‘velha mais bonita de Goiás’:

11 CORALINA, C., Minha Cidade. In: IDEM, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, pp. 47-49.

Eu sou a velha
mais bonita de Goiás.
Namoro a lua.
Namoro as estrelas.
Me dou bem
com o rio Vermelho.
Tenho segredo
com os morros
que não é de adivinhá.

Sou do beco do Mingu,
sou do larguinho
do Rintintin.

Tenho um amor
que me espera
na rua da Machorra,
outro no campo da Forca.
Gosto dessa rua
desde o tempo do bioco
e do batuque.

Já andei no Chupa Osso.
Saí lá do Zé Mole.
Procuro enterro de ouro.
Vou subir o Canta Galo
com dez roteiros na mão.

Se você quiser, moço,
vem comigo:
vamos caçar esse ouro,
vamos fazer água – loucos
no Poço da Carioca, sair debaixo das pontes,

dar que falar
às bocas de Goiás.

Já bebi água do rio
na concha da minha mão.
Fui velha quando era moça.
Tenho a idade de meus versos.
Acho que assim fica bem.
Sou velha namoradeira.
Lancei a rede na lua,
ando catando as estrelas.¹²

Cora **são** todas as mulheres marginalizadas do seu tempo: a cabocla velha **e** a cozinheira **e** a mulher roceira **e** a mulher proletária **e** a mulher da vida **e** a velha esquecida **e** a lavadeira abandonada, carregada de necessidades, do Rio Vermelho:

Vive dentro de mim
uma cabocla velha
de mau-olhado,
acocorada ao pé do borralho,
olhando para o fogo.
Benze quebranto.
Bota feitiço...
Ogum. Orixá.
Macumba, terreiro.
Ogã, pai-de-santo...

Vive dentro de mim
a lavadeira do Rio Vermelho.
Seu cheiro gostoso

12 CORALINA, C., Não conte pra ninguém. In: IDEM, *Meu Livro de Cordel*, pp. 90-91.

d'água e sabão.
Rodilha de pano.
Trouxa de roupa,
pedra de anil.
Sua cora verde de são-caetano.

Vive dentro de mim
a mulher cozinheira.
Pimenta e cebola.
Quitude bem feito.
Panela de barro.
Taipa de lenha.
Cozinha antiga
toda pretinha.
Bem cacheada de picumã.
Pedra pontuda.
Cumbuco de coco.
Pisando alho-sal.

Vive dentro de mim
a mulher do povo.
Bem proletária.
Bem linguaruda,
desabusada, sem preconceitos,
de casca-grossa,
de chinelinha,
e filharada.

Vive dentro de mim
a mulher roceira.
- Enxerto da terra,
meio casmurra.
Trabalhadeira.
Madrugadeira.
Analfabeta.

De pé no chão.
Bem parideira.
Bem criadeira.
Seus doze filhos,
seus vinte netos.

Vive dentro de mim
a mulher da vida.
Minha irmãzinha...
Tão desprezada,
tão murmurada...
Fingindo alegre seu triste fado.

Todas as vidas dentro de mim:
Na minha vida –
a vida mera das obscuras.¹³

Cora **são** também os muitos filhos largados pelo mundo dessas lavadeiras:

Sombra da mata
sobre as águas quietas
onde as iaras
vêm dançar à noite...
Não. Mentira.
Façamos versos sem mentir.
- Onde batem roupa
as lavadeiras pobres.

Sombra verde dos morros
no poço fundo
da Carioca

13 CORALINA, C., Todas as Vidas. In: IDEM, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, pp. 45-46.

onde as mulheres sem marido
carregadas de necessidades,
mães de muitos filhos
largados pelo mundo
batem roupa nas pedras
lavando a pobreza
sem cantiga, sem toada, sem alegria.

Quero escrever versos verdadeiros.
Por que será, Senhor
que a mentira se insinua nos meus versos?
Onde vive você, poeta, meu irmão
que faz versos sem mentir?¹⁴

E as necessidades e desejos desses filhos largados pelo mundo:

(...) Eu tinha fome.
Sonhava com um bife bem grande.
Um pastel enorme, uma fruta.
Um doce sem tamanho. (...) ¹⁵

E que muitas vezes não têm infância:

(...) E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.
Sem infância, sem idade.
Franzino, maltrapilho,
pequeno para ser homem,

14 CORALINA, C., Vida das Lavadeiras. In: IDEM, *Meu Livro de Cordel*, p. 59.

15 CORALINA, C., Oração do Pequeno Delinquente. In: IDEM, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, p. 233.

forte para ser criança.

Ser indefeso, indefinido, que só se vê na minha cidade.(...)¹⁶

Cora **são** a sua cidade e os becos malditos, sujos e enlixarados de Goiás e os muros sem prumo desses becos e as avencas que nascem na frincha das pedras desses muros, plantadas pelo tempo e o caule dessas trepadeiras...

Muitas vezes fala a partir de sua experiência pessoal, mas ainda assim, a partir disso, reinventa uma coletividade. É o caso de seu *Ode às Muletas*. Tudo começa com um tombo, imprevisto, que interrompe um certo nomadismo:

(...) Andarilha que fui
de boas tíbias e justo fêmur,
jamais reumáticos.
Um dia o inesperado trambolhão,
escada abaixo. (...).¹⁷

16 CORALINA, C., Becos de Goiás. In: IDEM, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, pp. 103-104.

17 CORALINA, C., Ode às Muletas. In: IDEM, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, pp. 193.

A seguir surge a necessidade de muletas, “(...) depois de ter vencido longo tempo e ter dado voltas ao mundo sem deixar a sua casa.(...)”¹⁸. Mas as muletas parecem constituir pontos de fuga: uma transversalidade que garante graus de desterritorialização. E são muito bem-vindas:

(...) Muletas utilíssimas!...
Pudesse a velha musa
vos cantar melhor!...
Eu as venero em humilde gratidão.
Leves e verticais. Jamais sofisticadas.
Seguras nos seus calços
de borracha escura.
Nenhum enfeite ou sortilégio.
Fidelíssimas na sua magnânima
utilidade de ajudar a novos passos.(...) ¹⁹.

Sua muleta é uma coletividade. Seu delírio é histórico-mundial, e não apenas familiar. Através do seu *Ode às Muletas*, há o resgate de um mundo renegado, às vezes devir-minoritário, sendo reinventado:

(...) Foi bastão primeiro do indigente,
desvalido, encanecido, peregrino
em distantes romarias.
Varapau do serrano em agrestes serranias.
Bordão de frade penitente, mendicante.
Menestrel em tempos idos

18 IDEM, *Ibidem*, p. 193.

19 IDEM, *Ibidem*, p. 105.

tateando incertos passos.
Rapsodos descantando
romanças e baladas
pelos burgos, castelos, castelânias.
Cajado patriarcal de pastores,
santos e profetas.
Vara simbólica de autoridades
em remotas eras.

Subiu a dignidade eclesiástica
e foi o báculo episcopal.

Entrou no convívio social.
Bengala moderna, urbana, requinte
e complemento da juventude.
Estética e estilística dos moços.

Bengalão respeitável dos velhos,
encastado em prata e ouro,
iniciais gravadas,
acrescentava algo ao ancião – respeito, veneração
aos seus passos tardos.

Bengala de estoque...
Arma traiçoeira de malandro
e do sicário.
Bengalas de junco, de prata,
de marfim e de unicórnio...
encastoadas em ouro e pedras finas.
Subiu e galgou. Uso e desuso.
Modificada, acertada à necessidade humana
reaparece, amparo e proteção.
Transformação técnica,
- muletas ortopédicas. (...)

(...) Mais do que as muletas
que nos dão apoio,
eu me curvo reverente ante
a bengala branca do cego
que é a própria luz de seus olhos mortos
em meio à multidão
vidente.²⁰

Mas, nessa perspectiva, um de seus textos mais clássicos é a *Oração do Milho*. Milho que é devir-minoritário, diferentemente do trigo. O devir-milho inaugura muitos outros devires. Milho-coletividade. Milho-reinvenção de um povo. Milho-poesia.

Senhor, nada valho.
Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das lavouras pobres.
Meu grão, perdido por acaso,
nasce e cresce na terra descuidada.
Ponho folhas e haste, e se me ajudardes, Senhor,
mesmo planta de acaso, solitária,
dou espigas e devolvo em muitos grãos
o grão perdido inicial, salvo por milagre,
que a terra fecundou.
Sou a planta primária da lavoura.
Não me pertence a hierarquia tradicional do trigo
e de mim não se faz o pão alvo universal.
O Justo não me consagrou Pão de Vida, nem lugar me foi dado nos altares.
Sou apenas o alimento forte e substancial dos que trabalham a terra, onde não vingam o
trigo nobre.
Sou de origem obscura e de ascendência pobre,
alimento de rústicos e animais de jugo.

20 IDEM, *Ibidem*, pp. 196-197.

Quando os deuses da Hélade corriam pelos bosques,
coroados de rosas e de espigas,
quando os hebreus iam em longas caravanas
buscar na terra do Egito o trigo dos faraós,
quando Rute respigava cantando nas searas de Booz
e Jesus abençoava os trigais maduros,
eu era apenas o bró nativo das tabas ameríndias.

Fui o angu pesado e constante do escravo
na exaustão do eito.
Sou a broa grosseira e modesta do pequeno sitiante.
Sou a farinha econômica do proletário.
Sou a polenta do imigrante e a miga dos que começam
a vida em terra estranha.
Alimento de porcos e do triste mu de carga.
O que me planta não levanta comércio, nem vantagem dinheiro.
Sou apenas a fartura generosa e despreocupada dos paióis.
Sou o cocho abastecido donde ruma o gado.

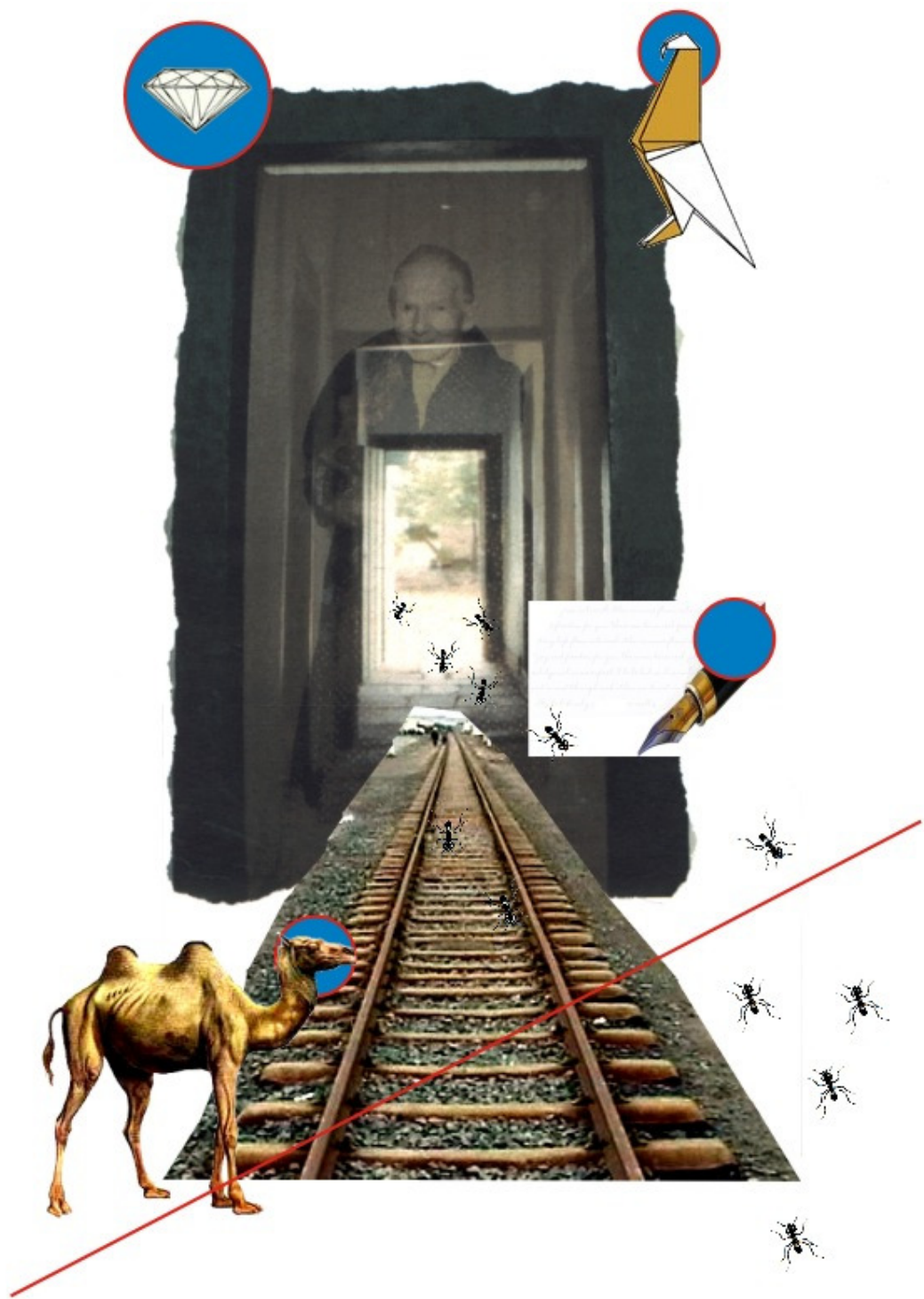
Sou o canto festivo dos galos na glória do dia que amanhece.
Sou o cacarejo alegre das poedeiras à volta de seus ninhos.
Sou a pobreza vegetal agradecida a Vós, Senhor,
que me fizestes necessário e humilde.
Sou o milho.²¹

A escrita de Cora Coralina é sempre conjuntiva, aditiva, centrífuga, rizomática, múltipla. O universo de Cora é vastíssimo. Sua escrita nos introduz sempre na iminência de infinitos mundos, entroncamentos, perspectivas, infinitas. Cora

21 CORALINA, C., Oração do milho, In: IDEM, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, pp. 163-164.

“são”. Só há um singular para Cora: Cora é multiplicidades. Cora é rizoma. E a característica de ambos, segundo Deleuze e Guattari é exatamente a de não “serem” nada, a não ser um “entre” (que não é lugar). É dessa escrita, que não nasce a partir de uma estrutura formal, que é a-cronológica, mas que é devir e que transita entre diversos lugares, que estamos em busca. É dessa Cora que se encontra exatamente nos pontos de fuga que estamos em busca.

Importante é que possamos dizer que temos a pretensão de buscar, mas nunca de encontrar, de chegar. Esta dissertação – pretende-se potência nômade: é apenas travessia entre essas muitas paisagens, externas e internas, e um pensar, não prévio nem preexistente, entre algumas dessas paragens.



Conceito Devir

“Devir” é um dos conceitos-chave mais complexos dos autores, que nos possibilita situarmo-nos em uma perspectiva “cartográfica” (distinta da “arqueológica, monumental, memorial”), e compreendermos o sentido de uma “velocidade que se adquire no meio”. Tem a ver com a economia do desejo.¹ Numa concepção “rizomática”, das “multiplicidades”, as potencialidades têm a ver com tudo que faz fugir a forma e o modelo. Pelo “devir” há a possibilidade de um nomadismo, de “agenciamentos com um fora”, de ampliação do “mapa”. Muitas são as considerações acerca do conceito:

- 1) “Devir” não é deixar de ser algo para tornar-se outra coisa. O devir não produz outra coisa que a si mesmo.
- 2) “Devir” não significa mudar, já que não desemboca em um término ou um fim.
- 3) “Devir” não significa imitar, identificar-se, assimilar e conformar-se a nada.

Deleuze, em distintos textos, tece essas considerações, apontando outros significados:

Devir é nunca imitar, nem fazer como, nem se conformar a um modelo, seja de justiça ou de verdade. Não há um termo do qual se parta, nem um ao qual se chegue ou ao qual se deva chegar. Tampouco dois termos intercambiantes. A pergunta ‘o que você devém?’ é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se transforma, aquilo

1 NEGRI, T.; GUATTARI, F.; *Las verdades nômadas: Por nuevos espacios de libertad*. Donostia: Tercera Prensa-Hirugarren Prentsa S.L., 1996, p. 214 (Gak@a Liburuak, 28).

em que ele se transforma muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômeno de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, de núpcias entre dois reinos.²

Como podemos entender o conceito de “devir”? Devir é um rizoma, algo da ordem da aliança³. Deleuze postula que o

(...) devir é um encontro entre duas pessoas, acontecimentos, movimentos, idéias, entidades, multiplicidades, que provoca uma terceira coisa entre ambas, algo sem passado, presente ou futuro; algo sem temporalidade cronológica, mas com geografia, intensidade e direção próprias⁴.

Para Deleuze e Guattari, o “devir” segue uma determinada lógica. Os “devires” dão-se sempre na linha de um “minoritário”, “molecular”, em contraposição a um “majoritário” e “molar”. Não tem a ver com “tamanho”, mas com fluxo e potencialidade centrípeta e centrífuga: enquanto o “devir majoritário” atrai para um centro - que é Uno, modelar, reproduzível -, o “minoritário” desvia desse centro, faz fugir, possibilita novos inícios. François Zourabichvili postula que o desejo (cujo

2 DELEUZE, G., Devir. In: IDEM, *Dialogues, com Claire Parnet*. Paris: Flammarion, 1997; reed. aumentada, Champs, 1996, citado por Zourabichvili, François. *O Vocabulário de Deleuze*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2004, p. 48.

3 NEGRI, T.; GUATTARI, F., *Las verdades nômadas. Por nuevos espacios de libertad*, p. 215.

4 Deleuze, Gilles. Parnet, Claire. Diálogos. São Paulo, Escuta, 1998, pp. 10-15, citado por KOHAN, W. O., A Infância da Educação: O conceito Devir-Criança. In: __ (org.) *Lugares da Filosofia: Infância*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 9.

conteúdo é o “devir”) tende a investir nos domínios de uma “animalidade, infância, feminilidade, imperceptível”, mais do que quaisquer outros domínios. Tais domínios “minoritários”, por não terem um modelo, encontram-se sempre em processo, num constante nomadismo. Mas Zourabichvili dirá que a força do “minoritário” não reside apenas nisso, pois eles não se apresentam como *modelos alternativos, como formas ou códigos de substituição* ao modelo considerado “majoritário”. A força de tais domínios decorre de seu

coeficiente de alteridade ou de desterritorialização absoluta (grifo do autor), abrindo a um para-além da forma que não é o caos, mas uma consistência dita “molecular”: então a percepção capta variações intensivas (composições de velocidade entre elementos informais) e não um recorte de formas (conjuntos “molares”), ao passo que a afectividade se emancipa de seus bordões e impasses habituais⁵.

Deleuze postula que os “devires” nunca se dão na perspectiva inversa de um “minoritário”: *O devir não se dá no sentido inverso, e não entramos em um devir-Homem, uma vez que o homem se apresenta como uma forma de expressão dominante que pretende impor-se a toda matéria, ao passo que mulher, animal ou molécula têm sempre um componente de fuga que se furta à sua própria formalização*⁶.

5 ZOURABICHVILI, F., *O Vocabulário de Deleuze*, pp. 49-50.

6 DELEUZE, G., A Literatura e a Vida. In: IDEM, *Crítica e Clínica*, p. 11.

Walter Kohan postula que os devires-minoritários constituem-se *intensidades criadoras, disruptoras, revolucionárias, que só podem surgir da abertura do espaço, no encontro entre o novo e o velho*, que podem interromper o que está dado e propiciar novos inícios⁷. Zourabichvili dirá que no “devir”, uma *outra forma de viver e de sentir assombra ou se envolve com a nossa e a “faz fugir”*⁸). Há no devir um processo marcadamente revolucionário. Os “devires minoritários” evidenciam a lógica subversiva do desejo, que sempre escapa e transita (já que não se sedentariza) nas periferias dos domínios e termos, em um permanente processo e que representa descontinuidade.

Sobre esse ‘trânsito’, ‘marginal’, que não tem a ver com um lugar, Deleuze diz que o *“devir está sempre “entre” ou “no meio”: mulher entre as mulheres, ou animal no meio de outros”*⁹. Também dirá:

Não é atingir uma forma (identificação, imitação, mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação tal que já não seja possível distinguir-se de uma mulher, de um animal ou de uma molécula: não imprecisos nem gerais, mas imprevistos, não preexistentes, tanto menos determinados numa forma quanto se singularizam numa população¹⁰.

7 KOHAN, W. O., A Infância da Educação: O conceito Devir-Criança. In: __ (org.) *Lugares da Filosofia: Infância*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 11.

8 ZOURABICHVILI, F., *O Vocabulário de Deleuze*, p. 48.

9 DELEUZE, G., A Literatura e a Vida. In: IDEM, *Crítica e Clínica*, p. 12.

10 IDEM, *ibidem*, p. 11.

Aqui percebemos dois elementos importantes: a chamada “zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação”, por um lado, e a afirmação do artigo indefinido e de uma suposta “generalidade” (negada por Deleuze), como autêntica potência. Em relação ao primeiro elemento, a chamada “zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação” de um “devir” evidencia-se a impossibilidade de compreendermos tal conceito como um lugar que se ocupa, um estado que se assume ou algo que se torna. No “devir” não há dois termos intercambiantes, mas a formação de um *“bloco”*, *em outras palavras, o encontro ou a relação de dois termos heterogêneos que se “desterritorializam mutuamente”*, onde o termo encontrado pode ser “arrastado num devir-expressivo” correlato ao termo que o encontra (devir-minoritário), ou seja através de um processo “onde o termo encontrado seja por sua vez aquele que encontra” (“co-evolução não paralela”, “núpcias entre dois reinos”¹¹). Em “Mil Platôs”, Deleuze e Guattari descrevem o processo de “co-evolução não paralela” do “devir”:

A orquídea se desterritorializa, formando uma imagem. Um decalque de vespa; mas a vespa se reterritorializa sobre esta imagem. A vespa se desterritorializa, no entanto, tornando ela mesma uma peça no aparelho de reprodução da orquídea; mas ela reterritorializa a orquídea, transportando o pólen. A vespa e a orquídea fazem rizoma em sua heterogeneidade. (...) Ao mesmo tempo trata-se de algo completamente diferente: não mais imitação, mas captura do código, mais-valia do código, aumento de valência, verdadeiro devir, devir-vespa da orquídea, devir-orquídea da vespa, cada um destes devires assegurando a desterritorialização de um dos termos e a

11 ZOURABICHVILI, F., *O Vocabulário de Deleuze*, pp. 48-49.

reterritorialização do outro, os dois devires se encadeando e se revezando segundo uma circulação de intensidades que empurra a desterritorialização cada vez mais longe¹².

Em relação ao segundo elemento, uma suposta “generalidade” (negada por Deleuze), como autêntica potência, podemos entender que tudo o que “devém” precisa ser despojado das características formais, instituídas na forma do artigo definido “o, a”. Na perspectiva da “multiplicidade”, do “rizoma”, não há sentido o artigo definido, que sugere modelos “majoritários”, herméticos, modelares, conformadores. Deleuze insiste na extrema riqueza do artigo indefinido:

Mas a literatura segue a via inversa, e só se instala descobrindo sob as aparentes pessoas a potência de um impessoal, que de modo algum é uma generalidade, mas uma singularidade no mais alto grau: um homem, uma mulher, um animal, um ventre, uma criança...¹³.

O “devir” é, pois, a emergência de uma coletividade e de um “povo” numa experiência extremamente singular e única.

Finalmente, Deleuze ainda postula, que o “devir” inaugura outra categoria de tempo, não cronológica. No devir não há passado, presente e nem futuro. Não há mesmo história, como sucessão de acontecimentos. Há o intempestivo, a

12 DELEUZE, G.; GUATTARI, F., Introdução: Rizoma. In: IDEM, *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*, pp. 18-20.

13 DELEUZE, G., A Literatura e a Vida. In: IDEM, *Crítica e Clínica*, p. 13.

descontinuidade. É uma experiência de “involução”, que não significa “regredir” nem “progredir”, mas despontar em outra lógica:

Devir é tornar-se cada vez mais sóbrio, cada vez mais simples, tornar-se cada vez mais deserto e, assim, mais povoado. É isso que é difícil de explicar: a que ponto involuir é, evidentemente, o contrário de evoluir, mas também o contrário de regredir, retornar à infância ou a um mundo primitivo. Involuir é ter um andar cada vez mais simples, econômico, sóbrio¹⁴.

Talvez Deleuze esteja dizendo do desafio que é estar vazio para a experiência de cada encontro, sem que este seja interpretado à luz das bagagens modelares herdadas numa lógica “arborescente”.

De qualquer maneira, a partir dessa perspectiva, Deleuze fala da importância do escritor experimentar um “devir-infância”, que não é a infância de ninguém, muito menos a dele, mas a “infância do mundo”: *A tarefa é outra: tornar-se criança através do ato de escrever, ir em direção à infância do mundo e restaurar essa infância*¹⁵. O devir-infância é real, sem que seja real a infância que se devém. Walter usa uma imagem muito bonita para descrever a experiência de um devir-criança:

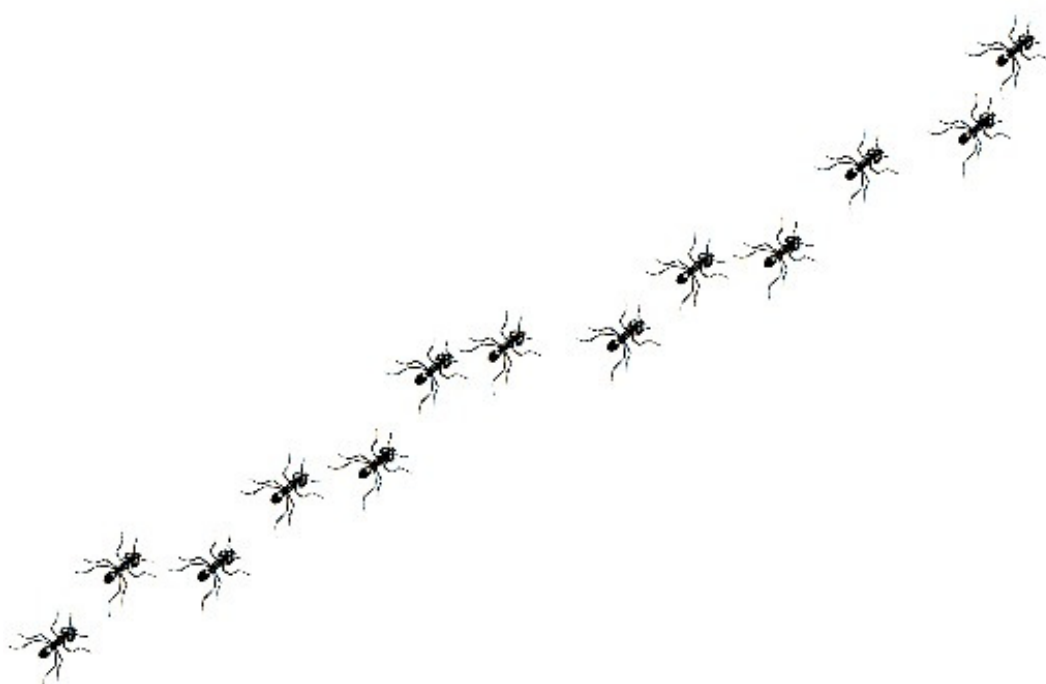
14 DELEUZE, G.; PARNET, C., *Diálogos*. São Paulo, Escuta, 1998, p. 39. In: citado por KOHAN, W. O., *A Infância da Educação: O conceito Devir-Criança*. In: __ (org.) *Lugares da Filosofia: Infância*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 6.

15 DELEUZE, G., *L'Abécédair de Gilles Deleuze*. E - Enfance. Paris: Editions Montparnasse, 1997. Vídeo. Editado no Brasil pelo Ministério da Educação. “TV Escola”, 2001.

Devir-criança é, assim, uma força que extrai, da idade que se tem, do corpo que se é, os fluxos e as partículas que dão lugar a uma “involução criadora”, a núpcias “anti-natureza”, a uma força que não se espera, que irrompe, sem ser convidada ou antecipada¹⁶.

O conceito de “devir” apresenta-se, pois, como conceito “potência”, no pensamento de Deleuze e Guattari. É através da experiência do “devir”, que se escapa à lógica “arborescente” do pensamento e do conhecimento, e se inaugura a possibilidade de experimentar o múltiplo, em sua diversidade imprevisível e rizomática. Para o pensamento, nada de mais original: o “devir” é um “encontro” sempre “marginal” que permite à subjetividade escapar ao clichê e a encontrar “relações desconcertantes”, experimentar a “exterioridade de domínios”, enfim, experimentar aquilo que Deleuze chama de “novas sendas de inteligibilidade”.

16 KOHAN, W. O., A Infância da Educação: O conceito Devir-Criança. In:___ (org.) *Lugares da Filosofia: Infância*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 9.



Cora Coralina: Uma explosão de devires

O universo de Cora é marcadamente relacional. Entrando em contato com a sua escrita podemos sugerir uma explosão de devires. Sua escrita-devir investe nos domínios de uma animalidade, de uma feminilidade, de uma infância, de uma imperceptibilidade, 'locais' marginais de inspiração e de potência, criação, reinvenção.

Em Cora Coralina tais devires minoritários são marcantes na sua inspiração. Ela também experimenta algo grande demais na vida, do qual não retorna ilesa: a partir daí, a sua vida se debruça sobre esses devires minoritários, como as avencas e jasmineiros sobre os muros, como os casebres envelhecidos. Em suas confissões, dirá: *Alguma coisa, coisas que me entulhavam, me engasgavam e precisavam sair*¹⁷. Sua escrita e seu desejo transitam nesse universo extremamente comum, molecular, insignificante, quase um não-lugar de inspiração. Cora é testemunha. Como diz Carlos Drummond de Andrade, Cora possui um *coração inumerável*.¹⁸

Em *Recados de Aninha – I*, Cora expressa a consciência dessa lugar, que é quase opção, de onde não se consegue mais sair:

17 CORALINA, C., Este livro, meias confissões de Aninha. In: IDEM, *Vintém de Cobre. Meias Confissões de Aninha*, p. 43.

18 ANDRADE, C. D. de, Cora Coralina, de Goiás. In: CORALINA, C., *Vintém de Cobre. Meias Confissões de Aninha*, p. 22.

Meu jovem, a vida é boa, e você cantando o cântico da mocidade
pode fazê-la melhor. E o melhor da vida é o trabalho.
No trabalho está a poesia e o ideal, assim possa sentir o poeta.
Só o trabalhador sabe do mistério
de uma semente germinando na terra.
Só o cavador pode ver a cor verde se tornar azul.

Ele, na flor, já viu o fruto e no fruto prevê a semente.
E sabe que uma cana de milho, uma braçada de folhas e palhas
na terra é vida que se renova.
Que sabe você, jovem poeta, da fala das sementes?
Um poeta parnasiano do passado, conversava com as estrelas,
oi coisa linda no tempo.

Converse, você, poeta destes tempos novos,
converse com as sementes e as folhas caídas
que pisa distraído.
Você vai sobre rodas
e caminha sobre vidas que o asfalto recobriu.
Quem fala essa mensagem é uma mulher muito antiga
que entende a fala e a vida de um monte de lixo
que vê da janela da Casa Velha da Ponte, lá do outro lado do rio,
nos reinos da minha cidade.(...)¹⁹.

Uma mulher muito antiga, que entende a fala e a vida de um monte de lixo...

Essa é Cora Coralina! O que há de mais minoritário do que o lixo? Mas a escrita de
Cora afirma que nele há vida e fala. E Cora o entende.

Em um outro texto, Cora também fala da realidade solitária desse olhar:

19 CORALINA, C., Recados de Aninha – I. In: IDEM, *Vintém de Cobre. Meias Confissões de Aninha*, p. 152.

Na haste hierática e vertical pompeia.
Sobe para a luz e para o alto a flor...

Ainda não.

Veio de longe.
Muda viajeira dentro de um plástico esquecida.
Nem cuidados dei à grande e rude matriz fecundada.
Apanhada num monte de entulho de lixeira.

“Cebola brava” na botânica sapiente de Seu Vicente.
Oitenta e alguns avos de enxada e terra.
Sabedoria agra.
Afilhado do Padim Cícero.
Menosprezo pelas “flores”:
“De que val’isso?”
Displicente, exato, irredutível.
E eu, meu Deus, extasiada, vendo, sentindo e acompanhando,
frememente, aquela inesperada gestação.
_ Um bulbo, tubérculo, célula de vida rejeitada,
levada na hora certa à maternidade terra.

A Flor...

Ainda não.
Espátula. Botão
hígido, encerrado, hermético,
inviolado no seu mistério.
Tenro vegetal, túmido de seiva.
Promessa, encantamento.
Folhas longas, espalmadas.
Espadins verdes montando guarda.

Da Flor...

A expectativa, o medo.
Aquele caule frágil
ser quebrado no escuro da noite.
O vento, a chuva, o granizo.
A irreverência gosmenta de um verme rastejante.
O imprevisto atentado de alheia mão
Consciente ou não.

Alerta. Insone.
Madrugadora.

Na manhã mal nascida,
toda em rendas cor-de-rosa,
túrgida de luz,
ao sol rascante do meio-dia.
No silêncio serenado da noite
eu, partejando o nascer da flor,
que ali vem na clausura
uterina de um botão.
Rombóide.

Para a Flor...

Chamei a tantos...
Indiferentes, alheios,
ninguém sentiu comigo
o mistério daquela liturgia floral.
Encerrada na custódia do botão,
ela se enfeita para os esponsais do sol.
Ela se penteia, se veste nupcial
para o esplendor de sua efêmera vida vegetal.

Na minha aflita vigília pergunto:
— De que cor será a flor?

Chamo e conclamo de alheias distâncias
alheias sensibilidades.
Ninguém responde.
Ninguém sente comigo.
aquele mistério oculto
Aquele sortilégio a se quebrar.

Afinal a Flor...

Do conúbio místico da terra e do sol
- a eclosão. Quatro lírios semi-abertos,
apontando os pontos cardeais no ápice da haste.
Vara florida de castidade santa.
Cetro heráldico. Emblema litúrgico
de algum príncipe profeta bíblico
egresso das páginas sagradas
do “Livro dos Reis” ou do “Habacuco”.
E foi assim que eu vi a flor.²⁰

Tal texto sugere uma sensibilidade que coloca em relação os grandes escritores e pensadores. Ambos acessam mundos muito densos e embora possam reinventar um povo, experimentam a dureza de um parto solitário. Ambos são tocados por uma sensibilidade de extrema sutileza.

Embora, na maioria das vezes, Cora escreva a partir de tais realidades, outras tantas vezes ela é aquilo de que fala. Na sua escrita, tais realidades tornam-se potência. E ela consegue mergulhar no chamado romance histórico-mundial, bem diferente, do drama familiar, circunscrito, particular. Assim, a escrita de Cora

20 CORALINA, C., A Flor. In: IDEM, *Meu Livro de Cordel*, pp. 19-22.

testemunha a infância do mundo, a feminilidade marginal do mundo, a animalidade do mundo, a insignificância do mundo e a sensibilidade do mundo, esta quase não falada, manifestada, socializada, aterrada sobre o devir majoritário da razão.

No poema *Todas as Vidas*, como já vimos, Cora fala das mulheres minoritárias, “a vida mera das obscuras”, que vive dentro de sua vida. Na poesia *Becos de Goiás*, retomará o tema, mas dedicar-se-á às “mulheres da vida”, “renegadas, confinadas”, “humilhadas”, “castigada” e doentes.

O Rio Vermelho que corre por debaixo de suas janelas a conduziu até as mulheres lavadeiras, por quem tem muito apreço. A escrita de Cora confere-lhes um lugar, dá-lhes uma legitimidade. São mulheres, mães de muitos filhos, abandonadas. São carregadas de roupas e necessidades. Lavam roupas e a pobreza. Não há toada e nem alegria. A sua dura realidade torna-se imperativo ético, que interpela a criação poética: *Quero escrever versos verdadeiros. Por que será, Senhor, que a mentira se insinua nos meus versos? Onde vive você, poeta, meu irmão, que faz versos sem mentir?*²¹

Seu devir mais expressivo é o devir-terra. Cora se identifica muito com a terra, com o plantio, com o trabalho do lavrador, com o movimento da semente, com o poder da enxada, com a abundância e generosidade da natureza, com o milagre da vida que desponta da terra. Através da intensidade devir-terra, que a transfigura, há

21 CORALINA, C., Vida das Lavadeiras. In: IDEM, *Meu Livro de Cordel*, p. 59.

uma infinidade de outros devires emergentes. Talvez esse seja um dos textos mais intensos de Cora:

Sinto que sou a abelha no seu artesanato.
Meus versos tem cheiro dos matos, dos bois e dos currais.
Eu vivo no terreiro dos sítios e das fazendas primitivas.
Amo a terra de um místico amor consagrado, num esponsal sublimado, procriador e fecundo.
Sinto seus trabalhadores rudes e obscuros,
suas aspirações inalcançadas, apreensões e desenganos.
Plantei e colhi pelas suas mãos calosas
e tal mal remuneradas.
Participamos receosos do sol e da chuva em desencontro,
nas lavouras carecidas.
Acompanhamos atentos, trovões longínquos e o riscar
de relâmpagos no escuro da noite, irmanados no regozijo
das formações escuras e peçadas no espaço
e o refrigério da chuva nas roças plantadas,
nos pastos maduros, e nas cabeceiras das aguadas.
Minha identificação profunda e amorosa
com a terra e com os que nela trabalham.

A gleba me transfigura. Dentro da gleba,
ouvindo o mugido da vacada, o mééé dos bezerros,
o roncar e focinhar dos porcos, o cantar dos galos,
o cacarejar das poedeiras, o latir dos cães,
eu me identifico.
Sou árvores, sou tronco, sou raiz, sou folha,
sou graveto, sou mato, sou paiol
e sou a velha tulha de barro.
Pela minha voz cantam todos os pássaros, piam as cobras
e coaxam as rãs,
Mugem todas as boiadas que vão pelas estradas.
Minha pena (esferográfica) é a enxada que vai cavando,
é o arado milenário que sulca.

Meu versos têm relance de enxada,
Gume de foice e peso de machado.
Cheiro de currais e gosto de terra. (...)

A gleba está dentro de mim. Eu sou a terra.
Identificada com seus homens rudes e obscuros,
enxadeiros, machadeiros e boiadeiros, peões e moradores.
Seus trabalhos rotineiros, suas limitadas aspirações.
Partilhei com eles de esperança e desenganos. (...)
Plantei pelas suas enxadas e suas mãos calosas.
Colhi pelo seu esforço e constância.

Minha identificação com a gleba e com a sua gente.
Mulher da roça eu o sou. Mulher operária, doceira,
abelha no seu artesanato, boa cozinheira, boa lavadeira.
A gleba me transfigura, sou semente, sou pedra.
Pela minha voz cantam todos os pássaros do mundo.
Sou a cigarra cantadeira de um longo estio que se chama Vida.
Sou a formiga incansável, diligente, compondo seus abastos.
Em mim a planta renasce e floresce, sementeia e sobrevive.
Sou a espiga e o grão fecundo que retornam à terra.
Minha pena é a enxada do plantador, é o arado que vai sulcando
para a colheita das gerações.
Eu sou o velho paiol e a velha tulha roceira.
Eu sou a terra milenária, eu venho de milênios.
Eu sou a mulher mais antiga do mundo,
plantada e fecundada no ventre escuro da terra.²²

Há um devir-infância muito forte na escrita de Cora. Em meio a tantas
convenções, opressões, repressões, crueldade e insensibilidade, Cora experimenta (e

22 CORALINA, C., A Gleba me transfigura. In: IDEM, *Vintém de Cobre. Meias Confissões de Aninha*, pp. 108-110.

liberta!) como ninguém, os desejos, anseios e sonhos da infância de um tempo, de forma simples, poética e emocionante:

(...) Ter nos meus braços
aquela boneca de loiça
vinda de Paris,
de chapeuzinho, enfeite,
sua flor minúscula, azul, lá da França.
Sapatinhos e meias,
loira, olhos azuis e que dormia...
e que nunca foi minha.
Eu vivia aquela boneca,
sonhava, e ela sempre ali,
inacessível,
na estática da vitrine envidraçada
da loja de “Seu” Cincinato.²³

Ou ainda:

Tinha sido o aniversário daquela senhora.
Uma sua amiga tinha lhe mandado,
à moda do tempo, bandeja de doces.
Doces em calda: figo e caju.
A mãe separou as compoteiras
e franqueou para as filhas os perecíveis.
Ávidas, insaciáveis, logo deram conta da parte franqueada.
Passaram a goederar o reservado que ficara esquecido
por inapetência, por descuido.
Certo foi que a mais espevitada e audaciosa pediu

23 CORALINA, C., Moinho do Tempo. In: IDEM, *Vintém de Cobre. Meias Confissões de Aninha*, p. 55.

se podia comer aqueles de reserva.
A mãe levantou-se num impulso frenético,
tomou as compoteiras,
desceu a escada
e despejou o conteúdo na lama do terreiro
onde as galinhas ciscavam vermes.
As meninas, olhando abobadas, sem entender a lição.
A dona sumiu-se lá para dentro a retomar suas leituras infundáveis,
enquanto as crianças baixavam no lameiro e passavam a catar
e comer os doces, antes que chegassem as galinhas.
Era assim antigamente.

Criança não valia mesmo nada. Entendia por acaso dessas normas de Educação?
Nada era natural e os menores não tinham direitos.
E olha lá, que num passado que não foi meu, tinha sido bem pior.
Contavam os antigos.

Tudo de melhor para os adultos
para as crianças, prato feito, regrado, medido.
Coisas boas, guardadas, defendidas no alto dos armários,
fechados a chave e estas penduradas
no cós da saia das que mandavam. (...)

Lembro da minha satisfação com o que me davam
em racionamento constante: chocolate.
Coisa mais gostosa do meu mundo,
feito com tabletes de chocolate Beringh
raspado e batido com gema e açúcar,
até perder o cheiro característico de ovo.
Faziam nas casas pela manhã, me davam uma tigelinha minúscula,
tigela grande, tigelona enorme para os adultos.
Eu ali goederando sem mais.
Meu desejo de criança,
escondido, reservado, dissimulado, de crescer
virar gente grande e me faltar de chocolate com cacau Beringh

e gema batida. Cheiro de ovo, nas coisas boas que se faziam,
era defeito capital, censurado, castigado. (...)

Graças a Deus que os armários e gavetas tiveram seus fechos arreventados
e toda gente anda farta nestes tempos de carestia,
arrotando alto, poderia dizer.

Não existe mais o arroto constante do passado nem o mau hálito,
nem crianças comendo de ração,
nem percevejo nas camas,
nem disputa na mesa pelo osso do frango,
nem briga entre irmãs pelos restos que os velhos deixavam nos pratos...(...)²⁴

Em *Antiguidades*, Cora expressa com detalhes esse desejo e a insensibilidade
dos adultos:

Quando eu era menina
bem pequena,
em nossa casa,
certos dias da semana,
se fazia um bolo,
assado na panela
com um testo de borralho em cima.

Era um bolo econômico,
como tudo, antigamente.
Pesado, grosso, pastoso.
(Por sinal muito que ruim).

Eu era menina em crescimento.

24 CORALINA, C., Normas de Educação. In: IDEM, *Vintém de Cobre. Meias Confissões de Aninha*, p. 120.

Gulosa,
abria os olhos para aquele bolo
que me parecia tão bom
e tão gostoso.

A gente mandona lá de casa
cortava aquele bolo
com importância.
Com atenção. Seriamente.
Eu presente.
Com vontade de comer o bolo todo.

Era só olhos e boca e desejo
daquele bolo inteiro.
Minha irmã mais velha
governava. Regrava.
Me dava uma fatia,
tão fina, tão delgada...
E fatias iguais às outras manas.
E ninguém pedisse mais!
E o bolo inteiro,
quase intangível,
se guardava bem guardado,
com cuidado,
num armário, alto, fechado,
impossível (...).

Criança, no meu tempo de criança,
não valia mesmo nada.
A gente grande da casa
usava e abusava
de pretensos direitos
de educação (...).

Aquela gente antiga,

passadiça, era assim:
severa, ralhadeira.
Não poupava as crianças.
Mas, as visitas...
– Valha-me Deus!...
As visitas...
Como eram queridas,
recebidas, estimadas,
conceituadas, agradadas! (...)

D. Joaquina Amâncio...
Dessa então me lembro bem.
Era amiga do peito de minha bisavó.
Aparecia em nossa casa
quando o relógio dos frades
tinha já marcado 9 horas
e a corneta do quartel, tocado silêncio.
E só ia quando o galo cantava (...).

Eu fazia força de ficar acordada
esperando a descida certa
do bolo
encerrado no armário alto.
E quanto este aparecia,
vencida pelo sono já dormia.
E sonhava com o imenso armário
cheio de grande bolos
ao meu alcance.

De manhã cedo
quando acordava,
estremunhada,
com a boca amarga,
- ai de mim –
via com tristeza,

sobre a mesa:
xícaras sujas de café,
pontas queimadas de cigarro.
O prato vazio, onde esteve o bolo
e um cheiro enjoado de rapé.²⁵

Há tantos devires-imperceptíveis, quase inumeráveis, para além dos aqui já vistos. Cora testemunha cada um com sua escrita, também devir, o que a torna, nas palavras de Drummond, “patrimônio de todos nós”, evidenciando que Aninha não mais “se pertence”²⁶. Com Cora podemos aprender a importância de, permanentemente, mudarmos o rumo do olhar, e a direção de nossos pés. À cada nova senda do caminho, há muitos mundos marginais interagindo com os nossos, como pontos de fuga. Importante é ter consciência de que não há modelos preexistentes. E que em cada encontro a ser realizado, muitas serão as possibilidades de - não só empreendermos novos e outros caminhos, mas, sobretudo, de nos refazermos em nosso nomadismo.

25 CORALINA, C., Antiguidades. In: IDEM, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, pp. 53-57.

26 CORALINA, C., Carta de Drummond. In: IDEM, *Vintém de Cobre. Meias Confissões de Aninha*, p. 23.



Conceito Literalidade

A questão da “literalidade” é central e controvertida sobretudo em Deleuze, filósofo do conceito. Isto porque os seus conceitos mais significativos, como “rizoma”, “árvore”, “desterritorialização”, “devir”, “linha de fuga”, que têm aspecto de metáforas, não o são. E Deleuze sempre retorna, como um “ritornelo”, à consideração de que seus conceitos não são metáforas¹.

Embora ele não tenha se ocupado propriamente desta questão da “literalidade”, segundo François Zourabichvili, ela vai se manifestar em seu fazer filosófico, constituindo uma vida de acesso privilegiada ao autor². Para Deleuze, a “literalidade” introduz em uma enunciação relações desconcertantes, para além dos clichês, que abrem novos horizontes para a inteligibilidade.

A sua “literalidade” não significa tomar as palavras em sentido próprio, de referente usual como sentido ‘dado’, mas em um universo relacional a ser construído.³ A “literalidade” faz da enunciação um “complexo”, no sentido etimológico de ‘algo que se tece junto’. O verbo “ser” que liga um sujeito a um predicado em um enunciado, para Deleuze é a conjunção “e”, numa perspectiva de horizontalidade, já que não há sentido prévio nos termos, mas relações significantes, ou seja, os termos

1 ZOURABICHVILI, F., Deleuze e a questão da literalidade. In: *Educação & Sociedade*, v.26, 2005, no prelo, p. 4.

2 IDEM, *Ibidem*, pp. 2-3.

3 IDEM, *Ibidem*, pp. 4-5.

adquirem sentido na relação, de tal forma, que se constrói uma dualidade atual-virtual, compreendida como primitiva e irredutível⁴. A esse “desdobramento”, que permite que o significado esteja numa relação necessária entre um termo dado e outro não dado, Deleuze chamou de “literalidade”, diferente da metáfora, considerada “redobramento”, cuja dualidade subordina o pensamento à ordem da “mímesis”.

Deleuze não é contra a metáfora, mas não se contenta com ela⁵. Ele problematiza a metáfora através da dualidade do seu conceito, pois não vê possibilidade na utilização de um conceito “dentro” e “fora” de domínios próprios, gerando sentidos próprios e figurados, separados e aparentados (segundo Aristóteles), onde uma coisa significa outra⁶. Para Deleuze não há significados prévios e todos são, de certa forma, “contaminados”⁷. A relação emoldura significados “literais”.

Vejamos um exemplo. Na enunciação deleuziana “*o cérebro é uma erva*”, os termos “cérebro” e “erva” não estão sendo utilizados em um “redobramento” metafórico⁸, “dentro” e “fora” de domínios próprios. A relação entre os dois termos é de tal forma “literal” e atual, que o enunciado adquire sentido único e inaugura um modo de compreender o “cérebro”, distinto de todos os outros. Nesse enunciado acima, o “cérebro” não é entendido de forma prévia. Da mesma forma, o cérebro não é

4 IDEM, *Ibidem*, pp. 9-10.

5 IDEM, *Ibidem*, p. 4.

6 IDEM, *Ibidem*, pp. 5-6.

7 IDEM, *Ibidem*, p. 6.

8 IDEM, *Ibidem*, p. 9.

entendido como uma “erva”, visto não poder ser classificado como um vegetal. O termo “erva” também não é um termo “figurado”. O “cérebro-erva” inaugura uma compreensão muito diferente do “cérebro-árvore”, embora *o cérebro sozinho, como objeto indeterminado, não é nem árvore nem erva (...)*⁹. François Zourabichvili irá dizer: *é duvidoso que eu tenha uma idéia de cérebro ‘antes’ desse tipo de encontro estranho*¹⁰.

Deleuze nos convida a “crer” nessa “literalidade”¹¹, não como adesão ou ato de fé, mas nos convida a “fazer” o que ele faz. O que é próprio de sua filosofia não é o objeto, mas a prática (imanência)¹². Por isso, sua filosofia da imanência é a prática da linguagem como escrita “literal”¹³.

Para Deleuze, *não existe sentido ou experiência a não ser na base de uma ‘relação’*, que é “devir”. A experiência, ainda que ‘cambiante’, é desde sempre “cristalina”, no sentido de escapar ao clichê, ao termo próprio e prévio, ao sem

9 IDEM, *Ibidem*, p. 7.

10 IDEM, *Ibidem*, p. 7.

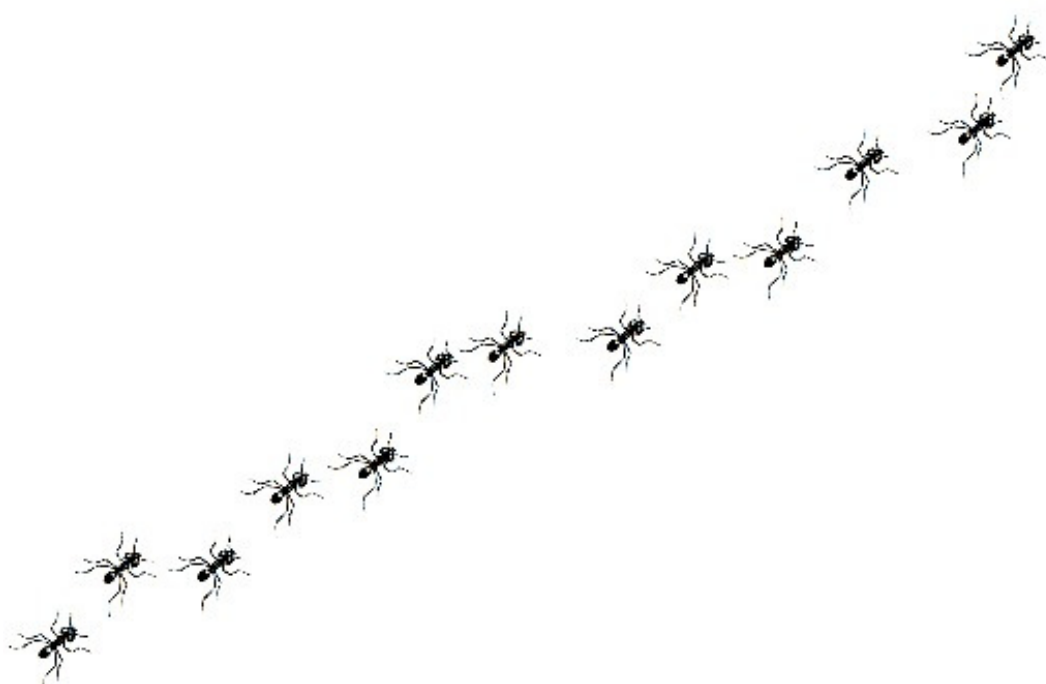
11 IDEM, *Ibidem*, p. 2.

12 IDEM, *Ibidem*, p. 11.

significação. A “literalidade” é a possibilidade de resgate dessa “cristalinidade”, que supõe a construção e a condução de enunciados a relações desconcertantes, à exterioridade de domínios, à não interpretação (que afirma sentidos ‘escondidos’), enfim, a novas sendas de inteligibilidade¹⁴.

13 IDEM, *Ibidem*, p. 4.

14 IDEM, *Ibidem*, pp. 7-10.



Literalidade em Cora Coralina: a experiência dos Becos de Goiás como “rizomas” de uma Cidade

Beco da minha terra...

Amo tua paisagem triste, ausente e suja.

Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.

Teu lodo negro, esverdeado, escorregadio.

E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugidia,

e semeia polmes dourados no teu lixo pobre,

calçando de ouro a sandália velha,

jogada no teu monturo.

Amo a prantina silenciosa do teu fio de água,

descendo de quintais escusos

sem pressa,

e se sumindo depressa na brecha de um velho cano.

Amo a avenca delicada que renasce

na frincha de teus muros empenados,

e a plantinha desvalida, de caule mole

que se defende, viceja e floresce

no agasalho de tua sombra úmida e calada.

Amo esses burros-de-lenha

que passam pelos becos antigos. Burrinhos dos morros,

secos, lanzudos, malzelados, cansados, pisados.

Arrochados na sua carga, sabidos, procurando sombra,

No range-range das cangalhas.

E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.

Sem infância, sem idade.

Franzino, maltrapilho,

pequeno para ser homem,

forte para ser criança.

Amo e canto com ternura
Todo o errado da minha terra.

Becos da minha terra,
Discriminados e humildes,
Lembrando passadas eras...

Beco do Cisco.
Beco do Cotovelo .
Beco do Antônio Gomes.
Beco das Taquaras.

Beco do Seminário.
Bequinho da Escola.
Beco do Ouro Fino.
Beco da Cachoeira Grande.

Beco da Calabrote.
Beco do Mingu.
Beco da Vila Rica...

Conto a estória dos becos,
Dos becos da minha terra,
Suspeitos... mal afamados
Onde família de conceito não passava.
“Lugar de gentinha” – diziam, virando a cara.
De gente do pote d’água.
De gente de pé no chão.

Becos de mulher perdida.
Becos de mulheres da vida.
Renegadas, confinadas
Na sombra triste do beco.
Quarto de porta e janela.

Prostituta anemiada,
Solitária, hética, engalicada,
Tossindo, escarrando sangue
Na umidade suja do beco.

Becos mal assombrados.
Becos de assombração...
Altas horas, 'mortas horas'...
Capitão-mor – alma penada,
terror dos soldados, castigado nas armas.
Capitão-mor, alma penada,
num cavalo ferrado,
chispando fogo,
descendo e subindo o beco,
comandando o quadrado – feixe de varas...
Arrastando espada, tinindo esporas...

Mulher-dama. Mulheres da vida,
perdidas,
começavam em boas casas, depois,
baixavam para o beco.
Queriam alegria. Faziam bailaricos.
- Baile Sifilítico – era ele assim chamado.
O delegado chefe de Polícia – brabeza –
dava em cima...
Mandavam sem dó, na peia.
No dia seguinte, coitadas,
cabeça raspada a navalha,
obrigadas a capinar o Largo do Chafariz,
na frente da cadeia.

Becos da minha terra...
Becos de assombração.
Românticos, pecaminosos...
Têm poesia e têm drama.

O drama da mulher da vida, antiga,
humilhada, malsinada.
Meretriz venérea,
desprezada, mesentérica, exangue.
Cabeça raspada a navalha,
castigada a palmatória,
capinando o largo,
chorando. Golfando sangue. (...) ¹⁵

São muitos os becos-devires. Os becos da Cidade de Goiás constituem uma imagem muito forte, presente e determinante na literatura de Cora Coralina. Não apenas porque fazem parte da paisagem urbanística daquela Cidade e porque sejam inúmeros - todos nomeados -, mas porque, para a escritora, parecem constituir um lugar de inspiração, lugar privilegiado, a partir de onde é possível se inventar um povo, renegado e fazer a experiência do *intermezzo*, que não designa uma correlação localizável, mas uma direção perpendicular, onde as coisas adquirem velocidade.

Ao postular que os becos de Goiás equivalem a rizomas, estamos buscando ser deleuzianos, no sentido de sua literalidade. As imagens literárias, tecidas em forma da conjunção “e”, são experiências de encontros despontadas na dinâmica dos becos, que são pobres e revestidos de ouro, dramáticos e poéticos, pecaminosos e românticos, abandonados e atraentes, enlaxarados e generosos, sombrios e iluminados, mal-assombrados e acolhedores, úmidos e calorosos, tristes e alegres, feios e floridos.

15 CORALINA, C., Becos de Goiás. In: IDEM, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, pp. 103-106.

Os becos de Goiás não parecem ser determinantes em função da ligação-passagem entre duas extremidades localizáveis e reconhecidas, mas por estarem libertos do eixo entre dois lugares que são polaridades, por poderem constituir-se apenas meio, *intermezzo*: o que acontece neles não pode ser presumido. E é exatamente ali que acontece a vida. Os becos são lugares de agenciamentos, são o fora, são pura desterritorialização e reterritorialização em relação ao território da Cidade, modelo de um tempo, a ser reproduzido. Os becos são pontos de fuga que sugerem disrupturas. Os becos são, também, lugares conjuntivos e rizomáticos, de fluxo e intensidade, que desestruturam o esquema arborescente daquela sociedade, com sua lógica genealógica, monumental, arqueológica.

Por isso, embora os becos fossem considerados *suspeitos... mal afamados, onde família de conceito não passava, lugar de gentinha*, também são o lugar daqueles que *queriam alegria, da mulher-dama, das mulheres da vida, que começavam em boas casas, depois, baixavam para o beco*. Lugar de contradição. Lugar de vida.

Assim, diz a autora: *Becos da minha terra... Válvulas coronárias da minha velha cidade*.¹⁶ Aqui também parece haver a literalidade, que não é metáfora. Os Becos não são como 'válvulas coronárias', e nem estas aparecem no texto em um sentido figurado. Não há experiência prévia dos becos. Os **'becos - válvulas**

16 CORALINA, C., Do Beco da Vila Rica. In: IDEM, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, p. 111.

coronárias' só podem ser entendidos no horizonte dessa relação-devir, experiência esta cristalina, no sentido de escapar a qualquer clichê: os becos são mecanismos vitais de Goiás, lugares de nomadismo, que provocam desterritorializações e reterritorializações, pontos de fuga em relação à elite hegemônica daquela sociedade.

Entre os becos, há um, por demais, especial, talvez por sua insignificância potente: O Beco da Escola¹⁷: *Um corricho de passagem, um dos muitos vasos comunicantes onde circula a vida humilde da cidade. É um bequinho pequeno, uma transição, um lapso urbanístico, um bequinho de brinquedo, miudinho, com uma braça de largura, mal medida. Cinquenta metros de comprido... avaliado, um bequinho que brinca de esconder. Este bequinho acolhe a Escola, "casulo" que possibilita "metamorfoses", sobretudo através da escrita futura.*

Os becos autorizam e possibilitam o trânsito de muitas coisas, como lugar-velocidade: burros-de-lenha malzelados e cansados entre galinhas mortas, sempre encontradas, *ontem, hoje, amanhã, no século que vem, no milênio que vai chegar...*; lenheiros, que não são homens e nem crianças; mulheres, que são desejadas em uma noite e castigadas e desprezadas à luz do sol; gente de pé no chão, que caminha entre sandálias e sapatos velhos e carcomidos que demoram muito tempo para se deteriorar sobre os monturos de lixo; escuridão, lodo negro, ar sombrio e luz dourada no ângulo do meio-dia; avencas delicadas que despontam das frinchas dos muros sem regra, sem

17 CORALINA, C., O Beco da Escola. In: IDEM, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, pp. 117-120.

prumo e sem aprumo; gente de pote d'água entre fumaça ardida exalada dos monturos pobres de lixo; casinhas tristes de degraus, portões vestidos de velhice...

Através dos becos, os textos de Cora também concretizam a possibilidade de se fazer Literatura com as lembranças, desde que delas se desenterre um povo renegado, ainda por vir, ou se escreva 'em intenção' de um povo, sem ter a pretensão de ocupar o seu lugar. "Inventa-se um povo" sob todos os ângulos, dimensões, perspectivas. Tira-se o véu dos preconceitos, das negações, dos aprisionamentos. Possibilita-se um irromper no seio de outras relações, conexões, agenciamentos.

Talvez, por serem *lugar de gentinha*, malditos, *onde família de conceito não passava*, possibilitem a invenção desse povo, enterrado em suas traições e reneгаções. A vida pode acontecer como expressão de uma multiplicidade, com uma força capaz de gerar velocidade. A velocidade que só se adquire no meio.

Dáí serem os 'becos-válvulas coronárias', **lugar da resistência vegetal**, onde, em sua velhice, *o tempo pode planta avencas*, que sempre renascem, porque são *bravias e renitentes*; onde abundam *ervinhas anônimas, rasteirinhas, sem valia e vigorosas*; **lugar da resistência social**, onde as *gentinhas* podem transitar, viver e se alegrar; **lugar da generosidade**, onde se deposita tudo o que não se quer e onde até os *monturos de lixo* são generosos às crianças pobres. Lugar privilegiado, *pincelado de ouro*, pela luz diária do Sol.

A experiência dos becos é potencialmente literária, já que a escrita é devir. Nos becos há uma explosão de devires, todos minoritários. A escrita de Cora é expressão de nomadismo nesses becos. Pela escrita, a autora faz a experiência do devir, como encontrar zonas de vizinhança, de indiscernibilidade e de indiferenciação entre pessoas e coisas que despontam nesses becos. Assim, experimenta-se um devir avenca, lodo, monturo de lixo, portão abandonado, fumaça ardida, galinha morta, mulher-meretriz, lenheiro, burro malzelado. Mas cada uma dessas realidades se debruça e se constitui na marginalidade minoritária da outra. As *delicadas avencas* são *bravias* e *renitentes* ao *renascerem* na *frincha dos muros empenados* sob condições do *tempo*, já que é este *que planta avencas sobre a velhice dos muros*. As avencas vingam graças ao *ar sombrio dos becos*, à *sua velha umidade andrajosa*, ao *seu lodo negro, esverdeado, escorregadio*. Por sua vez, tal umidade vinga graças à *prantina silenciosa do fio de água*, que desce de *quintais escusos, sem pressa...* E assim, em platôs que se ampliam e se complexificam cada vez mais por um fora, a vida acontece nesses *intermezzos rizomáticos*.

A experiência dos 'becos-válvulas coronárias' sugere uma inspiração literária rizomática. A escrita da autora é *a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugidia, e semeia polmes dourados* no lixo pobres desses becos... A escrita de Cora emancipa os becos. A escrita da autora é a *avenca delicada, bravia e renitente*, que desponta nas *frinchas dos muros sem aprumo* desses becos... E a experiência-devir da autora com esses becos revela torna-os 'lugares' de potência, de encontros e conexões, de agenciamentos imprevisíveis: ouro-potência, renunciado ao meio-dia; vida-potência, enunciada nas madrugadas.



Conceito - Linhas de Fuga, Desterritorialização e Reterritorialização

Numa concepção cartográfica, o conceito de *desterritorialização*, neologismo surgido no Anti-Édipo, deve ser referido a três outros: território, terra e reterritorialização¹.

O sentido de território, embora inspirado, deve ser compreendido de forma mais ampla do que a etologia e etnologia, já que envolve um componente geográfico, mas sobretudo existencial, do 'ter um chão' e 'encontrar um lugar'; tem a ver com o "campo familiar"²: *marca as distâncias em relação a outrem e protege do caos*. A delimitação de um território é sinônimo de apropriação, de momento subjetivante. Um território é feito de fragmentos descodificados de todo tipo, extraído dos meios, mas que a partir desse momento adquirem o valor de propriedade.

Toda multiplicidade, em seus platôs, é atravessada por vetores, os territórios, e também por graus de desterritorialização³. Tais vetores de *desorganização ou de 'desterritorialização'* são precisamente designados como *linhas de fuga*⁴. Uma multiplicidade se define pelos agenciamentos com um fora. O território cria um agenciamento; define-se por um fora.

1 ZOURABICHVILI, F., O Vocabulário de Deleuze, p. 45.

2 IDEM, *Ibidem*, p. 46.

3 DELEUZE, G.; GUATTARI, F., Introdução: Rizoma. In: IDEM, *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*, p. 37.

Desterritorializar-se significa abrir-se, implicar-se em linhas de fuga ou destruir-se. Segundo Zourabichvili, uma *linha de fuga não significa fugir para fora de, mas de fazer fugir*⁵. As linhas de fuga fazem parte de uma realidade rizoma, mas é através delas que um rizoma se rompe e se amplia, de acordo com o número de conexões, mudando de natureza⁶. Entretanto, toda linha de fuga aponta para o risco de uma reestratificação do conjunto, no sentido de que ela carrega os padrões do próprio rizoma. Nesse sentido, os autores postulam que *o bom o mau são somente o produto de uma seleção ativa e temporária a ser recomeçada*⁷.

Há dois tipos de desterritorializações. Uma *relativa*, que implica na mudança de um território, mas na reterritorialização; e outra, *absoluta*, que implica em estar permanentemente numa linha abstrata ou de fuga⁸.

4 ZOURABICHVILI, F., *O Vocabulário de Deleuze*, p. 59.

5 IDEM, *Ibidem*, p. 61.

6 DELEUZE, G.; GUATTARI, F., Introdução: Rizoma. In: IDEM, *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*, p. 18.

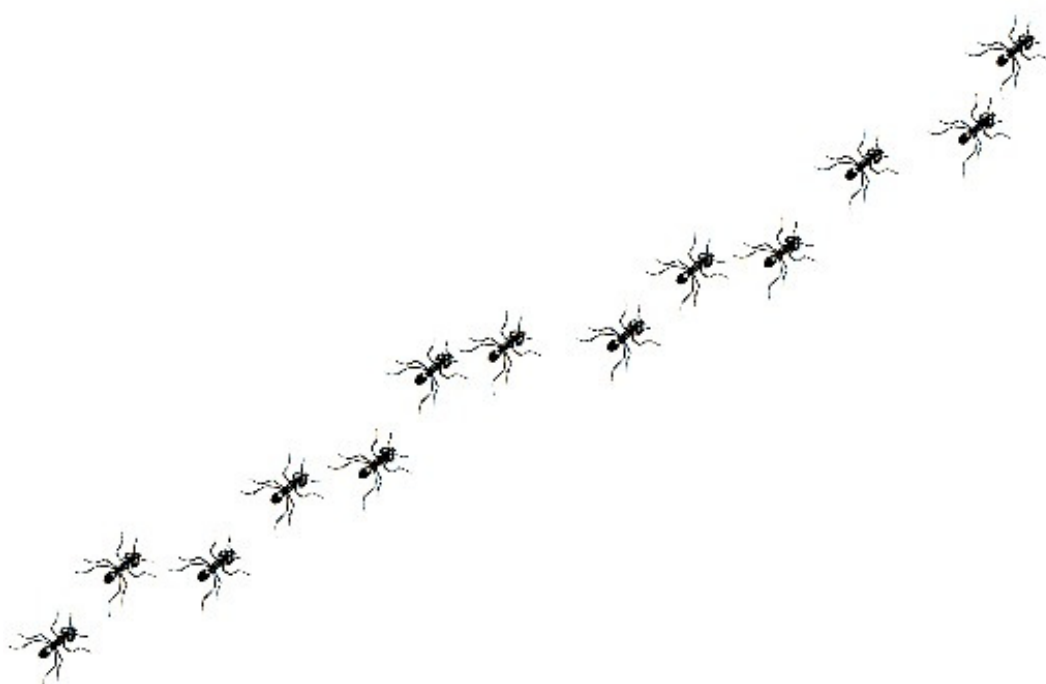
7 IDEM, *Ibidem*, p. 18.

8 ZOURABICHVILI, F., *O Vocabulário de Deleuze*, p. 45.

Em *Mil Platôs*, a questão da reterritorialização aparece como correspondente a qualquer desterritorialização, no sentido de que, mesmo quando *absoluta*, dá-se em terra não delimitada e não em território propriamente dito: numa perspectiva nômade, há uma reterritorialização sobre uma permanente desterritorialização e nomadismo⁹.

A compreensão de tais conceitos precisa ser redimensionada permanentemente, já que se trata aqui de uma lógica rizomática, cujos princípios são uma cartografia e nomadologia, que se contrapõe à estrutura e à história.

⁹ IDEM, *Ibidem*, p. 46.



Linhas de Fuga, Desterritorialização e Reterritorialização em Cora Coralina

Cora Coralina foi uma mulher extraordinária, do século retrasado, que estudou muito pouco, trabalhou muito e que, aos 75 anos de idade, publicou o seu primeiro livro, publicação esta que a consagrou como uma das escritoras mais queridas: poetisa, contista e cronista de tempos passados e presentes, além de jornalista e redatora crítica de acontecimentos.¹⁰

Ana Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas. Esse é o seu registro original. Mas, determinada em sobrepujar as margens de um tempo em que a escrita não era coisa para mulheres, e para se distinguir das tantas Anas de sua terra, desponta, aos 15 anos, como Cora Coralina, 'coração vermelho'. Ana se desterritorializa. Em Cora, Ana se reterritorializa. Por sua vez, Cora, através da escrita, alcançará muitos *devires* que lhe permitirão, pela vida afora, desterritorializar-se e reterritorializar-se, em um nomadismo constante. Isto se dá por agenciamentos com paisagens internas e externas muito marcantes: o Rio Vermelho, que flui debaixo de suas janelas e que ancora a Casa Velha da Ponte, onde passou sua infância e juventude; a Bica localizada no porão de sua casa; os Becos de sua Cidade. Tais paisagens evocam fluxo, movimento,

10 TAHAN, A. M., Aventureira e Libertária. In: *Jornal do Brasil*, 12 de janeiro de 2002, Caderno Idéias, p. 2.

velocidade do meio, ‘intermezzos’, vida. Cora Coralina testemunha que sua poesia “cresceu entre pedras”¹¹.

O Rio Vermelho é testemunhado em muitos de seus escritos:

I

Tenho um rio que fala em murmúrios.
Tenho um rio poluído.
Tenho um rio debaixo das janelas
da Casa Velha da Ponte.
Meu Rio Vermelho.

II

Águas da minha sede...
Meus longos anos de ausência
identificados no retorno:
Rio Vermelho – Aninha.
Meus sapos cantantes...
Eróticos, chamando, apelando,
cobrindo suas gias.
Seus girinos – pretinhos, pequeninos,
inquietaos no tempo do amor,
sinfonia, coral, cantoria.
Meu Rio Vermelho.

III

Debaixo das janelas tenho um rio
correndo desde quando?...
Lavando pedras, levando areias.
Aninha nascia, crescia, sonhava.

11 CORALINA, C., Das Pedras. In: IDEM, *Meu Livro de Cordel*, p. 13.

IV

Água – pedra.
Eternidades irmanadas.
Tumulto – torrente.
Estática – silenciosa.
o paciente deslizar,
o chorinho a lacrimejar
sútil, dúctil
na pedra, na terra.
Duas perenidades –
sobreviventes no tempo.
Lado a lado –
conviventes,
diferentes, juntas, separadas.
Coniventes.

Meu Rio Vermelho.

V

Meu Rio Vermelho é longínqua
manhã de agosto.
Rio de uma infância mal-amada.
Meus barquinhos de papel
onde navegavam meus sonhos;
sonhos navegantes de um barco:
pescadora, sonhadora
do peixe-homem.

VI

Um dia caiu na rede
meu peixe-homem...
todo de escamas luzidias,
todo feito de espinhos e espinhas.

VII

Rio Vermelho, líquido amniótico
onde cresceu da minha poesia, o feto,
feita de pedras e cascalhos.
Água lustral
que batizou de novo
meus cabelos brancos.¹²

Neste texto Cora mostra um Rio que, atravessando a Cidade, marca a passagem do tempo – *Rio da contagem das eras*, ou mesmo, *já bebi água do rio na concha da minha mão*¹³. E este Rio não apenas traz um ‘mundo’ que atravessa o seu – o *peixe-homem* -, mas é também o seu ‘mundo’ – *líquido amniótico de suas poesias*. Em seu próprio nome – Coralina – está engendrado o nome Rio Vermelho. Mas o Rio Vermelho é ponto de fuga. Cora se desterritorializa no Rio Vermelho. O Rio Vermelho também se reterritorializa em Cora Coralina. Nesse encontro, ambos não são mais os mesmos.

Longe do Rio Vermelho.
Fora da Serra Dourada.
Distante desta cidade,
não sou nada, minha gente.

Sem rebuço, falo sim.
Publico para quem quiser.
Arrogante digo a todos.
Sou Paranaíba pra cá.
E isto chega para mim.

12 CORALINA, C., Rio Vermelho. In: IDEM, *Meu Livro de Cordel*, pp. 44-46.

13 CORALINA, C., Não conte pra ninguém. In: IDEM, *Meu Livro de Cordel*, p.91.

Rio Vermelho das janelas da casa velha da Ponte...

Rio que se afunda debaixo das pontes.

Que se reparte nas pedras.

Que se alarga nos remansos.

Esteira de lambaris.

Peixe cascudo nas locas.

Rio, vidraça do céu.

Das nuvens e das estrelas.

Tira retrato da Lua.

Da Lua quarto-crescente

que mora detrás do morro.

Lua que veste a cidade de branco

e tece rendado de marafunda

na sombra das cajazeiras.

Rio de águas velhas.

Roladas das enxurradas.

Crescidas das grandes chuvas.

Chovendo nas cabeceiras.

Rio do princípio do mundo.

Rio da contagem das eras.

Rio – mestre de Química.

Na retorta das corredeiras,

corrige canos, esgotos, bueiros,

das casas, das ruas, dos becos

da minha terra.

Rio, santo milagroso.

Padroeiro que guarda e zela

a saúde de minha gente,

da minha antiga cidade largada.

Rio de lavadeiras lavando roupa.

De meninos lavando o corpo.
De potes se enchendo d'água.
E quem já ficou doente da água do rio?
Quem já teve ferida braba, febre malina
pereba, sarna ou coceira?

Rio, meu pobre Jó...
Cumprindo sua dura sina.
Raspando sua lazeira
nos cacos dos seus monturos.
Rio, Jó que se alimpa,
pela graça de Deus, Virgem Santa Maria,
nas cheias de suas enchentes
que carregam seus monturos.

Ponte da Lapa da minha infância...
Da escola da mestra Silvina,
do tempo em que eu era Aninha...

Ponte do Carmo, querida,
dos namorados de longe.
Por onde passava enterro,
dos anjinhos de Goiás,
que iam pro cemitério,
pintadinhos de carmim.
Caixãozinho descoberto.
E a música tocando atrás
A Valsa da Despedida.

Ponte nova do Mercado
- foi pinguela do Antônio Manuel,
banheiro da meninada.
Ponte do Padre Pio dos potes d'água.
Carioca de nós todos.
Pinguelona dos destemidos,

contando a estória de um sino.

Sino grande, impressado,
nas locas da cachoeira.
Sino da Igreja da Lapa,
que rodou na grande enchente
tocando pro rio abaixo.
Até que parou impressado
nas pedras da Pinguelona.

Gente que passa ali perto
conta estória do sino:
Inda toca à meia-noite
quando a cidade se aquieta,
e as águas ficam dormindo.

Tange, pedindo uma graça:
Que algum cristão caridoso,
o salve daquele poço,
o tire debaixo d'água.
Pois seu destino de sino
é no alto de uma torre
abençoando a cidade.
Dando aviso para o povo
- louvar a Deus poderoso.

Poço da Mandobeira...
Poço do Bispo...
Poço da Carioca...
Sombras de velhos banhistas de velhos tempos.
Sabão do Reino no bolso.
Toalha passada ao ombro.
Cigarro de palha no bico.
A vitamina do banho.
Banho da Carioca.

Águas vitaminadas...
Rio Vermelho – meu rio.
Rio que atravessasse um dia
(Altas horas. Mortas horas.)
há cem anos...
Em busca do meu destino.

Da janela da casa velha
todo dia, de manhã,
tomo a bênção do rio:
- ‘Rio Vermelho, meu avozinho,
dá sua bença pra mim...’¹⁴

Neste outro texto sobre o Rio Vermelho, Cora explicita essa relação de intimidade, que não é exclusivista. Há múltiplas desterritorializações e reterritorializações entre o Rio Vermelho e toda a realidade circundante. Em alguns textos, Cora fala de como o Rio Vermelho reage, raivoso, nas enchentes catastróficas que provoca de tempos em vez. Mais especificamente, fala da relação do Rio com a Casa Velha da Ponte:

(...) Ancorada na ponte, não quiseste partir rio abaixo, agarrada às pedras. Nem mesmo o rio pôde te arrastar, raivoso, transbordante, lavando tuas raízes profundas a cada cheia bravia (...) ¹⁵.

Estas relações são descritas por imagens muito românticas e belas, juntamente com outras, de despedida, dor e morte. Mas há lugar legítimo para todas: expressão da vida-multiplicidade!

14 CORALINA, C., Rio Vermelho. In: IDEM, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, pp. 91-94.

15 CORALINA, C., Casa Velha da Ponte. In: IDEM, *Estórias da Casa Velha da Ponte*, p. 11.

Como dissemos, também a Biquinha do porão de sua casa constitui como um ponto de fuga importante. Sobre ela, Cora diz:

Ainda vive e pulsa aqui teu coração imortal, testemunha vigilante do passado. Humilde, pequenina e ofertante, a biquinha d'água, generosa, indiferente à decadência, a biquinha anciã de águas puras de ignota mina. Cantante e fria, correndo sempre menina na sua calha de aroeira. Biquinha, és refrigério, copo de água cristalina e azul para a sede de quem fez longa caminhada às vertentes do passado e volta vazia às origens de sua própria vida.¹⁶

*A Bica é coração imortal que vive e pulsa dentro do corpo patinado pelo tempo, da Casa, marcado das escaras da velhice, que aparecem sem que se possa precisar o seu surgimento. Não somente Cora, com sua escrita, testemunha em favor da vida, lembrando Deleuze. A própria vitalidade da biquinha é testemunha vigilante. É uma Bica anciã e menina, que sempre corre, vitalizando a Casa, barco centenário encalhado no Rio Vermelho*¹⁷ A Bica-movimento contrasta com a Casa-estática. Pela Bica e pelo Rio, escapa-se ao território da Casa. Ambos possibilitam agenciamentos com um fora.

16 IDEM, *Ibidem*, p. 11.

17 IDEM, *Ibidem*, p. 11.

E ainda os Becos... pontos de fuga... territórios desterritorializantes... Os Becos de Goiás Velho são rizomas, no sentido de múltiplas entradas e saídas, muitas possibilidades, rupturas a-significantes. O Beco não é um lugar, mas, como a Autora diz, *lapso urbanístico, corricho, de passagem, vaso comunicante, uma transição*¹⁸. Entre os Becos de Goiás, Cora se também se desterritorializa e se reterritorializa.

Cora expressa essa realidade da desterritorialização por trás da palavra **extravasar**. Ela extravasa um tanto de realidades, a começar pelas convenções de um tempo. E irá extravasar a Casa Velha da Ponte, cujo ponto de fuga parece ter sido seus anseios. Seus anseios são o conteúdo de seus devires:

(...) Meus anseios extravasaram
a velha casa.
Arrombaram portas e janelas,
e eu me fiz ao largo da vida.
Andei por mundos ignotos
e cavalguei o corcel branco do sonho. (...) ¹⁹

Em outro texto, fala da contraposição entre os seus sonhos e os limites que lhe eram impostos:

Um dia, houve.
Eu era jovem, cheia de sonhos.
Rica de imensa pobreza que me limitava
entre oito mulheres que me governavam.

18 CORALINA, C., O Beco da Escola. In: IDEM, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, p. 118.

19 CORALINA, C., Casa Velha da Ponte. In: IDEM, *Estórias da Casa Velha da Ponte*, p. 11.

E eu parti em busca do meu destino.
Ninguém me estendeu a mão.
Ninguém me ajudou e todos me jogaram pedras.

Despojada. Apedrejada.
Sozinha e perdida nos caminhos incertos da vida.
E fui caminhando... caminhando... (...).²⁰

Cora sai mundo afora, por 45 anos, passando por muitas cidades e trabalhos diferentes, num processo de desterritorialização permanente, de se reterritorializar num constante nomadismo, interno e externo, que marcará toda a sua vida e a sua escrita.

Mas há sobretudo quatro reterritorializações marcantes que a escrita de Cora Coralina evidencia: a transformação de Ana em Cora Coralina, possibilitando-lhe um lugar novo sócio-cultural, legitimador de um lugar literário; o propósito de um nomadismo e busca de territórios a serem construídos (condição de um nomadismo que se reterritorializa continuamente sobre desterritorialização); o retorno à Goiás e à Casa Velha da Ponte, de onde assume nunca ter saído, embora tenha dado muitas voltas ao mundo; e a experiência de sua morte e sepultamento, idealizados em versos e concretamente: Cora comprou sua sepultura e escreveu nela o seu epitáfio – devir-reterritorialização -, ainda em vida.

20 CORALINA, C., Semente e Fruto. In: IDEM, *Vintém de Cobre. Meias Confissões de Aninha*, p. 84.

Cora descreve o tortuoso caminho de volta... depois de 45 anos, para Goiás e para a Casa Velha da Ponte:

A estrada está deserta. Vou caminhando sozinha. Ninguém me espera no caminho. Ninguém acende a luz. A velha candeia de azeite de há muito se apagou. Tudo deserto. A longa caminhada. A longa noite escura. Ninguém me estende a mão. E as mãos atiram pedras. Sozinha... Errada a estrada. No frio, no abandono. Tateio em volta e procuro a luz. Meus olhos estão fechados. Meus olhos estão cegos. Vêm do passado. Num bramido de dor. Num espasmo de agonia ouço um vagido de criança. É meu filho que acaba de nascer. Sozinha... Na estrada deserta, sempre a procurar o perdido tempo que ficou para trás. Do perdido tempo. Do passado tempo escuto a voz das pedras: Volta... Volta... Volta... E os morros abriam para mim imensos braços vegetais. E os sinos das igrejas que ouvia na distância diziam: Vem... Vem... Vem... E as rolinhas fogo-pagou das velhas cumeeiras: Porque não voltou... Porque não voltou... E a água do rio que corria chamava... chamava... Vestida de cabelos brancos voltei sozinha à velha casa, deserta.²¹

Em outros textos, ela fala desse retorno:

Voltei. Ninguém me conhecia. Nem eu reconhecia alguém. Quarenta e cinco anos decorridos. Procurava o passado no presente (...)²²

E ainda:

(...) Fiz a caminhada de retorno às raízes ancestrais. Voltei às origens da minha vida, escrevi o “Cântico da Volta”. Assim devia ser. Fiz um nome bonito de doceira, glória maior. E nas pedras rudes do meu berço gravei poemas.²³

21 CORALINA, C., O Chamado das Pedras. In: IDEM, *Meu Livro de Cordel*, pp. 84-85.

22 CORALINA, C., Voltei. In: IDEM, *Vintém de Cobre. Meias Confissões de Aninha*, p. 127.

23 CORALINA, C., Semente e Fruto. In: IDEM, *Vintém de Cobre. Meias Confissões de Aninha*, pp.

No poema em que fala do Rio Vermelho, Cora ainda evidencia a importância
dessa reterritorialização, que equivale a um batismo:

(...) Rio Vermelho, líquido amniótico
onde cresceu da minha poesia, o feto,
feita de pedras e cascalhos.

Água lustral que batizou de novo meus cabelos brancos.²⁴

O processo de retorno, de Cora, não se dá de forma tranqüila. Outras tantas desterritorializações. É neste contexto que Cora escreve suas “meias confissões”. Ela fala de suas dificuldades. Mas ainda assim, Cora parece fazer-se testemunha a favor da vida. E fala daquilo que a engasga e que é comum a muitos:

Este livro, meias confissões de Aninha,
é um livro tumultuado, aberrante, da rotina de se fazer e ordenar um livro.
Tumultuado, como foi a vida daquela que o escreveu.
Conseqüente. Vai à publicidade sem nenhuma pretensão.
Alguma coisa, coisas que me entulhavam, me engasgavam
e precisavam sair.
É um livro das conseqüências.
De conseqüências.
De uma estou certa, muitas dirão: estas coisas também
se passaram comigo.

Este livro foi escrito no tarde da vida,
procurei recriar e poetizar. Caminhos ásperos
de uma dura caminhada.
Nos reinos da Cidade de Goiás, onde todos somos amigos do Rei.
(Parodiando M. Bandeira).²⁵

E nesse retorno parece haver uma decisão. Apesar da extrema pobreza, da solidão, do processo de resgate da Casa Velha da Ponte, do despencar da Casa, da

24 CORALINA, C., Rio Vermelho. In: IDEM, *Meu Livro de Cordel*, p. 46.

25 CORALINA, C., Este livro, meias confissões de Aninha. In: IDEM, *Vintém de Cobre. Meias Confissões de Aninha*, p. 43.

falta de recursos e até das muletas, da dificuldade em publicar seus livros, Cora reterritorializa-se na *“velha mais bonita de Goiás”*. A *“Aninha feia da Lapa”*, finalmente, descobre-se emancipada.

Sua morte inaugura a plena reterritorialização. Em seu epitáfio, encontram-se as suas palavras:

Morta... serei árvore
serei tronco, serei fronde
e minhas raízes
enlaçadas às pedras de meu berço
são as cordas que brotam de uma lira.

Enfeitei de folhas verdes
a pedra de meu túmulo
num simbolismo
de vida vegetal.

Não morre aquele
que deixou na terra
a melodia de seu cântico
na música de meus versos.²⁶

Aspirando o “ser árvore”, ainda aqui Cora sugere uma lógica mais rizomática que arborescente, no sentido de buscar agenciar-se como parte de uma natureza muito mais ampla que sua identidade pessoal. Mas ainda assim ela permanece nômade: *Quando eu morrer, não morrerei de tudo. Estarei sempre nas páginas deste livro (...).*²⁷

26 CORALINA, C., Meu Epitáfio. In: IDEM, *Meu Livro de Cordel*, p. 95.

27 CORALINA, C., Meu vintém perdido. In: IDEM, *Vintém de Cobre. Meias Confissões de Aninha*, p.

Hoje, o contato com a sua escrita promove muitas desterritorializações. E cada leitura e releitura de Cora, como disseram Deleuze e Guattari, “fazem subir à superfície novos planos”²⁸, promovendo novas reterritorializações de sua escrita.

A presente dissertação ensaia algumas relações-devir, buscando desterritorializar e reterritorializar realidades. Mas que ela possa ser apenas mais um ponto de fuga para uma infinidade de territórios a serem construídos.

68.

28 DELEUZE, G.; GUATTARI, F., Introdução: Rizoma. In: IDEM, *Mil Platôs: capitalismo e Esquizofrenia*, p. 7.



**A Literatura em Gilles Deleuze, Félix Guattari
e Cora Coralina:
possibilidade de emancipação**

Deleuze e Guattari inauguram idéias bastante inéditas e provocadoras acerca da Atividade Literária. E são conseqüentes em relação à escrita: o processo de produção da obra *Mil Platôs* revela já uma postura diferente em relação ao processo de autoria. Tal obra foi produzida em forma de platôs, a quatro mãos. Eles comentam o processo:

Escrevemos este livro como um rizoma. Compusemo-lo com platôs. Demos a ele uma forma circular, mas isto foi feito para rir. Cada manhã levantávamos e cada um de nós se perguntava que platôs ele ia pegar, escrevendo cinco linhas aqui, dez linhas alhures. Tivemos experiências alucinatórias, vimos linhas, como fileiras de formiguinhas, abandonar um platô para ir a um outro. Fizemos círculos de convergência.(...)¹

O que chamamos de inédito nestes autores têm a ver, sobretudo, com a cartografia de uma autoria, com a cartografia do processo de produção da escrita e com a sua finalidade.

Uma das idéias que tais autores desconstroem é a de que um livro seja um todo orgânico, pleno de significados, expressão de uma subjetividade (atribuível a um

1 DELEUZE, G.; GUATTARI, F., Introdução: Rizoma. In: IDEM, *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*, p. 33.

indivíduo), referente a um objeto, cópia e imagem do mundo². Dirão Deleuze e Guattari que “(...) *as multiplicidades são a própria realidade, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito*”³. Ao contrário, o ato de escrever é sempre um agenciamento com um fora, é saída de território, é devir, é um ponto de fuga que permite uma desterritorialização: “*Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir*”⁴.

“*Um livro existe apenas pelo fora e no fora*”⁵. Como agenciamento, está em conexão com outros agenciamentos. Em um rizoma, as realidades perdem o estatuto de totalidades. As realidades valem por seus percursos e fluxos, pelas suas relações (devires), pela sua literalidade e imanência, pelos seus graus de desterritorialização, pela intensidade que adquirem, e que nunca ocorrem de forma prévia, linear e de acordo como modelos preestabelecidos. Segundo Deleuze e Guattari,

Não se perguntará nunca o que um livro quer dizer, significado ou significante, não se buscará nada compreender num livro, perguntar-se-á com o que ele funciona, em conexão com o que ele faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades ele se introduz e metamorfoseia a sua (...).⁶

2 Cfr. DELEUZE, G.; GUATTARI, F., Introdução: Rizoma. In: IDEM, *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*, p. 13.

3 IDEM, *Ibidem*, p. 8.

4 IDEM, *Ibidem*, p. 13.

5 IDEM, *Ibidem*, p.12.

6 IDEM, *Ibidem*, p. 12.

Em outra passagem, dizem os autores: *“Mas a única questão, quando se escreve, é saber com que outra máquina a máquina literária pode estar ligada, e deve ser ligada, para funcionar”⁷*.

Por ser um agenciamento, um livro é sempre inatribuível, dizem Deleuze e Guattari⁸. Aqui se encontra outra idéia importante. Dizendo de outra maneira, toda autoria é múltipla. Um autor, apenas agenciador, é sempre “muitos”: Para os autores, as subjetivações são *“processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades”⁹*.

Um livro não pertence a quem o escreve, até porque dentro de um livro existem vários autores, inúmeros agenciamentos, conexões infinitas de platôs, grande parte das vezes ‘convertidos’ - a ferro e fogo, e a longos anos de prática ‘ortopédica’ -, para uma lógica arborescente, genealógica. E um livro também não é de quem o lê, mas é de todos os que o lêem e o relêem, singularidades múltiplas. Como dizem Deleuze e Guattari, um livro se define por um “fora”. É um “agenciamento” de conexões imprevisíveis:

7 IDEM, *Ibidem*, p. 12.

8 IDEM, *Ibidem*, p. 12.

9 IDEM, *Ibidem*, p. 8.

Com o passar dos anos os livros envelhecem, ou, ao contrário, recebem uma segunda juventude. Ora eles engordam e incham, ora modificam seus traços, acentuam suas arestas, fazem subir à superfície novos planos. Não cabe aos autores determinar um tal destino objetivo. Mas cabe a eles refletir sobre o lugar que tal livro ocupou, com o tempo, na conjuntura de seu projeto (destino subjetivo), ao passo que ele ocupava todo o projeto no momento em que foi escrito.¹⁰

Aqui já podemos buscar e evidenciar muitos paralelos entre Deleuze, Guattari e Cora Coralina.

Cora, em um de seus livros, manifesta o seu desejo em relação ao destino de seu livro:

Este livro (...)

Que o saiba sempre em brochura, ao alcance de crianças, jovens e adultos, que mãos operárias repassem estas páginas e sintam-se presentes, juntos à mulher operária que as elaborou.

Que possa ultrapassar as cidades e alcançar a alma sertaneja, levando minha presença-terra aos enxadeiros e boiadeiros que tanto me ensinaram.

Que entre em casas de mulheres marcadas de luz vermelha e leve a elas esta Mensagem do Evangelho:

Disse-lhes Jesus: Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes entrarão na vossa frente no reino de Deus.

Possa ser lido nas prisões e levar ao presidiário a última página deste livro num apelo de regeneração e na minha oferta de fraternidade humana.

Tenha ele sempre uma apresentação simples e sugestiva e, por muito tempo, possa viver fora das encadernações de luxo entre lombadas hieráticas e dourados bonitos.

10 DELEUZE, G.; GUATTARI, F., Introdução: Rizoma. In: IDEM, *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*, p. 7.

Possa valer pelo seu conteúdo, sempre encontrado em bancas populares em balcões de livrarias - seu preço ao alcance de um leitor modesto.

Com o tempo, lido, relido e trelido, rabiscado, amassado, arrancadas suas folhas, seja, num dia de faxina geral, num auto de arrumação e limpeza, lançado numa fogueira e calcinado no holocausto das chamas.

Vai, meu pequeno livro. Que possa sobreviver à autora e ter a glória de ser lido por gerações que não de vir de gerações que não de nascer.¹¹

Mas, tal texto sugere que a preocupação autêntica de Cora é a democratização e a garantia de acesso popular à sua escrita, por não ser uma escrita apenas expressão de um universo particular e pessoal, mas uma escrita que fala da vida, que diz respeito a muitos, a começar por todos os minoritários. Daí a importância de ser um livro simples e acessível.

Quando imagina, inclusive, que seu livro possa ser rabiscado, amassado, arrancado as suas folhas e calcinado, Cora não apenas evidencia a relativização de qualquer escrita, que é sempre possibilidade, mas supõe a co-autoria como processo permanente, para além do momento da inspiração 'inicial' de uma subjetividade (que já é 'meio' em relação a tantas inspirações). Cada vez que se lê, relê, rabisca, interage, dá-se continuidade ao processo de co-criação. Por trás dessa concepção, mais socializadora e relativista, percebemos, em Cora, a consciência sobre o que vem a ser um processo de autoria.

11 CORALINA, C., Este Livro. In: IDEM, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, p. 37.

Em dois textos, de extrema riqueza, Cora manifesta o quanto, de fato, o ato de escrever é um agenciamento e, como tal, inatribuível. No primeiro, denota que escrever é, de fato, agenciar algo e agenciar com um 'fora':

Alguns perguntam pela minha vida, pelo embrião primário, de como veio e se encontrou comigo a minha poesia, a presença primeira do meu primeiro verso; eu respondo: Ela cascadeia há milênios. Minha Poesia... Já era viva e eu, sequer nascida. Veio escorrendo num veio longínquo de cascalho. De pedra foi o meu berço. De pedras têm sido meus caminhos. Meus versos: pedras quebradas no rolar e bater de tantas pedras.¹²

Entre as pedras, de seu berço e de seus caminhos, há um fluxo-cascata que corre. Cora consegue percebê-la. Em outro texto, Cora também reconhece que sua escrita é uma atividade coletiva que não lhe pertence. Sua atividade literária é instrumento que interfere na realidade e que mobiliza e pertence a futuras gerações. Há um destino maior que o meramente pessoal:

(...) Minha pena é a enxada do plantador,
é o arado que vai sulcando
para a colheita das gerações.¹³

12 CORALINA, C., Mãe Didi. In: IDEM, *Meu Livro de Cordel*, pp. 93-94.

13 CORALINA, C., A Gleba me transfigura. In: IDEM, *Vintém de Cobre. Meias Confissões de Aninha*, pp. 108-110.

Sua escrita, enquanto agenciamento, nasce em um contexto muito adverso: um tempo em que escrita não era atividade destinada a mulheres, e numa família que não valorizava essa atividade. Cora descreve tal contexto:

(...) Sendo eu mais doméstica do que intelectual, não escrevo jamais de forma consciente e raciocinada, e sim impelida por um impulso incontrolável. Sendo assim, tenho a consciência de ser autêntica.

Nasci para escrever, mas, o meio, o tempo, as criaturas e fatores outros, contramarcaram minha vida.

Sou mais doceira e cozinheira do que escritora, sendo a culinária a mais nobre de todas as Artes: objetiva, concreta, jamais abstrata, a que está ligada à vida e à saúde humana. Nunca recebi estímulos familiares para ser literata. Sempre houve na família, senão uma hostilidade, pelo menos uma reserva determinada a essa minha tendência inata. (...) Sobrevivi, me recompondo aos bocados, à dura compreensão dos rígidos preconceitos do passado. Preconceitos de classe. Preconceitos de cor e de família. Preconceitos econômicos. Férreos preconceitos sociais.

A escola da vida me suplementou as deficiências da escola primária que outras o destino não me deu. Foi assim que cheguei a este livro, sem referências a mencionar. Nenhum primeiro prêmio. Nenhum segundo lugar. Nem Menção Honrosa. Nenhuma Láurea. Apenas a autenticidade da minha poesia arrancada aos pedaços do fundo da minha sensibilidade (...).

Quem sentirá a Vida destas páginas... Gerações que hão de vir de gerações que vão nascer.¹⁴

Nesse contexto, Cora também tem consciência do quanto o seu processo de aprendizagem se deu em meio a muitas limitações:

14 CORALINA, C., Cora Coralina, quem é você? In: IDEM, *Cora Coralina. Meu Livro de Cordel*, pp. 73-76.

(...) Minha escola primária, fostes meu ponto de partida, dei voltas ao mundo. Criei meus mundos... Minha escola primária. Minha memória reverencia minha velha Mestra. Nas minhas festivas noites de autógrafos, minhas colunas de jornais e livros, está sempre presente minha escola primária.

Eu era menina do banco das mais atrasadas.

Minha escola primária... eu era um casulo feio, informe, inexpressivo. E ela me refez, me desencantou. Abriu pela paciência e didática da velha mestra, cinquantanos mais do que eu, o meu entendimento ocluso (...).

(...) Queira ou não, vejo-me tão pequena, no banco das atrasadas. E volta a ser Aninha, aquela em que ninguém acreditava.¹⁵

Ainda que postulemos a superação de uma visão historiográfica e genealógica determinantes, Cora evidencia, pois, um lugar sócio-afetivo de agenciamento, que é rizoma, importante no percurso de seus devires, de suas desterritorializações e reterritorializações, no percurso de sua própria inspiração e estilo literário. Um olhar e uma inspiração para um minoritário parece ser uma opção, nascida numa experiência de exclusão, de rejeição, de preconceito e de dificuldades. Sobre isso, diz Walter Kohan

(...) o que libera o devir é um certo modo de ocupar o espaço e sair do lugar, de fugir do controle, a capacidade de resistência, de encontrar uma linha de fuga, de se desterritorializar e se re-territorializar¹⁶.

15 CORALINA, C., Mestra Silvina. In: IDEM, *Vintém de Cobre. Meias Confissões de Aninha*, pp. 123-124.

16 KOHAN, W. O., A Infância da Educação: O conceito Devir-Criança. In:___ (org.) *Lugares da Filosofia: Infância*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 7.

Tal observação é de grande importância e apontam, em Cora, duas evidências que perpassam sua vida e atividade literária: ao descrever o lugar de agenciamento e produção da sua escrita evidenciará um relação-devir, incontável, que supõe uma ruptura com tantos territórios que lhe foram dados. Por outro lado, tal reconhecimento também se manifestará em um profundo respeito pela língua e pela escrita de cada um, em seus contextos rizomáticos, sobretudo pelos que vivem nos interiores e que trabalham com a terra.

O imaginário de Cora é bastante agrário. O seu devir-terra expressa-se de forma intensa, gerando textos belíssimos, de grande literaridade, que expressam a sua relação com a escrita. São as passagens que mais falam sobre sua atividade literária:

Sinto que sou a abelha no seu artesanato. Meus versos tem cheiro dos matos, dos bois e dos currais. (...) Minha pena (esferográfica) é a enxada que vai cavando, é o arado milenário que sulca. Meu versos têm relance de enxada, gume de foice e peso de machado. Cheiro de currais e gosto de terra. (...) ¹⁷

Dá seu profundo respeito e admiração pelos povos que trabalham e se debruçam continuamente sobre a terra e que agenciam a vida, ainda que não através da escrita, mas através de outras produções.

17 CORALINA, C., A Gleba me transfigura. In: IDEM, *Vintém de Cobre. Meias Confissões de Aninha*, pp. 108-110.

Diante desse universo agrário, a escrita de Cora se metamorfoseia no “Pac... Pac...Pac...” , da enxada que canta¹⁸; no “mééé dos bezerros”¹⁹; no grito selvagem “... uirerê!... uirerê!... uirerê!”²⁰; na fala de Seu Vicente: “De que val’isso?”²¹; na resposta do toque da corneta, do corneteiro e do toque de silêncio ao sininho da cadeia: “cá é bem bão... cá é bem bão... cá é bem bão”²²; nas rolinhas ‘fogo-pagou’ que, no retorno de Cora, cantavam “porque não voltou... porque não voltou...” , e nos sinos das igrejas que diziam “Vem... Vem... Vem...” e na água do rio que corria “chamava... chamava...”²³.

18 CORALINA, C., Poema do Milho. In: IDEM, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, p. 169.

19 CORALINA, C., A Gleba me transfigura. In: IDEM, *Vintém de Cobre. Meias Confissões de Aninha*, pp. 108-110.

20 CORALINA, C., O Palácio dos Arcos. In: IDEM, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, p. 132.

21 CORALINA, C., A Flor. In: IDEM, *Meu Livro de Cordel*, p. 19.

22 CORALINA, C., O quartel da polícia de Goiás. In: IDEM, *Vintém de Cobre. Meias Confissões de Aninha*, p. 186.

23 CORALINA, C., O chamado das pedras In: IDEM, *Meu Livro de Cordel*, p. 85.

Em um de seus escritos, nunca monotemáticos, mas sempre diversificados (seus textos são rizomas), há uma passagem em que Cora fala da dificuldade que significa ser simples e escrever, e do carinho que tem pela linguagem alheia:

(...) Detesto os que escrevem mal e publicam livros.
A linguagem escrita, simples e correta, deve dar a impressão
de alguém que sabe escrever.
A maior dificuldade para mim sempre foi escrever bem.
A minha maior angústia foi superar a minha ignorância.
Confesso com humildade essas verdades simples e grandes.
Sou mulher operária e essa segurança me engrandece,
É o meu apoio e uma legitimação do que sou realmente.

A linguagem errada dos humildes tem para mim um gosto de terra
e chão molhado e lenha partida.
Jamais procurei corrigi-los como jamais tolerei o bem falante, exibido.
Já o nordestino, mesmo analfabeto, tem uma linguagem corrente,
fácil e floreada, encenada nos arcaísmos do idioma.
Tive uma empregada que só dizia “meicado”.
Outra que teimou sempre em me dizer “Dona Coria”.
Não criei obstáculos nem propus conserto. No fim,
quando me dirigia à primeira eu dizia: vai ao “meicado”,
com medo de que ela se corrigisse. Achava aquilo saboroso,
como saborosa me pareceu sempre a linguagem dos simples.
Tão fácil, espontânea e pitoresca nos seus errados.²⁴

Uma outra idéia inédita e provocadora de Deleuze e Guattari, sobre a
atividade literária, já expressa no prefácio, é que escrever implica em um ato de saúde.
A escrita é um exercício de saúde. Não se escreve com patologias e nem com

24 CORALINA, C., Meu vintém perdido. In: IDEM, *Vintém de Cobre. Meias Confissões de Aninha*, p. 69.

neuroses. As patologias são, ao contrário, interrupção ao processo e ao fluxo da escrita. A patologia é estagnação do processo criativo. A escrita é “empreendimento de saúde”,

(...) que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, dando-lhe contudo devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis.(...) ²⁵.

Escreve-se porque se viu, se encontrou e se descobriu algo grande demais. Não algo referente apenas à própria vida, à própria história pessoal e familiar, mas referente à vida de uma coletividade. E porque não se consegue voltar ileso, pensa-se, cria-se personagens, precisa-se testemunhar em favor. Por conta disso, escreve-se. E ao se escrever, recria-se, reinventa-se um mundo, uma coletividade, um povo, uma nação... renegados em suas tradições. ²⁶

A escrita de Cora é emblemática. Cora resgata Goiás. Cora reinventa um povo. Reinventa um lugar, cujo percurso são os Becos de sua Cidade. Cora, ao trazer a sua infância, a sua escola, as suas necessidades e desejos, fala de uma coletividade sem voz e sem expressão. Conta a história de um mundo minoritário, paralelo, maldito, desprezível, esquecido. E faz isso com poesia.

E é nesse processo de se abrir-se a um fora, de agenciar-se com a vida, de se desterritorializar continuamente é que encontramos uma possibilidade, a partir do

25 DELEUZE, G., A literatura e a vida. In: IDEM, *Crítica e Clínica*, p. 14.

inédito e provocador desencadeado pelos autores, que diz respeito ao ato de escrever como possibilidade de emancipação.

Deleuze e Guattari postulam um conceito denominado *agenciamento coletivo de enunciação*:

26 IDEM, *Ibidem*, p. 14 e Abecedário, p. 29.

Não reconhecemos nem cientificidade nem ideologia, somente agenciamentos. O que existe são os agenciamentos maquínicos de desejo assim como os agenciamentos coletivos de enunciação. Sem significância e sem subjetivação: escrever a n (toda enunciação individuada permanece prisioneira das significações dominantes, todo desejo significante remete a sujeitos dominados)²⁷.

Os agenciamentos, como crescimento de dimensões numa multiplicidade (que, de acordo com conexões, muda a sua natureza), de natureza horizontal, referem-se, pois, a dois segmentos: ao *maquínico*, de conteúdo e afetações, e ao *coletivo de enunciação*, que tem a ver com a expressão dos enunciados. Zourabichvili observa, entretanto, que estaremos diante de um agenciamento *todas as vezes que pudermos identificar e descrever o acoplamento de um conjunto de relações materiais e de um regime de signos correspondentes*²⁸.

27 DELEUZE, G.; GUATTARI, F., Introdução: Rizoma. In: IDEM, *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*, p. 34.

28 ZOURABICHVILI, F., *O Vocabulário de Deleuze*, p. 20.

Mas os agenciamentos, para Deleuze e Guattari, são, juntamente com o acontecimento, anteriores e provocadores da subjetividade. Walter Kohan ressalta que, na ontologia deleuziana, *a subjetividade é derivada, posterior, efeito, de algo a-subjetivo*²⁹. Nessa perspectiva, agenciamentos e acontecimentos permitem um modo de subjetivação. As subjetivações são *processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades*.³⁰ E a dimensão subjetivante de um agenciamento constitui um território³¹.

Ainda que o indivíduo se constitua através dos agenciamentos, toda enunciação individuada, como disseram Deleuze e Guattari, acima citado, *permanece prisioneira das significações dominantes*. Não há sujeitos preexistentes a enunciados. Portanto, os dois segmentos de agenciamentos são coletivos. Zourabichvili irá ressaltar sua evidência coletiva:

29 KOHAN, W. O., A Infância da Educação: O conceito Devir-Criança. In:___ (org.) *Lugares da Filosofia: Infância*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 9.

30 DELEUZE, G.; GUATTARI, F., Introdução: Rizoma. In: IDEM, *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*, p. 8.

31 ZOURABICHVILI, F., *O Vocabulário de Deleuze*, p. 47.

Não nos iludiremos, portanto, quanto ao caráter coletivo do ‘agenciamento de enunciação’ que corresponde a um ‘agenciamento maquínico’: ele não é produzido ‘por’, mas ‘por’ natureza é para uma coletividade ³².

Deleuze e Guattari entendem, por ‘hecceidades’, modos de individuação sem sujeito.

Ao postularmos a temática da emancipação, não queremos nos opor a essa visão coletiva dos enunciados e dos aprisionamentos dominantes em cujo cruzamento nos inserimos. E nem mesmo queremos questionar o fato de que uma escrita seja sempre *inatribuível*. Entendemos que, ainda que uma autoria seja de natureza coletiva, vislumbramos traços possíveis – exatamente por isso! –, de que ela seja emancipadora. Não nos referimos à emancipação em uma perspectiva clássica, de fortalecimento de uma individualidade, de um ego e um sujeito, que se afirmam em contraposição a outros sujeitos e/ou objetos. Essa perspectiva, a clássica, foi-nos dada a conhecer como modelo histórico, reforçada no último século pela Psicologia. Segundo a física e filósofa Danah Zohar,

32 IDEM, *Ibidem*, p. 22.

o cerne conceitual da visão de Freud é que o mundo consiste em seres e objetos, cada qual estranho ao outro em virtude de uma diferenciação essencial. (...) Toda a psicologia freudiana é uma psicologia do individual e suas 'relações com o objeto'.³³

Na perspectiva de Deleuze e Guattari, uma emancipação não pode ser um fim, nem um estado a ser adquirido, nem um lugar de estabilidade. Uma emancipação se evidencia nos devires e nos agenciamentos e se expressa em cada desterritorialização e reterritorialização que a escrita parece possibilitar. A emancipação parece se dar à medida que nos permitimos, como rizomas e mapas, estarmos atentos às múltiplas entradas... estarmos atentos à importância de nos descentrarmos de uma lógica arborescente... Parece se dar... à medida que experimentamos a escrita como devir, que nos remete à zonas de vizinhança a-centradas e a-significantes... Parece se dar... à medida que nos transformamos em linhas de fuga... e mais do que preocupados em nos encontrarmos, tenhamos a coragem de abandonar o território, continuamente, fugindo e fazendo-nos fugir... Parece se dar... à medida que assumimos o nomadismo agenciador que busca velocidades que são adquiridas no meio... Parece se dar... à medida que assumimos uma potência nômade que nos possibilita reterritorializarmos num movimento permanente de desterritorialização ... Parece se dar... à medida que tenhamos a coragem de nos tornar órfãos e críticos de um Édipo, rompendo com o 'General', com o Uno, com o Pai, com a genealogia...

33 ZOHAR, D., *O Ser Quântico. Uma visão revolucionária da natureza humana e da consciência, baseada na nova física*. São Paulo: Editora Best Seller, 1990, p. 190.

À medida que tudo isso vai se dando, através da escrita, parece acontecer um processo de emancipação. Emancipação como saída de si e não chegada. Emancipação-reterritorialização, que supõe desterritorialização. Emancipação do “modelo” que temos de nós mesmos. Emancipação do *“espelho psicológico para o qual olhamos quando queremos saber quem somos e como devemos nos comportar”*³⁴. Emancipação como superação da árvore. *“Estamos cansados da árvore”*³⁵, podemos repetir com os autores.

34 IDEM, *Ibidem*, p. 190.

35 DELEUZE, G.; GUATARRI, F., Introdução: Rizoma. In: IDEM, *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*, p. 37.

Cora parece ter empreendido esse movimento. Cada vez que voltou à infância, não dobrou-se sobre si mesma e sua história, mas desterritorializou-se na infância do mundo. E reinventou esse mundo. E resgatou o desejo, já que ele se move e se produz por rizoma.³⁶ Desse lugar, experimentou potência e não sedentarismo. Cora suplantou a árvore. Fez-se rizoma, multiplicidade. E por isso renasceu como a “velha mais bonita de Goiás”.

Em sua poesia *A Flor*, Cora confessa o desafio que é fazer-se rizoma em um parto, aparentemente solitário. Enquanto diante de uma matriz fecundada, em plástico preto, apanhada num monte de entulho de lixeira, Cora “parteja” aquele bulbo e rizoma, como possibilidades, Seu Vicente o classifica, já o desclassificando, por ser algo meramente comum. E todos os outros, indiferentes e alheios:

“(…) Cebola brava” na botânica sapiente de Seu Vicente.

Oitenta e alguns avos de enxada e terra.

Sabedoria agra.

Afilhado do Padim Cícero.

Menosprezo pelas “flores”:

“De que val’isso?”

Displicente, exato, irredutível.

E eu, meu Deus, extasiada, vendo, sentindo e acompanhando,
fremente, aquela inesperada gestação.

_ Um bulbo, tubérculo, célula de vida rejeitada,
levada na hora certa à maternidade terra. (...)

Chamei a tantos...

36 IDEM, *Ibidem*, p. 23.

Indiferentes, alheios,
ninguém sentiu comigo
o mistério daquela liturgia floral.
Encerrada na custódia do botão,
ela se enfeita para os esponsais do sol.
Ela se penteia, se veste nupcial
para o esplendor de sua efêmera vida vegetal.
E foi assim que eu vi a flor.³⁷

Alcançar devires minoritários, entender a fala e a vida de um monte de lixo,
transitar nos Becos de Goiás, escrever sobre mulheres – caboclas, operárias,
lavradores, lavadeiras, meretrizes -, sobre urubus e rolinhas fogo-pagou, e sobre
crianças... custou-lhe um preço:

Tudo o que criei e defendi
nunca deu certo.
Nem foi aceito.
E eu perguntava a mim mesma
Por quê?

Quando menina,
ouvia dizer sem entender
quando coisa boa ou ruim
acontecía a alguém:
Fulano nasceu antes do tempo.
Guardai.

Tudo que criei, imaginei e defendi
nunca foi feito.
E eu dizia como ouvia

37 CORALINA, C., A Flor. In: IDEM, *Meu Livro de Cordel*, pp. 19-22.

A moda de consolo:
Nasci antes do tempo.

Alguém me retrucou.
Você nasceria sempre
antes do seu tempo.
Não entendi e disse Amém.³⁸

A sensação de “nascer antes do tempo” não deixa de ser, muitas vezes, sentimento de solidão, de inadequação, de exclusão. Em duas passagens, Cora escreve como, na circularidade dos platôs da vida, entre desterritorializações e reterritorializações, a passagem das vidas na temporalidade faz impingir marcas, evidenciando-nos multiplicidades:

(...) Daí, no fim da vida, esta cinza que me cobre... Este desejo obscuro, amargo, anárquico de me esconder, mudar o ser, não ser, sumir, desaparecer, e reaparecer, numa anônima criatura sem compromisso de classe, de família. (...) E nunca realizei nada na vida. Sempre a inferioridade me tolheu. E foi assim, sem luta, que me acomodei na mediocridade do meu destino.³⁹

(...) Talvez, por tudo isso e muito mais,
sinta dentro de mim, no fundo dos meus reservatórios secretos,
um vago desejo de analfabetismo.

38 CORALINA, C., Nasci Antes do Tempo. In: IDEM, *Vintém de Cobre. Meias Confissões de Aninha*, p. 57.

39 CORALINA, C., Minha Infância (Freudiana). In: IDEM, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, pp. 176-177.

Sobrevivi, me recompondo aos bocados,
À dura compreensão dos rígidos preconceitos do passado.⁴⁰

Como expressão de multiplicidade, Cora permanece nômade, errante, incansável, testemunhando em favor da vida. Assim, aconselha às futuras gerações. Para aqueles que desejam se tornar escritores, dá alguns conselhos. E ainda ressalta, aqui, um outro devir minoritário: a palavra pobre e o seu direito de figurar no verso:

Poeta, poetisa teu caminho.
Pega, segura com os dedos
da velha musa
o que resta de poesia
na transição da hora que passa.

Cuida bem da inspiração
que se despede por inútil.
Cuidado com o adjetivo:
traíçoeiro, corriqueiro,
se insinua libidinoso,
nu, esfarrapado, sem pudor.

Olha a rima indigente, forçada,
forçando tropeçante.
O verso desvalido, maltrapilho.
A palavra truncada.
O palavrão da moda. O jargão.
A frase feita.
O advérbio desgastado
pedindo esquecimento e
posterior recuperação.

40 CORALINA, C., Cora Coralina, quem é você? In: IDEM, *Meu Livro de Cordel*, pp. 73-76.

Atenção, muita atenção!
Sem ser chamada - a palavra vulgar,
esmolambada, sabereta
vem, e vem para ficar.

A palavra pobre...
(Coitadinha da palavra pobre!)
Também tem o seu direito
de figurar no verso.

Tudo isso, mais um
conteúdo miúdo que seja
e serás Poeta.⁴¹

Em outro texto evidencia que por trás da palavra, inspirada e pronunciada,
precisa haver vida, experiência, rizomas:

(...) Alguns vêm a mim.
Querem a palavra, o incentivo, a apreciação.
Que dizer a um jovem ansioso na sede precoce de lançar um livro...
Tão pobre ainda a sua bagagem cultural,
tão restrito o seu vocabulário,
enxugando lágrimas que não chorou,
dores que não sentiu,
sofrimentos imaginários que não experimentou.

Falam exaltados de fome e saudades, tão desgastadas
de tantos já passados.
Primário nos rudimentos de sua escrita
e aquela pressa moça de subir.

41 CORALINA, C., Oferta – aos novos que poetizam. In: IDEM, *Meu Livro de Cordel*, pp. 97-98.

Alcançar estatura de poeta, publicar um livro.

Oriento para a leitura, reescrever,

processar seus dados concretos.

Não fechar o caminho, não negar possibilidades.

É a linguagem deles, seus sonhos.

A escola não os ajudou, inculcados, eles.(...)⁴²

Para os desanimados, também tem uma palavra de conselho, extraída do meio de seus rizomas. Neste conselho, Cora evidencia que poemas não se fazem só com a escrita. É possível fazer da vida um poema. Para isso, é preciso recriá-la sempre e sempre:

Não te deixes destruir...

Ajuntando novas pedras

E construindo novos poemas.

Recria tua vida, sempre, sempre.

Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.

Faz de tua vida mesquinha um poema.

E viverás no coração dos jovens

E na memória das gerações que hão de vir.

Esta fonte é para uso de todos os sedentos.

Toma a tua parte.

Vem a estas páginas

E não entres seu uso

42 CORALINA, C., O poeta e a poesia. In: IDEM, *Vintém de Cobre. Meias Confissões de Aninha*, p. 191-192.

Aos que têm sede.⁴³

Cora Coralina, Gilles Deleuze e Félix Guattari... autores diferentes, de tempos, épocas, lógicas e culturas diferentes. Cora Coralina escreve: uma escrita que nasce de um contexto e um olhar diferentes. Gilles Deleuze e Félix Guattari pensam a escrita a partir de um contexto e de olhares diferentes. Que possibilidades emergiram, emergem e emergirão desse encontro? Que velocidade pode emergir desse meio? Tais perguntas permanecem animando muitas travessias...

43 CORALINA, C., Aninha e suas pedras (1981). In: IDEM, *Vintém de Cobre. Meias Confissões de Aninha*, p. 139.

Considerações...

Promover agenciamentos – com enfoque filosófico-literário-poético - entre Gilles Deleuze, Félix Guattari e Cora Coralina e experimentar tais percursos - não preexistentes - foi uma tarefa desafiadora, mas extremamente prazerosa. Proporcionou-me muitos encontros e muitas possibilidades.

Sobre a aproximação com Deleuze e Guattari eu poderia dizer que tal agenciamento inaugurou um imenso encontro-devir. Eles são muitos e sempre vastíssimos. Às vezes diferentes. E sempre difíceis à minha lógica. Mas penso que seus conceitos e mais – seu jeito ‘sóbrio’ de se colocarem diante do pensamento e de conceitos -, inauguraram uma perspectiva inédita. Para falar da densidade desse encontro, tomo emprestado, de Cora, as suas palavras em relação aos versos. Seus conceitos “têm relance de enxada, gume de foice e peso de machado”. Causaram dor, desconforto e desestabilização, mas admito que tais conceitos abriram tantas clareiras e sendas nos percursos meus pensamentos, que deixei o antigo território quase sem perceber e me encontro em busca de outros. Depois de tantas desterritorializações, já não sou mais a mesma.

E nesse ‘deserto’, caminhar ao lado de Cora Coralina foi uma experiência totalmente reterritorializante – até mesmo porque Cora é minha companheira de outras travessias escuras... Embora, de certa forma, eu já me sentisse próxima de Cora Coralina, tenho a consciência de que encontrei uma Cora e uma escrita totalmente inéditas, motivadas pelos conceitos de Deleuze e Guattari. Como disse, uma quase

‘justiça literária’: dar à luz a uma Cora Coralina que já existia, mas que ainda não havia sido parida. Tal encontro foi mais promissor que todos os outros. Encontrei uma Cora multiplicidade! E fico pensando nas palavras do meu orientador: não seria interessante buscarmos outros escritores e poetas para promovermos agenciamentos com Deleuze e Guattari? Tal proposta parece tentadora...

Porque tinha a consciência da importância de deixar-me atravessar pelo método ‘antimétodo’ do rizoma, e estava disposta a permitir-me desocupar um lugar de saber, para tatear outro, desconhecido, não me deixei levar pelo *a priori* de que uma dissertação é uma tarefa muito pesada. No fundo, pesada ou leve, na visão de Deleuze e Guattari, uma dissertação não passa de um agenciamento entre tantas outros. E tal processo acabou sendo extremamente prazeroso. Rizoma de ramificações infindas.

“Velocidade que se adquire no meio”: foi exatamente o que experimentei promovendo esses agenciamentos e buscando escrever em forma de platôs. Até o último momento de elaboração, os platôs interagiram, mudaram de lugar, mesclaram-se uns aos outros, deram lugar a outros, surgiram repentinamente... e... continuam interagindo, em cada releitura. Escrevi-os simultaneamente, sem me sentir minimamente confusa. Descobri que é possível experimentar outras lógicas com seriedade.

Atravessamos um tempo de muitas crises: política, econômica, étnica, religiosa, social, de gênero e ecológica. No meio de todas, encontra-se uma crise de

paradigmas, que denuncia um modelo civilizatório e relacional. A lógica arborescente e genealógica – quase ‘convencional – não tem oferecido respostas que ultrapassem um convencional, no sentido da criação de novos modelos.

A presente dissertação pretendeu ser um ensaio-experiência de se trabalhar com a lógica do *rizoma*, escrevendo em *platôs*. Mais aproximação que chegada. Tenho a consciência de que os *agenciamentos* propostos não são os únicos e são faltantes. Mas quis dar um passo para fora dos territórios historicamente sedimentados, evidenciando *linhas de fuga* e iniciando movimentos de *desterritorialização*. O pensamento tem direito à liberdade! Temos direito de conceder ao pensamento deixar o *território da árvore*, para enxergar outros horizontes, outros percursos e outros territórios, ainda que precisemos reaprender tudo.

Nesse horizonte, pensadores como Deleuze e Guattari, desconstroem os territórios de nossas convencionais certezas e nos convidam a experimentar devires minoritários – sobretudo um devir-infância -, que nos conduzam para outros territórios, a serem construídos, *terras desconhecidas, virgens de Édipo, que o Anti-Édipo tinha apenas visto de longe sem nelas penetrar*⁴⁴.

A perspectiva que apresentamos é, sobretudo, *dialógica*. Convidamos a muitos para que possam dialogar conosco e ensaiar outras experiências,

44 DELEUZE, G.; GUATTARI, F., Introdução: Rizoma. In: IDEM, *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*, p. 7.

complementares e menos faltantes, proporcionando, ao pensamento, a possibilidade de transitar entre outras lógicas, mais inclusivas, relacionais e solidárias, menos formais e lineares.

Um devir-infância que nos possibilite renovar o nosso olhar e os nossos pés entre os territórios da vida, em busca de novas terras: essa foi a maior aquisição desse agenciamento entre Deleuze, Guattari e Cora. A eles sou muito grata!

Certamente permanece um ‘desconforto’, herança de uma lógica proeminentemente arbórea: uma sensação de que se concluiu pouco, de que falta um ‘essencial’, como ápice, de que evidências deveriam ter sido mais enfatizadas. Ainda nesse caso, nas palavras de Cora Coralina encontro ‘conforto’:

Tanto papel escrito, tanta coisa inútil.

Se tudo já foi dito, o que ficou para mim?

A palavra nova...

Como será?

Mesmo nova será nascida de um arcaísmo.

Neste livro, o que terá valor?

O que ficou sem escrever.⁴⁵

45 CORALINA, C., Meu Amigo (In memoriam). In: IDEM, *Vintém de Cobre. Meias Confissões de Aninha*, p. 187.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, C. D. de, **Cora Coralina, de Goiás**. In: CORALINA, C., **Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha**. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1995, pp. 21-22.

CORALINA, C., **Aninha e suas pedras (1981)**. In: IDEM, **Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha**. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1995, p. 139.

___ **Cântico Excelso**. In: IDEM, **Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha**. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1995, p. 41.

___ **Carta de Drummond**. In: IDEM, **Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha**. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1991, p. 23.

___ **Criança**. In: IDEM, **Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha**. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1991, pp. 106-107.

___ **Este livro, meias confissões de Aninha**. In: IDEM, **Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha**. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1995, p. 43.

___ **A Gleba me transfigura**. In: IDEM, **Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha**. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1995, pp. 108-110.

___ **Mestra Silvina**. In: IDEM, **Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha**. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1995, pp. 123-124.

___ **Meu Amigo: In memoriam**. In: IDEM, **Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha**. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1995, pp. 187-188.

___ **Meu vintém perdido**. In: IDEM, **Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha**. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1995, pp. 68-69.

___ **Moinho do Tempo**. In: IDEM, **Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha**. 5. ed. São Paulo: Global Editora, pp. 52-56.

___ **Nasci Antes do Tempo**. In: IDEM, **Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha**. 5. ed. São Paulo: Global Editora, p. 57.

___ **Normas de Educação**. In: IDEM, **Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha**. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1991, pp. 119-122.

___ **O poeta e a poesia**. In: IDEM, **Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha**. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1995, p. 191-192.

- ___ **O quartel da polícia de Goiás.** In: IDEM, **Vintém de Cobre:** Meias Confissões de Aninha. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1995, pp. 185-186.
- ___ **Recados de Aninha – I.** In: IDEM, **Vintém de Cobre:** Meias Confissões de Aninha. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1995, pp. 152-153.
- ___ **Semente e Fruto.** In: IDEM, **Vintém de Cobre:** Meias Confissões de Aninha. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1995, pp. 84-85.
- ___ **Voltei.** In: IDEM, **Vintém de Cobre:** Meias Confissões de Aninha. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1995, p. 127.
- ___ **A Flor.** In: IDEM, **Meu Livro de Cordel.** 6. ed. São Paulo: Global Editora, 1986, pp. 19-22.
- ___ **Cora Coralina, quem é você?** In: IDEM, **Meu Livro de Cordel.** 6. ed. São Paulo: Global Editora, pp. 73-76.
- ___ **Das Pedras.** In: IDEM, **Meu Livro de Cordel.** 6. ed. São Paulo: Global Editora, p. 13.
- ___ **Mãe Didi.** In: IDEM, **Meu Livro de Cordel.** 6. ed. São Paulo: Global Editora, pp. 93-94.
- ___ **Meu Epitáfio.** In: IDEM, **Meu Livro de Cordel.** 6. ed. São Paulo: Global Editora, p. 95.
- ___ **Não conte pra ninguém.** In: IDEM, **Meu Livro de Cordel.** 6. ed. São Paulo: Global Editora, 1986, pp. 90-91.
- ___ **O Chamado das Pedras.** In: IDEM, **Meu Livro de Cordel.** 6. ed. São Paulo: Global Editora, pp. 84-85.
- ___ **Oferta – aos novos que poetizam.** In: IDEM, **Meu Livro de Cordel.** 6. ed. São Paulo: Global Editora, pp. 97-98.
- ___ **Rio Vermelho.** In: IDEM, **Meu Livro de Cordel.** 6. ed. São Paulo: Global Editora, pp. 44-46.
- ___ **Vida das Lavadeiras.** In: IDEM, **Meu Livro de Cordel.** São Paulo: Global Editora, p. 59.
- ___ **Antiguidades.** In: IDEM, **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais.** 18. ed. São Paulo: Global Editora, 1985, pp. 53-57.
- ___ **Becos de Goiás.** In: IDEM, **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais.** 18. ed. São Paulo: Global Editora, pp. 103-106.
- ___ **Do Beco da Vila Rica.** In: IDEM, **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais.** 18. ed. São Paulo: Global Editora, 1985, pp. 107-116.

___ **Poema do Milho.** In: IDEM, **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais.** 18. ed. São Paulo: Global Editora, 1985, pp. 165-172.

___ **Este Livro.** In: IDEM, **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais.** 18. ed. São Paulo: Global Editora, 1985, p. 37.

___ **Minha Cidade.** In: IDEM, **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais.** 18. ed. São Paulo: Global Editora, 1986, pp. 47-49.

___ **Minha Infância (Freudiana).** In: IDEM, **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais.** 18. ed. São Paulo: Global Editora, 1985, pp. 176-177.

___ **O Beco da Escola.** In: IDEM, **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais.** 18. ed. São Paulo: Global Editora, 1985, pp. 117-120.

___ **Oração do milho.** In: IDEM, **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais.** 18. ed. São Paulo: Global Editora, pp. 163-164.

___ **Ode às Muletas.** In: IDEM, **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais.** 18. ed. São Paulo: Global Editora, pp. 193-197.

___ **O Palácio dos Arcos.** In: IDEM, **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais.** 18. ed. São Paulo: Global Editora, 1985, pp. 129-132.

___ **Oração do Pequeno Delinqüente.** In: IDEM, **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais.** 18. ed. São Paulo: Global Editora, pp. 233-234.

___ **Rio Vermelho.** In: IDEM, **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais.** 18. ed. São Paulo: Global Editora, 1985, pp. 91-94.

___ **Todas as Vidas.** In: IDEM, **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais.** 18. ed. São Paulo: Global Editora, pp. 45-46.

___ **Aquela Gente Antiga I.** In: DENÓFRIO, D. F., **Cora Coralina.** São Paulo: Global Editora, 2004 (Coleção 'Melhores Poemas'), p. 144.

___ **Mestra Silvina.** In: DENÓFRIO, D. F., **Cora Coralina.** São Paulo: Global Editora, 2004 (Coleção 'Melhores Poemas'), pp.117-118.

___ **Normas de Educação.** In: DENÓFRIO, D. F., **Cora Coralina.** São Paulo, Global Editora, 2004 (Coleção 'Melhores Poemas'), pp. 151-157.

___ **Ontem.** In: DENÓFRIO, D. F., **Cora Coralina.** São Paulo, Global Editora, 2004, (Coleção 'Melhores Poemas'), pp. 161-162.

___ **Casa Velha da Ponte.** In: IDEM, **Estórias da Casa Velha da Ponte.** 7. ed. São Paulo: Global Editora, p. 11.

DELEUZE, G., **L' Abécédáire de Gilles Deleuze.** L - Littérature. Paris: Editions Montparnasse, 1997. Vídeo. Editado no Brasil pelo Ministério da Educação. "TV Escola", 2001.

___ G., **L' Abécédáire de Gilles Deleuze**. E - Enfance. Paris: Editions Montparnasse, 1997. Vídeo. Editado no Brasil pelo Ministério da Educação. "TV Escola", 2001.

DELEUZE, G., **A Literatura e a Vida**. In: IDEM, **Crítica e Clínica**. Trad. P. PÁL PELBART. São Paulo: Editora 34, 1995, reed. 2004 (Coleção Trans).

___ **Entrevista sobre Mille Plateaux**. In: IDEM, **Conversações, 1972-1990**. São Paulo: Editora 34, 4. reimpr. 2004 (Coleção Trans).

DELEUZE, G.; GUATTARI, F., **Introdução: Rizoma**. In: IDEM, **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995 (Coleção Trans).

___ **1914 – Um só ou vários lobos?** In: IDEM, **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995 (Coleção Trans).

DELEUZE, G.; PARNET, C., **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

FAIRCLOUGH, N., **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora UNB, 2001.

KOHAN, W. O., A Infância da Educação: O conceito Devir-Criança. In:___ (org.) **Lugares da Filosofia: Infância**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 51-68.

NEGRI, T.; GUATTARI, F.; **Las verdades nômadicas**: Por nuevos espacios de libertad. Donostia: Tercera Prensa-Hirugarren Prentsa S.L., 1996 (Gak@a Liburuak 28).

OSHO, **Uma Parábola sobre a Ambição e a Pressa**. In: IDEM, **O Livro da Transformação: Histórias e parábolas das grandes tradições espirituais para iluminar sua vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.

TAHAN, A. M., Aventureira e Libertária. **Jornal do Brasil**, 12 de janeiro de 2002, Caderno Idéias, p.2.

ZOHAR, D., **O Ser Quântico**: Uma visão revolucionária da natureza humana e da consciência, baseada na nova física. São Paulo: Editora Best Seller, 1990.

ZOURABICHVILI, F., **O Vocabulário de Deleuze**. Trad. A. TELLES. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

ZOURABICHVILI, F., Deleuze e a questão da literalidade. In: **Educação & Sociedade**, v.26, 2005, no prelo.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)